



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Anabela Soares de Sousa Loureiro

**A Cidade também é nossa:
Jardim de Infância, espaço urbano e
educação para a cidadania**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Anabela Soares de Sousa Loureiro

**A Cidade também é nossa:
Jardim de Infância, espaço urbano e
educação para a cidadania**

Dissertação de Mestrado em Sociologia da Infância

Trabalho realizado sob a orientação do
Professor Doutor Manuel Jacinto Sarmento
e co-orientação do
Doutor Jean Martin Rabot

Setembro de 2010

DECLARAÇÃO

Nome: Anabela Soares de Sousa Loureiro

Endereço electrónico: anabela4@gmail.com

Título da dissertação de mestrado: A Cidade também é nossa: jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Orientador: Professor Doutor Manuel José Jacinto Sarmiento Pereira

Co-Orientador: Doutor Jean Martin Rabot

Ano de Conclusão: 2010

Designação do Mestrado: Sociologia da Infância

Declaração:

É autorizada a reprodução parcial/integral desta Tese, excepto as Fotografias com crianças, assim como a consulta apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Universidade do Minho, ____/____/____

Anabela Soares de Sousa Loureiro

DEDICATÓRIA

Aos dois amores da minha vida:

meu filho Gabriel, cujo amor me dá força para continuar a lutar...

minha filha, Filipa, cuja alegria me inspira...

À minha estrela:

minha amiga Maria Dulce, que sempre me encorajou a prosseguir, mesmo quando os obstáculos eram difíceis de contornar e o desânimo tomava conta de mim.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que ao longo deste percurso contribuíram para que uma ideia se tornasse num projecto de tese, um sonho pessoal e profissional que se tornou realidade. Os meus sinceros agradecimentos...

Aos “meus” meninos que comigo trilharam este caminho. Espero ter conseguido exprimir no presente texto tudo aquilo que vivenciamos juntos, onde a alegria e o entusiasmo foram uma constante.

À Clara que se mostrou sempre disponível, colaborando diariamente para que o projecto se concretizasse, sem o seu apoio as actividades não teriam sido realizadas dentro do tempo previsto e com os resultados esperados.

Às minhas colegas educadoras que me incentivaram a prosseguir a investigação, sobretudo quando alguns obstáculos se depararam, partilhando ideias e opiniões acerca da investigação em curso.

Ao meu orientador, Professor Doutor Manuel Sarmento, e co-orientador Doutor Jean Martin Rabot por serem modelos de ética, competência e sensibilidade. A sua orientação e amizade foram fundamentais neste percurso.

Um especial agradecimento à minha amiga, Juliana Pires cuja disponibilidade e incentivo, nos momentos de maiores dúvidas e incertezas, foram cruciais para o aprimoramento desse trabalho. E ao Frederico Marques, pela sua disponibilidade para formatar a dissertação.

Finalmente, um agradecimento à minha família e amigos, em especial...

Ao meu filho, Gabriel, e à minha filha Filipa que me fizeram acreditar que vale a pena ouvir a “voz das crianças”, pois o seu apoio e carinho fizeram-me acreditar que os sonhos são para ser vividos.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional e em especial pelo apoio que me deram na educação dos meus filhos.

Aos meus amigos, especialmente à Maria Dulce minha madrinha de coração, à D. Fernanda e ao Jorge, por estarem sempre disponíveis para me ouvirem, o meu muito obrigado.

E para aqueles que não acreditavam que valia a pena, o meu obrigada também, pois fizeram-me acreditar que, por mais obstáculos com que me fui deparando, vale a pena arriscar. O enriquecimento pessoal, só por si, é motivo de orgulho.

RESUMO

A dissertação *A cidade também é nossa. Jardim de Infância, espaço e educação para a cidadania* tem como objectivos gerais a compreensão das representações e práticas das crianças do jardim-de-infância acerca da cidade; a promoção de comportamentos e práticas sobre a cidade; o desenvolvimento de expositivos e de competências de participação das crianças na cidade.

A investigação parte do pressuposto de que a cidade deve contribuir para a formação da cidadania nas crianças, enquanto actores sociais e, como tal, necessita da sua opinião e participação. É preciso dar voz às crianças.

Nesse sentido a dissertação constrói-se a partir da conjugação de vários pontos de referência: utiliza como base teórica os contributos da Sociologia da Infância, área de conhecimento que busca conhecer as crianças e a infância a partir do seu próprio campo, das suas próprias culturas e ainda, a Sociologia Urbana que estuda as transformações que ocorrem nos espaços urbanos e as consequências que daí advêm nas interacções sociais produzidas na sociedade; recorre ao método qualitativo pois é aquele que vai permitir alcançar os objectivos traçados, isto é, conhecer, analisar, esquematizar e generalizar alguns aspectos do processo de construção de novos conhecimentos e de práticas de cidadania das crianças no espaço urbano.

A metodologia utilizada é a investigação e intervenção com crianças, pois o investigador/educador observa e interage sistematicamente com elas. O contexto da investigação é uma sala de um jardim de Infância na cidade de Braga. Com o intuito de alcançar os objectivos propostos, foi utilizada a observação participante e os registos sistemáticos das dinâmicas observadas que permitiram a utilização de diversas técnicas auxiliares.

A dissertação demonstra que ainda há um grande caminho a percorrer. As cidades de hoje ainda estão longe de proporcionarem uma cidadania participativa onde haja um envolvimento efectivo das crianças. As crianças como actores sociais, como produtoras culturais, que são, poderiam intervir com a sua opinião na política da cidade, se da parte do poder político existisse uma maior abertura. Os Jardins-de-infância são instâncias educativas que promovem a cidadania, onde a voz da criança é ouvida e tida em atenção.

Palavras-chave: Criança, cidade, cidadania, jardim-de-infância, espaço urbano, participação.

ABSTRACT

The dissertation *The City is Also Ours. Kindergarten, Space and Education for the Citizenry* has as its general objectives the understanding of the varied representations and daily practices of the children in kindergarten about the city; the promoting of behavior and practices about the city; the development of the expositions and the capabilities of the participating children in the city.

The research begins with the presupposition that the city must contribute to the instilling of citizenship in children, while participating social actors, and as such, it needs their opinion and involvement. The children must have a voice.

In this sense, the dissertation is built around several points of reference: It uses as a theoretical base the contribution of the “Childhood Sociology”, that is from the well known area which attempts to understand children and their childhood through their own environment, their own culture and even, the Urban Sociology which studies the transformations which occur in urban spaces and the consequences attendant in social interactions produced in society; the qualitative method employed is the one that will allow us to achieve the outlined objectives, that is, to know, to analyze, to schematize, and to generate some aspects of the process of the construction of the new discoveries and the practice of citizenship by the children in an urban setting.

The methodology used is the research and the intervention with children, because the researcher/educator observes and interacts systematically with them. The context of the research is a kindergarten classroom in the city of Braga. In order to reach the aim, proposed objectives, participatory observation was used, systematic records were kept of the observed dynamics, which allowed for the utilization of several auxiliary techniques.

The dissertation demonstrates that there is still a long way to go. The cities of today are still far from being able to offer conditions where the real involvement on the part of the children is possible. They as active social beings and producers of cultural activities can have a real impact on the politics of the city if those with political power were more open to new ideas. Kindergarten, in general, is a place which promotes citizenship, where the children's voice is heard and taken seriously.

Keywords: Child, city, citizenship, kindergarten, urban space, participation.

RÉSUMÉ

Le mémoire La ville est aussi à nous. Crèche, espace et éducation pour la citoyenneté a pour objectifs principaux la compréhension des représentations et des pratiques des enfants en crèche se rapportant à la ville; la promotion de comportements et de pratiques concernant la ville; le développement de compétences de participation des enfants à la ville.

La recherche part du présupposé que la ville doit contribuer à la formation de la citoyenneté chez les enfants, en tant qu'acteurs sociaux, et qu'elle a en conséquence besoin de leur opinion et de leur participation. Il est nécessaire de donner la parole aux enfants.

En ce sens, le mémoire s'échafaude à partir de la conjugaison de plusieurs points de référence : il utilise comme base théorique, d'une part, les contributions de la Sociologie de l'Enfance, segment de connaissance qui appréhende les enfants et l'enfance à partir de leur propre champ, de leur propre culture et, d'autre part, de la Sociologie Urbaine qui étudie les transformations qui se produisent dans les espaces urbains et les conséquences qui en dérivent dans les interactions sociales produites dans la société; il fait appel à la méthode qualitative, une méthode qui va permettre d'atteindre les objectifs tracés, c'est-à-dire de connaître, d'analyser, de schématiser et de généraliser quelques aspects du processus de construction de nouvelles connaissances et de pratiques de la citoyenneté des enfants dans l'espace urbain.

La méthodologie utilisée est la recherche et l'intervention avec des enfants, en ce sens que le chercheur/éducateur observe et interagit systématiquement avec eux. Le contexte de la recherche est une salle de crèche dans la ville de Braga. Dans le but d'atteindre les objectifs proposés, l'observation participante a été mise en œuvre ainsi que l'enregistrement systématique des dynamiques observées qui ont permis l'utilisation de diverses techniques auxiliaires.

Le mémoire démontre également qu'il reste un grand chemin à parcourir. Les villes d'aujourd'hui sont encore loin de procurer une citoyenneté participative avec le concours effectif des enfants. Les enfants, en tant qu'acteurs sociaux, en tant que producteurs de culture, pourraient intervenir dans la politique de la ville en donnant leur opinion, si de la part du pouvoir politique il existait une plus grande ouverture.

Les crèches sont des instances éducatives qui promeuvent la citoyenneté, où la parole de l'enfant est entendue et prise en compte.

Mots-clés: Enfant, ville, citoyenneté, crèche, espace urbain, participation.

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA.....	III
AGRADECIMENTOS	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
RÉSUMÉ	VII

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

CAPÍTULO I: Orientação metodológica, técnicas e métodos

1. Orientação metodológica, técnicas e métodos.....	7
1.1. Método Qualitativo.....	7
1.2. Investigação e intervenção com crianças	8
1.3. Desenhos das crianças e a sua importância para a investigação	11
1.4. Fotografias tiradas pelas crianças	12
1.5. Entrevista Focus Group.....	14
1.6. Contexto da investigação	14
1.6.1. Caracterização do Centro Social da Paróquia de Ferreiros.....	16
1.6.2. Jardim de Infância	16
1.6.3. Recursos físicos	16
1.6.4. Recursos Humanos	17
1.6.5. Recursos tecnológicos.....	17
1.6.6. Caracterização do grupo – A sala do Teatro de Sombras (4 anos).....	17
1.6.7. Participação da Família	18
1.6.8. Meios de transporte	18
1.7. Síntese e conclusão.....	19

CAPÍTULO II: A Cidade e as Crianças

2. A cidade e as crianças.....	23
2.1. A cidade contemporânea e a transformação do espaço urbano	23
2.2. A cidade essa (des)conhecida das crianças.....	29
2.3. As primeiras impressões que as crianças têm acerca da cidade.....	34

2.4. Representações Sociais dos Pais acerca da cidade	38
2.5. Síntese e conclusão.....	40

CAPÍTULO III: A cidadania e as culturas da infância

3. A cidadania e os pilares das culturas da infância.....	43
3.1. Conceito de cidadania	43
3.1.1. O bilhete de Identidade – A brincar também se aprende a ser cidadão.	44
3.1.2. Cartaz “A cidade é de todos e para todos”	49
3.2. As culturas da infância – conceitos e fundamentos	53
3.2.1. Brincadeiras espontâneas versus jogos programados no Largo do Município.....	55
3.3. Brincadeiras, jogos, espaços de lazer e a sua contribuição para a cidadania.	58
3.4. Síntese e conclusão.....	64

CAPÍTULO IV: A cidade e as práticas sociais infantis

4. A cidade e as práticas sociais infantis	69
4.1. As rotinas diárias das crianças no espaço urbano	69
4.1.1. Ida para a piscina - rotina semanal do Jardim.....	71
4.2. Síntese e conclusão.....	75

CAPÍTULO V: Jardim-de-infância e as crianças

5. Jardim-de-infância e as crianças	79
5.1. A contribuição do Jardim-de-infância para a promoção do ser social.....	79
5.2. Actividades desenvolvidas no jardim-de-infância para a promoção das crianças enquanto actores sociais.....	83
5.2.1. A rua principal da Instituição – explorando o espaço físico.	84
5.2.2. A Rua secundária da instituição – sensações e percepções.....	89
5.2.3. - A Passadeira primeiro passo na aquisição de um bom hábito	92
5.2.4. A Rua da minha casa – espaço de passagem ou de brincadeira	94
5.3. Maquete a nossa cidade.....	101
5.3.1. O Projecto.....	101
5.3.2. As casas da cidade	109
5.3.3. As ruas	111
5.3.4. O Ecoponto, os jardins e as árvores.....	111

5.3.5. O Rio Este.....	113
5.3.6. Os transportes	115
5.3.7. O parque Infantil	117
5.3.8. As crianças, as pessoas e o parque dos animais.....	119
5.4. Síntese e conclusão.....	122

CAPÍTULO VI: A criança e a política da cidade

6. A política da cidade e a Criança.....	127
6.1. O espaço da criança na política da cidade	127
6.1.1. Participação das crianças no Desfile de Carnaval.....	129
6.2. A Cidade proporcionadora de cultura e lazer para os mais novos?	134
6.3. Síntese e conclusão.....	135

CONCLUSÃO	137
-----------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	141
---------------------------------	-----

WEBGRAFIA.....	147
----------------	-----

ANEXOS

Anexo 1 – Declaração das crianças.....	151
Anexo 2 – Autorização dos pais	152
Anexo 3 – Pedido de autorização para realização de investigação.....	153
Anexo 4 – Guião de entrevista.....	157
Anexo 5 – Opinião dos pais encarregados de educação acerca dos parques infantis da cidade de Braga	158
Anexo 6 – Ofício da Câmara Municipal de Braga	164
Anexo 7 – Cartaz “A minha rua” elaborado pelas crianças	165
Anexo 8 – Fases de construção da maquete “A cidade dos meninos”.....	166

ÍNDICE DE IMAGENS

Fotografia nº 1 Rua do Souto	50
Fotografia nº 2 Avenida Central – Arcada e Chafariz.....	50
Fotografia nº 3 – Lago do Parque da Ponte	50
Fotografia nº 4 - Rio Este	51
Fotografia nº 5 - Ecoponto	51

Fotografia nº 6 - Garagem da TUB.....	52
Fotografia nº 7 – Mesas no parque infantil	52
Fotografia nº 8 - Crianças em situação de pequeno grupo a comentarem as Fotografias	52
Fotografia nº 9 - Crianças a brincar espontaneamente na Praça do Município	56
Fotografia nº 10 - Plataforma do equipamento danificada	60
Fotografia nº 11 – Subida do escorrega rompida.....	60
Fotografia nº 12- Pavimento do parque danificado.....	61
Fotografia nº 13 - Crianças a confraternizar no corredor da piscina Autor:	73
Fotografia nº 14 - Crianças a atravessarem a passadeira junto à instituição	93
Fotografia nº 15	95
Fotografia nº 16	95
Fotografia nº 17	96
Fotografia nº 18	96
Fotografia nº 19	96
Fotografia nº 20	97
Fotografia nº 21	97
Fotografia nº 22	97
Fotografia nº 23	97
Fotografia nº 24	98
Fotografia nº 25	98
Fotografias nº 26 e 27 - Crianças a brincar na área das construções e a alertar o educador e as outras crianças para a “mortandade” dos peixes do Rio Este.	115
Fotografia nº 28 – Maquete exposta na sala de acolhimento	122
Fotografia nº 29 – Pormenores da cidade	122
Fotografia nº 30 parque infantil da maquete.....	122
Fotografia nº 31	132
DESENHO Nº 1	87
DESENHO Nº 2	87
DESENHO Nº 3	87
DESENHO Nº 4	87
DESENHO Nº 5	88
DESENHO Nº 6	88

DESENHO N° 7	88
DESENHO N° 8	88
DESENHO N° 9	89
DESENHO N° 10	104
DESENHO N° 11	104
DESENHO N° 12	104
DESENHO N° 13	104
DESENHO N° 14	104
DESENHO N° 15	105
DESENHO N° 16	105
DESENHO N° 17	105
DESENHO N° 18	106
DESENHO N° 19	106
DESENHO N° 20	106
DESENHO N° 21	106
DESENHO N° 22	106
DESENHO N° 23	106
DESENHO N° 24	106
DESENHO N° 25	106
DESENHO N° 26	107
DESENHO N° 27	107
DESENHO N° 28	107
DESENHO N° 29	107
DESENHO N° 30	107
DESENHO N° 31	107
DESENHO N° 32	107
DESENHO N° 33	108
DESENHO N° 34	108
DESENHO N° 35	108
DESENHO N° 36	108
DESENHO N° 37	108
Desenho n° 39.....	109

INTRODUÇÃO

A escolha deste tema prende-se com o facto de muitas vezes nos questionarmos acerca do que é feito dos espaços públicos, onde, outrora, muitos de nós brincávamos sem nos preocuparmos com os perigos. Quantos de nós recordamos a nossa infância em que prevalecia a criatividade na apropriação do espaço urbano nas suas mais variadas formas de brincar, onde a rua era o espaço de excelência dessas brincadeiras.

Perspectivar a cidade através do olhar da criança permitirá, provavelmente, analisar o passado, pensar o presente e projectar o futuro, para que todos possamos viver juntos na mesma cidade, “eu não quero uma Cidade da Infância. Eu quero uma cidade onde as crianças possam viver no mesmo mundo que eu”. (Ward, 1978: 204 in Christensen, 2003: 1).

“Infantilizar” as crianças não cria cidadãos capazes de interferir na organização de uma sociedade mais consciente e democrática, antes pelo contrário torna-as cada vez mais dependentes do adulto não lhes permitindo descobrir o que o mundo tem para elas explorarem, sentirem e vivenciarem.

Na idade pré-escolar a criança está na chamada idade dos porquês e do faz-de-conta, é a idade em que a criança começa a se relacionar mais com os outros e a interagir com eles, descobrindo tudo o que a rodeia, alargando assim cada vez mais o seu leque de conhecimentos. Daí que, através da investigação, descobriremos com elas este mundo interessante e maravilhoso que nos rodeia.

Segundo Lee Shulman (cit. in Graue e Walsh), “a finalidade da investigação é ficarmos a saber mais acerca do mundo para podermos torná-lo um pouco melhor” (2003: 9). Esta investigação, longe de estar acabada e ser pedagogicamente uma verdade absoluta, tenta elucidar e descobrir com as crianças a necessidade de poderem participar em algo que às vezes lhe é vedado. Pelo menos, podemos afirmar ter conseguido ficar a saber muito mais sobre o que nos rodeia e como podemos fazer ouvir a sua voz. Ao longo desta investigação foram enormes os desafios com que nos fomos deparando, requerendo de todos os intervenientes um trabalho árduo e exaustivo, imprescindível para a investigação.

Mas, como nos diz o mesmo autor, é preciso ter “olhos bem abertos, apreender, assimilar, esquadrinhar, uma e outra vez. São necessárias horas e horas para organizar um registo de dados a partir dos dados recolhidos em bruto no campo de investigação” (*idem*).

O investigador só obterá respostas se empenhar na sua pesquisa, não aceitando tudo, como certo ou adquirido. Fazer investigação com crianças implica que nunca podemos dar o

conhecimento como adquirido. Elas são “uma caixinha de surpresas” e com elas muito podemos aprender e conhecer.

A opção por este tema ficou a dever-se a um conjunto diversificado de factores, de entre os quais se destacam o interesse, por parte da investigadora, em aprofundar os seus conhecimentos acerca das representações e práticas das crianças mais pequenas, sobre a cidade.

Pretendeu-se saber até que ponto as cidades de hoje foram planeadas, projectadas e construídas, tendo em conta a preocupação em proporcionar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento. Pretendeu-se também compreender qual a percepção dos mais pequenos em relação ao espaço urbano, e quais as condições que estes oferecem para a prática de brincadeiras e descobertas em ambientes seguros promovendo o seu relacionamento com os outros e com o meio urbano.

Tentou-se compreender até que ponto os responsáveis políticos das cidades estão receptivos a ouvir as preocupações expostas pelas crianças, que ainda hoje, permanecem “invisíveis”, na medida em que não são consideradas como seres sociais de pleno direito, sobretudo o direito à participação. Levando a que as suas decisões, muitas vezes, sejam desconsideradas relativamente ao planeamento urbano. E como nos diz Sarmiento (2009):

“O programa político exprime-se na constatação de que as crianças permanecem excessivamente afastadas dos núcleos centrais de decisão sobre aspectos que dizem respeito às condições colectivas de existência e que esse afastamento, sendo a expressão da dominação adulta, é um modo de hegemonia e de controlo, cujo resgate não encontra outra possibilidade senão precisamente por tornar presente a voz das crianças na participação social e na decisão política”.

A investigação decorreu numa instituição de ensino pré-escolar, localizada na cidade de Braga, em ambiente de sala com a participação do grupo de crianças que compõem a sala dos 4 anos (Sala do Teatro de Sombras). Foram realizadas diversas actividades quer no espaço sala de actividades, quer no espaço exterior, nomeadamente nas ruas da cidade e espaços públicos, parques infantis onde se puderam observar e registar os comportamentos e verbalizações das crianças relacionadas com o tema da investigação.

Tentou-se através da investigação ir ao encontro do projecto pedagógico da sala, permitindo à investigadora um melhor desempenho na sua prática educativa enquanto educadora.

O tema **“A cidade também é nossa”** é abordado, neste trabalho, ao longo de seis capítulos.

A primeira parte inicia-se com o capítulo número um, destinado à apresentação da metodologia utilizada para a concretização do estudo, incluindo o método e as técnicas de recolha de dados. Neste capítulo, para além de explicar a metodologia, dá-se ênfase à importância que os desenhos e as Fotografias das crianças têm para a investigação em curso. “O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças” (Sarmiento 2007: 2).

Descreve-se também o contexto educativo onde a investigação decorre, abordando algumas características mais relevantes do espaço físico, caracterizando a instituição relativamente aos seus recursos físicos, humanos e tecnológicos, bem como a caracterização do grupo de crianças em que se incide a investigação.

O segundo capítulo remete-nos para o enquadramento teórico abordando as transformações que a cidade sofreu e o impacto que estas têm na vida das crianças, tomando por referência um dos pensadores mais influentes da cultura moderna, Georg Simmel, na medida em que ele se debruçou sobre os efeitos que a ruptura espaço-temporal que ocorreu nas metrópoles levou às alterações significativas nas relações sociais entre as pessoas. Recorremos, também aos trabalhos realizados por Carlos Fortuna (sociologia urbana), Carlos Neto e Lucia Rabello de Castro, que nos alertam para a necessidade que as crianças têm de fazerem da rua um espaço de jogo e brincadeira, tão importante para o seu desenvolvimento afectivo, relacional, social.

Neste capítulo abordam-se, também, as primeiras representações e impressões que as crianças têm acerca da cidade, pois como nos diz Christensen e O’Brien (2003) tudo o que acontece em casa, na comunidade e na cidade está profundamente ligado ao quotidiano das crianças. Daí que, essas representações e impressões, não sejam mais do que as suas próprias vivências ainda que, um pouco incipientes, dada a sua idade.

O terceiro capítulo aborda a questão da cidadania e as culturas da infância. Começa por uma abordagem ao conceito de cidadania, esclarecendo que os princípios de cidadania se reportam aos valores de liberdade, de igualdade, de justiça, de tolerância e respeito mútuos de participação na vida democrática.

Também é abordada a questão das culturas da infância, reconhecendo que é preciso conhecer as crianças e as suas culturas para as inserir plenamente numa cidadania activa.

Neste capítulo, descrevem-se, também, algumas actividades no jardim-de-infância com o intuito de promover o desenvolvimento pessoal e social das crianças, com base em experiências de vida democrática, numa perspectiva de educação para a cidadania.

O capítulo quarto faz uma breve referência às práticas sociais das crianças na cidade, constatando que cada vez mais as crianças têm vindo a perder autonomia de circulação no espaço urbano. Estas, estão cada vez mais confinadas aos espaços fechados, sejam eles instituições educativas ou espaços comerciais, limitando-lhes a circulação na cidade e nos espaços urbanos.

O quinto capítulo aborda a importância e a contribuição do jardim-de-infância para a promoção do ser social, é nestes ambientes educativos que as crianças começam a ser inseridas em grupos sociais diversos, favorecendo uma progressiva consciência como membros da sociedade. Neste capítulo, são referenciados alguns contributos de Paulo Freire para a importância de uma escola cidadã onde o papel dos docentes é fundamental para a formação das crianças e jovens.

Ao longo do capítulo são descritas algumas actividades realizadas com as crianças em diversos contextos, educativo, urbano, familiar, destacando a construção da maquete a “Cidade dos Meninos”.

O sexto capítulo aborda o espaço da criança na política da cidade interrogando-se se a mesma é proporcionadora de cultura e lazer para os mais jovens. Apesar de se admitir que a Infância é um grupo social que possui um conjunto de direitos, incluindo o direito de emitir opinião e de participação, elas continuam, ainda, a não ser envolvidas nos processos que afectam a sua vida nos espaços urbanos.

Realça-se também que, se as crianças fossem ouvidas, poderiam dar contributos inovadores para o melhoramento dos espaços urbanos e sociais, contribuindo para a elevação da qualidade de vida das pessoas.

Neste capítulo é relatado uma intervenção directa da criança nos eventos culturais da cidade, desfile de Carnaval, e o impacto que esta teve nos transeuntes e órgãos sociais locais.

Rematamos este trabalho com algumas considerações finais, onde pretendemos estabelecer pontos de análise entre as representações que as crianças têm acerca da cidade e a forma como ela pode viver e ver a cidade. Realçando que é através das brincadeiras lúdicas que as crianças apreendem e alicerçam os valores necessários para a sua cidadania.

CAPÍTULO I

Orientação metodológica, técnicas e métodos

1. Orientação metodológica, técnicas e métodos

1.1. Método Qualitativo

“Considerar a participação das crianças na investigação, é mais um passo para a construção de um espaço de cidadania da infância, um espaço onde a criança está presente ou faz parte da mesma, mas para além do mais, um espaço onde a sua acção é tida em conta e é indispensável para o desenvolvimento da investigação” (Soares, 2006: 28-29). Tendo em conta esta participação tão importante das crianças, este estudo, para além de se inserir numa perspectiva sociológica, será de abordagem qualitativa com uma aproximação à investigação acção, mais precisamente uma investigação de intervenção com crianças, desenvolvido em contexto de jardim-de-infância. Consideramos ser aquela que melhor se adequa a uma reflexão em profundidade e multifacetada, pelo diálogo ao longo da pesquisa e pelas alterações que eventualmente possam ser feitas no decurso da mesma.

A investigação qualitativa costuma ser direccionada e não procura apenas enumerar ou medir eventos. O seu foco de interesse é amplo, fazendo parte a obtenção de dados descritivos, mediante o contacto directo e interactivo do pesquisador com a situação que é objecto de estudo. Neste caso, as representações que as crianças têm acerca da cidade constituirão o nosso objecto de estudo.

O método qualitativo caracteriza-se por lidar com qualquer tipo de informação tratada de forma não numérica e os dados tendem a ser analisados de forma indutiva. A metodologia qualitativa “privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das acções sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise” (Martins, 2004: 289).

A preocupação básica do investigador social deverá ser a estreita aproximação dos dados, de fazê-los falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social, para melhor apreendê-la e compreendê-la. Uma das características que constitui o método qualitativo é a sua flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de recolha de dados, incorporando as mais adequadas à observação que está a ser realizada.

Para fazer pesquisa com crianças é necessário que o investigador seja capaz de entrar no mundo das crianças e na sua cultura, pois, como nos alerta Corsaro (1997; 2003) nas suas propostas de investigação, é importante que o investigador compreenda a noção de reprodução interpretativa, tendo em conta os seguintes elementos: a linguagem, as rotinas culturais e a

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania natureza reprodutiva das associações das crianças nas suas culturas. Para aprender um pouco mais sobre as suas culturas é preciso abandonar o ponto de vista do adulto, exigindo um certo distanciamento, no qual o pesquisador precisa de se despir de preconceitos, o que não implica neutralidade.

Contudo, para entrar no mundo das crianças e nas suas culturas de pares, é necessário ser aceite. É importante discutir a dimensão ética, garantindo à criança o direito de consentir ou não a sua participação na pesquisa. Para este efeito, foi solicitada autorização de participação tanto às crianças que participaram no estudo, como aos seus respectivos encarregados de educação¹.

Mas, não nos podemos esquecer que, ao fazer pesquisa com crianças, o investigador tem que assumir posturas diferentes das que geralmente está habituado, Corsaro (1997: 2003). Isso sugere a presença de um adulto com condições e legitimidade para decifrar a maneira como a criança interpreta o mundo, em vez de falar em nome da criança, em vez de se pronunciar sobre o que esta deve ou não fazer, ou, ainda pior, em vez de tentar controlar os seus comportamentos.

Segundo Sarmiento (2004), são as culturas da infância que exprimem a cultura societal em que as crianças estão inseridas, mas estas fazem-no de forma distinta das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo. São precisamente esses traços das culturas infantis que devem ser considerados aquando da elaboração das estratégias metodológicas a utilizar, e mais particularmente quando pretendemos captar as vozes e as acções das crianças. Dai que, ao eleger este tipo de abordagem procuramos que o nosso plano metodológico seja exequível. Além disso, e como é do nosso conhecimento este tipo de investigação qualitativa, tem uma relevância específica para o estudo das relações sociais.

1.2. Investigação e intervenção com crianças

Toda a investigação foi feita no contexto da dinâmica pedagógica da sala de aula. Houve uma intervenção directa entre a investigadora e as crianças, na medida em que a mesma é a Educadora da sala.

¹ Pedido de autorização às crianças (ver anexo nº 1); pedido de autorização aos encarregados de educação (ver anexo nº 2).

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Em alguns sentidos, esta investigação aproxima-se da investigação acção. No entanto, não é estruturada de acordo com a perspectiva que, sobre esta metodologia, foi proposta por autores como Kurt Lewis e sintetizada por Esteves (2008).

Deste modo, não se trata de uma investigação acção, mas de uma investigação com intervenção e na intervenção.

Reconhecendo, no entanto que, se por um lado a estratégia de total envolvimento promove a proximidade do pesquisador com o grupo, por outro lado, corre também o risco de dificultar o distanciamento necessário que o investigador necessita para apreender as práticas sociais produzidas pelas crianças.

Para se fazer este tipo de investigação, foi fundamental que o educador/investigador estudasse as crianças em contexto, observando-as e interagindo sistematicamente com elas, no seu contexto local, como por exemplo na sala de actividades, no refeitório, nos corredores, no parque infantil, na rua, nas saídas ao exterior, prestando, sobretudo, atenção aos pormenores que, muitas vezes, se deixa escapar nas rotinas do dia-a-dia.

Segundo Walsh e Grave (2003), os investigadores devem pensar a criança como vivendo em contextos específicos, com experiências específicas em situação de vida real. De facto, as crianças não ficam nunca alheias às drásticas mudanças que ocorrem na sociedade, em particular às adversidades que muitas vezes a família tem de enfrentar no seu dia-a-dia, como é o caso do desemprego, das mudanças de rotinas, das doenças, entre outros. As crianças terão que se conformar em permanência com os novos contextos. “Tentar pensar nas crianças sem tomar em consideração as situações de vida real é despir de significado tanto as crianças como as suas acções” (Michael Cole, in Walsh e Grave 2003: 25).

Como já referenciamos anteriormente, cada criança, mesmo estando no mesmo contexto, no mesmo jardim-de-infância, tem características específicas e experiências de vida diferentes e mesmo culturas de pares diferentes.

Para elaborarmos este projecto de investigação e intervenção, foi necessário efectuar um conjunto de procedimentos, de acordo com os objectivos do mesmo. Daí que as questões de investigação sejam voltadas para a acção:

- i. Qual a relação das crianças do Jardim de Infância com a cidade? Que representações têm elas da cidade?
- ii. Que tipo de actividades pode o Jardim de Infância promover para desenvolver a consciência urbana e a participação das crianças na cidade?
- iii. Qual a rotina diária das crianças na cidade? Como se deslocam?

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

- iv. Que espaços oferece a cidade às crianças em idade pré-escolar? E em que tipos de espaços urbanos se movem as crianças?
- v. Como é que as crianças interagem na cidade?

Para que a investigação fosse exequível, optamos por um método mais aproximado dos processos qualitativos e participativos, designadamente a utilização da observação participante e dos registos sistemáticos das dinâmicas observadas (acções/actividades das crianças), utilizando uma panóplia de diferentes formas de registos. Recorreremos assim a diversas técnicas auxiliares, como os registos orais, desenhos das crianças, os registos Fotografiográficos, os registos de audiovisual (filmes de saídas, entrevistas, etc).

Sendo assim, foi feito um plano, o mais rigoroso possível, das acções desenvolvidas no processo de investigação. Porém, esse plano teve um carácter de extrema flexibilidade, pois o contexto foi o elemento marcante para que as questões propostas pudessem ser re-planeadas aquando do surgimento de novas situação.

A metodologia qualitativa permitiu alcançar os objectivos traçados, isto é, conhecer, analisar, esquematizar e generalizar alguns aspectos do processo de construção de novos conhecimentos e de novas práticas de cidadania e de pôr a descoberto espaços e mecanismos, assim como as dificuldades diversas a questões reais e pertinentes que eventualmente surgiram ao longo do projecto.

Para Bogdan e Biklen (1994), a descrição densa implica uma apreensão dos significados que os membros de uma cultura têm como adquiridos. No registo dos dados e resultados da investigação, esses novos significados são apresentados às pessoas exteriores à cultura.

Deste ponto de vista, as técnicas utilizadas foram:

- i. a pesquisa e análise bibliográfica que contribuíram para a construção teórica do estudo;
- ii. a observação participante como técnica principal, que permite apreender a realidade de forma intensiva acerca do tema;
- iii. as notas de campo que são registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, incluindo as conversas das crianças/crianças e crianças/adultos;
- iv. os desenhos das crianças;
- v. as Fotografias tiradas pelas crianças;
- vi. as entrevistas não estruturadas aos pais e equipa educativa – *focus group*;

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

vii. a análise dos dados recolhidos, recorrendo à análise de conteúdo. Esta técnica permite descrever, de forma mais objectiva, o conteúdo das comunicações e representações, construindo categorias, a fim de alcançar uma interpretação mais adequada das mesmas.

1.3. Desenhos das crianças e a sua importância para a investigação

Uma das principais figuras na história da investigação do tema dos desenhos das crianças é o investigador francês Georges-Henri Luquet (*cit. in* Hummel 1995), que propôs a primeira análise sistemática dos diferentes estádios que caracterizam as actividades gráficas das crianças. Focando o seu trabalho sobre os desenhos da sua filha, Luquet desenvolveu uma teoria que descrevia as cinco fases sucessivas de desenvolvimento da criança.

Em 1985, E. Tholome (*idem*) publicou um estudo sobre 2700 desenhos feitos por crianças e adultos, tendo como tópico 'a refeição da família'. O objectivo do estudo era distinguir os aspectos genéticos (aquilo que é comum aos desenhos de todas as crianças) e os aspectos culturais ou individuais dos desenhos.

No entanto, os trabalhos de Luquet e Tholome indicam que um dos factores mais importantes a considerar é o factor etário, para fazer a análise dos desenhos das crianças, na medida em que a idade não está apenas relacionada com o melhoramento das competências gráficas da criança, mas também com as mudanças na forma como elas representam o mundo.

A acrescentar a esta análise da evolução dos desenhos das crianças em termos de etapas, Luquet desenvolveu um modelo explicativo introduzindo a noção de "Modelo Interno". Ele argumentava que o desenho não é uma simples cópia do objecto a ser desenhado, mas o resultado de uma mediação proporcionada pelo Modelo Interno. Este último é definido como uma refracção, através da mente da criança, do objecto a ser desenhado, uma reconstrução original em resultado de uma elaboração que, embora espontânea, é bastante complexa.

A noção de Modelo Interno tem sido amplamente discutida desde Luquet. Certos estudos demonstram que o Modelo Interno não reflecte, necessariamente e de forma fidedigna, o conhecimento da criança acerca do objecto desenhado. Freeman (*ibidem*) sugere que se altere a frase "A criança desenha aquilo que conhece" para "A criança conhece mais do que aquilo que desenha" (Hummel, Rey e Lalive, 1995).

Em 1976, Moscovici não pretendeu apenas fazer uma abordagem na perspectiva psicológica aos desenhos das crianças e, muito menos, considerar estes como uma entidade.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania. Por outras palavras, não pretendeu argumentar apenas sobre a questão da representação individual versus modelo interno, mas tentou descortinar as características sociais subjacentes a essas mesmas representações. Neste sentido, não se debruçou apenas sobre a representação, mas sim sobre a “representação social”.

Ao analisar um número significativo de desenhos, é possível descobrir as principais especificidades culturais onde as crianças estão inseridas.

No entanto, a perspectiva sociológica do estudo dos desenhos das crianças só foi introduzida em 1966 por W. Dennis. Na sua investigação, ele examina como os desenhos revelam diferenças em padrões culturais e valores.

“O desenho infantil insere-se entre as mais importantes formas de expressão simbólica das crianças. Desde logo, porque o desenho precede a comunicação escrita (na verdade, precede mesmo a comunicação oral, dado que os bebés rabiscam antes ainda de articularem as primeiras palavras). Depois, porque o desenho infantil, não sendo apenas a representação de uma realidade que lhe é exterior, transporta, no gesto que o inscreve, formas infantis de *apreensão* do mundo – no duplo sentido que esta expressão permite de “incorporação” pela criança da realidade externa e de “aprisionamento” do mundo pelo acto de inscrição” (Sarmiento, 2007: 2)

Como sabemos, os desenhos das crianças são actos comunicativos e exprimem bem mais do que meras tentativas de representação de uma realidade exterior. As crianças, desde as suas garatujas iniciais, atribuem significados aos seus desenhos que desmentem a representação directa e a intenção realista.

Na análise desta investigação, foram examinados 201 desenhos realizados em contexto de sala de actividades, dos quais 161 foram elaborados e comentados pelas crianças individualmente e 40 foram criados, comentados e explorados em pequenos grupos de trabalho. O resultado final deu origem à produção de cartazes que, posteriormente, foram utilizados para sensibilizar a comunidade educativa.

1.4. Fotografias tiradas pelas crianças

Utilizar a Fotografia que as crianças captam com a máquina Fotográfica dos lugares por onde passam será também uma das técnicas para a realização deste projecto. Para isso, utilizaremos os estudos realizados por Danic, Delande, Rayou (2006).

Segundo estes investigadores, as Fotografias retiradas pelas crianças têm como objectivo “discernir o ponto de vista das crianças sobre o mundo que as envolve, a partir daquilo

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania que julgam interessante para Fotografiar e daquilo que, pelo contrário, negligenciam, e ainda a partir daquilo que dizem acerca das suas Fotografias” (*Ibid.*:170). As Fotografias das crianças e as interpretações que as mesmas fazem delas possibilita uma verdadeira análise de conteúdo, já que “Fotografiar não consiste em fazer um registo passivo do mundo, mas em percebê-lo, descobri-lo, hierarquizá-lo” (*Ibid.*:172).

A análise de conteúdo proposta assemelha-se a uma análise categorial aplicada à Fotografia. Esta análise categorial “consiste em categorizar o corpo de documentos a partir de determinadas características (na maior parte das vezes temas), a medir a frequência de manifestação destas características (muitas vezes ocorrências temáticas). Um postulado de base deste método é o de que a frequência de ocorrência de uma característica (tema, termo, ideia) traduz a sua importância para o locutor, sem que isso possa ser provado” (*Ibid.*:172-173). Os autores seguem, então, uma lógica de inferência, que consiste em destacar o significado latente das Fotografias. As Fotografias são imagens que por sua vez são representações dignas de interpretações. A inferência invocada pelos autores implica o método das entrevistas “que permitem testar por uma outra via hipóteses e interpretações oriundas do material Fotografiado” (*Ibid.*: 174). Através das entrevistas, os autores pretendem fazer ressaltar, nos discursos das crianças, uma lógica e uma coerência, das quais elas, muitas vezes são desprovidas. O propósito dos autores é o de “aceder à experiência das crianças do interior, do seu ponto de vista” (*Ibid.*: 177). Ou seja, “aproximar a lógica da infância sem considerá-la *a priori* como ausência de lógica” (*Ibid.*:177-178).

Em suma, os autores testaram “a fecundidade deste método de realização das Fotografias pelo próprio inquirido, seguido de uma entrevista baseada nestas imagens” (*Ibid.*:185).

Em jeito de conclusão, os autores justificam a potencialidades de exploração do mundo da infância pelo método invocado: “As Fotografias e as palavras das crianças mediatizam as suas experiências e permitem-nos de aceder a elas. (...) De uma forma mais genérica, ao elaborar cenários que fazem sentido para as crianças e ao levá-las a exprimirem-se sobre estes cenários, o investigador poderá apreender os seus modos de pensar” (*Ibid.*: 186 e 187).

Ao longo de todo este processo e dando continuidade à investigação, foi realizado um registo Fotografiado em que sortiram um elevado número de Fotografias, todas elas visualizadas e comentadas pelas crianças. Deste registo Fotografiado, 95 foram tiradas pelas crianças em diversos contextos (dentro e fora da sala de actividades), 11 foram tiradas pelas

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania crianças com o auxílio dos pais e 62 foram tiradas pela educadora/ investigadora mais como suporte do seu trabalho de investigação.

1.5. Entrevista *Focus Group*

Uma entrevista *Focus Group* envolve uma discussão objectiva conduzida ou moderada que introduz um tópico a um grupo e direcciona a sua discussão sobre o tema, de uma maneira não-estruturada e natural.

O foco ou o objecto de análise é a interacção dentro do grupo. Os participantes influenciam uns aos outros pelas respostas às questões colocadas durante a discussão, estimulados por comentários ou questões fornecidos pelo moderador (pesquisador ou outra pessoa). Os dados fundamentais produzidos por essa técnica são transcritos das discussões do grupo, acrescidos das anotações e reflexões do moderador e de outros observadores, caso existam.

Ao promover este tipo de entrevista, pretende-se que os intervenientes sejam os próprios protagonistas da acção.

Ao escolher este tipo de entrevista, pretendeu-se que, através de duas entrevistas, uma realizada com as profissionais de educação (educadores) e a outra com um grupo de pais, os entrevistados reflectissem, como principais agentes socializadores, se os espaços urbanos actuais facilitam as relações sociais entre as crianças e se a cidade promove ou não, hoje em dia, a cidadania nas crianças.

1.6. Contexto da investigação

A investigação decorreu em contexto escolar, mais concretamente no Centro Social da Paróquia de Ferreiros², situada na freguesia de Ferreiros, Braga. Ferreiros é uma freguesia do perímetro urbano da cidade de Braga, distando apenas quatro quilómetros do centro.

Estendendo-se por uma área de 327 hectares, a freguesia de Ferreiros confronta com as freguesias de Maximinos, Lomar, Celeirós, Aveleda, Sequeira e Gondizalves. As principais vias de acesso são a Estrada Nacional 103, que liga Braga a Barcelos, e a Estrada Nacional 14, que faz

² Bases de colaboração e Declaração de autorização pela direcção para realização da investigação (ver anexo nº 3).

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania ligação ao Porto. Recebe também as ligações da Auto-estrada 3 (Porto - Valença) e da Auto-estrada 11 (Guimarães - Braga - Barcelos).

A freguesia de Ferreiros é servida a nível escolar por dois Jardins de Infância públicos e duas Escolas do Primeiro Ciclo.

Está relativamente bem servida quanto a transportes, já que existem vários transportes públicos a servirem os cidadãos da freguesia.

Mas é a cidade de Braga que nos serve de cenário deste estudo, em que a pesquisa é construída e onde observamos as relações, apropriações e interações das crianças com o espaço urbano.

Braga é considerada uma das cidades mais antigas de Portugal e também uma das cidades cristãs mais antigas do mundo, fundada no tempo dos romanos como Bracara Augusta, contando com mais de 2000 anos de História como cidade.

Situa-se no Norte de Portugal, mais propriamente no Vale do Cávado, possuindo em 2008, 176 154 habitantes no seu concelho, tendo o centro da região Minhota mais de um milhão de habitantes (2007).

É uma cidade cheia de cultura e tradições, onde a História e a religião vivem lado a lado com a indústria tecnológica.

A cidade de Braga, apesar de ao longo dos séculos ter sofrido diversas remodelações e alterações, no século XX sofre uma grande transformação devido à revolução dos transportes e das infra-estruturas básicas, onde se assiste à reformulação da Avenida da Liberdade, de onde se destaca o Theatro Circo e os edifícios do lado nascente. No final deste século, Braga sofre um grande desenvolvimento e cresce a um ritmo bastante elevado, nem sempre equilibrado.

Braga vive ainda um fervor metropolitano em torno do seu pólo universitário e das suas diversas zonas de comércio e serviços, ao qual se junta uma animada vida nocturna, alguns espaços culturais e recreativos, e uma agenda de alguns espectáculos e eventos, mas mais direccionada para os jovens e adultos do que propriamente para as crianças mais novas.

Apenas em determinadas alturas do ano, como Carnaval, Semana Santa, Dia da Criança, Braga Romana, S. João, são realizadas actividades culturais para um número considerável de crianças que, para além de terem o apoio da Câmara, são também impulsionadas por Instituições de cariz social e particular, que muito têm contribuído para animar a cidade, com a alegria e presença das crianças mais pequenas do concelho.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

1.6.1. Caracterização do Centro Social da Paróquia de Ferreiros

O Centro Social da Paróquia de Ferreiros funciona actualmente com o suporte físico de dois edifícios que acolhem sete valências. Mas nem sempre foi assim. A instituição foi criada em Janeiro de 1999 na residência paroquial, onde três funcionárias deram os primeiros passos no apoio social a idosos em regime de Apoio Domiciliário.

No mesmo ano surge o Centro de Apoio a Dependentes (CAD) e, mais tarde o Centro de Dia ficando assim, cobertas todas as situações relativamente ao apoio aos idosos.

Mas a acção social não estava terminada. Em Setembro de 2000 é aberto um novo edifício com as valências de Creche, Jardim de Infância e ATL e, no ano seguinte, o Lar de Idosos.

Neste momento, o Centro Social presta apoio a mais de 60 idosos e mais de 150 crianças, prestando um serviço social de qualidade, que visa promover o bem-estar de todos.

1.6.2. Jardim de Infância

A educação de infância é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita colaboração, favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade, como ser autónomo, livre, solidário e democrático, onde a sua voz deve ser estimulada a fazer-se ouvir.

No jardim-de-infância, o desenvolvimento social é importantíssimo. As crianças adquirem normas e entendem a necessidade de partilhar e respeitar. Nestes grupos etários, é característica a vontade de explorar, de experimentar, de imaginar, de inventar.

Actualmente, o Jardim de Infância acolhe diariamente 68 crianças, distribuídas por três salas, 3 anos (19), 4 anos (24), 5 anos (25), tendo como apoio uma educadora e uma auxiliar nas respectivas salas.

1.6.3. Recursos físicos

A valência Jardim de Infância é constituída por três salas amplas, arejadas e iluminadas por luz natural, possuindo casas de banho dentro da própria sala.

A sala dos quatro e cinco anos tem amplas portas de vidro que dão acesso directo ao parque infantil. Todas as salas estão muito bem equipadas quer em material didáctico quer em mobiliário.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

As salas encontram-se divididas em diversas áreas: área da expressão plástica, área da biblioteca, área dos jogos, área das construções, área da casa, área da pista, área das expressões dramáticas e corporais.

Todas estas áreas estão equipadas com mobiliário, equipamentos e objectos próprios para a sua utilização.

Também possui um amplo refeitório que serve de local de refeição para todas as Valências de apoio à infância, excepto berçário, que possui um refeitório próprio.

A cozinha confecciona e prepara as refeições para todas as valências do Centro, quer de apoio à Terceira Idade quer à Infância.

As crianças do Jardim, bem como todas as outras valências, usufruem de um amplo pavilhão gimnodesportivo e de um parque infantil. Em horário pós lectivo, o pavilhão também é usufruído pelos paroquianos.

1.6.4. Recursos Humanos

Em cada sala de jardim-de-infância, existe uma educadora de infância e uma ajudante da acção educativa. Para além destas colaboradoras que estão ligadas directamente às crianças do Jardim-de-infância, a Instituição tem também outro tipo de colaboradoras, ligadas aos serviços administrativos, coordenação, limpeza, transporte, confecção de alimentos, entre outros.

1.6.5. Recursos tecnológicos

Todas as salas de Jardim possuem um rádio cd e diversos cds de música.

Na sala de acolhimento existe um plasma, um Dvd, um vídeo e um aparelho de música.

No auditório existe uma televisão e, sempre que é necessário realizar alguma projecção disponibilizado, pela coordenação, um computador portátil e um projector de multimédia.

Também existe uma máquina Fotográfica e uma câmara de filmar.

1.6.6. Caracterização do grupo – A sala do Teatro de Sombras (4 anos)

Valência	Sala	Idade	Meninos	Meninas	Crianças N.E.E	Nº de crianças
Jardim de Infância	Sala dos 4 anos	4 anos	13	11	0	24

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Das vinte e quatro crianças que constituem o grupo, cerca de metade frequenta a instituição desde o berçário, três crianças iniciaram a sua frequência na sala dos dois anos, e quatro na sala dos três anos.

Na generalidade, o tempo de permanência das crianças na instituição é de 8 horas diárias.

O presente grupo é bastante equilibrado no que se refere ao género. É constituído por 13 crianças do sexo masculino e 11 crianças do sexo feminino.

Quanto à idade, este grupo é heterogéneo. Em algumas crianças, a diferença de idade verifica-se facilmente pelas suas características físicas.

Comparativamente, no mesmo grupo existe diferença de idade de quase um ano, entre as crianças mais velhas e as mais novas. Esta diferença de idades, por vezes, reflecte -se a nível da linguagem.

1.6.7. Participação da Família

A família, quer a nível de educação, quer a nível de eventos é participativa. Na sua maioria, os pais mostram interesse pelas actividades realizadas no jardim-de-infância, especialmente nas actividades relacionadas com o tema família: dia da Mãe, dia do Pai, festa de Natal e festa final.

Os pais participam nas reuniões de encarregados de educação, mas a maior adesão é notada na primeira reunião anual, onde a equipa educativa faz a apresentação do Projecto Educativo da Instituição e dos respectivos Projectos Pedagógicos, bem como do plano anual de actividades, entre outros assuntos de foro geral (regulamento interno).

O Projecto Pedagógico de Sala só é aprovado se nesta reunião os pais estiverem de acordo com os objectivos propostos; caso não aprovelem o mesmo terá de ser reformulado pela educadora da respectiva sala.

Todos os pais permitem que os educandos participem nas actividades propostas no plano de actividades anuais. O mesmo se reflecte na adesão das actividades extra-curriculares.

1.6.8. Meios de transporte

O meio de transporte utilizado pela generalidade do grupo, na deslocação habitação/jardim e jardim/ habitação é o carro particular. Apenas três crianças usufruem do

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania transporte escolar da Instituição e duas na deslocação jardim/casa fazem-no a pé (residência ao lado da Instituição).

1.7. Síntese e conclusão

No presente capítulo analisamos as metodologias que serviram de base à investigação, nomeadamente o método qualitativo, destacando o facto de que a participação das crianças foi uma constante ao longo de todo o processo de investigação.

Quando se iniciou este estudo um dos aspectos mais considerados e ponderados foi a dimensão ética. As crianças, intervenientes no processo, tiveram o direito de consentir ou não a sua participação na pesquisa.

Negociaram-se, no início do estudo, alguns aspectos pertinentes para a investigação e as possíveis etapas que a mesma poderia ter, não impondo a vontade do adulto sobre as crianças que não manifestaram interesse em participar. Graue e Walsh afirmam e reclamam que “informar os outros deve ser algo que acontece no início do processo de descoberta e não deve parar nunca. Assim, o comportamento ético está intimamente ligado à atitude que cada um leva para o campo de investigação e para a interpretação pessoal dos factos” (2003: 13).

Se por um lado, o investigador participou e interveio directamente em todo o processo, também teve o discernimento de se distanciar, a fim de lhes ouvir a voz, reconhecendo que as crianças enquanto seres sociais gostam de exprimir as suas tomadas do direito à palavra.

Os mesmos autores enfatizam que é “necessário um interesse pelas crianças pelos modos como negociam e interagem em grupo, ou seja, o que se passa entre elas e não dentro delas. É importante procurar os significados das crianças e não dos adultos” (*idem*).

Apesar de reconhecermos que o distanciamento físico, social e cognitivo entre o adulto e a criança tornam a relação muito diferente da que existiria entre adultos, ultrapassar este distanciamento não deixou de ser um dos desafios que investigador/educador encontrou. Tendo sempre em atenção que, as crianças interagem com o mundo adulto, vivem e convivem, partilham e compartilham, criam culturas, chegamos à conclusão que possuem uma visão muito própria acerca do que as rodeia.

A necessidade de as escutar, ouvir a sua voz, o seu ponto de vista, foi fundamental para o estudo e as suas acções foram indispensáveis para o desenvolvimento da mesma.

“O reconhecimento às crianças do estatuto de actores sociais só faz sentido se se fizer acompanhar da auscultação da sua voz e da valorização da sua capacidade de atribuição de sentido, quer às

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

suas acções quer aos seus contextos de vida, ainda que expressos com características específicas, de acordo com o seu desenvolvimento.” (Rocha, Ferreira, Vilarinho 2000: 6)

Foram obtidos inúmeros dados descritivos, devido ao facto de existir contacto directo entre o investigador/educador e as crianças, o que permitiu analisar e observar com mais pormenores as representações que as crianças têm acerca da cidade, suas vivências e experiências nos contextos urbanos.

Através dos seus desenhos, Fotografias e actividades lúdicas as crianças apropriaram-se, reinventaram e produziram conhecimento acerca das suas representações da cidade. Da mesma forma que estas foram produtoras de dados, houve sempre a necessidade de negociar com elas a melhor forma de divulgar a informação, quer através dos seus desenhos individuais, registos orais, trabalhos colectivos (cartazes e a maquete, carta ao Presidente da Câmara).

CAPÍTULO II

A Cidade e as Crianças

2. A cidade e as crianças

2.1. A cidade contemporânea e a transformação do espaço urbano

Ao longo da História da civilização, as cidades foram sofrendo profundas transformações quer históricas, quer culturais, quer arquitectónicas, quer na sua composição paisagística.

A tradição sociológica sobre o tema da cidade e a cultura urbana já tem mais de dois séculos, mas foi, sem dúvida, em meados do século XIX, que se começou, realmente a falar da cultura urbana, “como campo teórico, centrado em redor de um conjunto específico de práticas sociais, mentalidades e estilos de vida que se forjam, comunicam e reproduzem na cidade.” (Fortuna, 2001: 3).

Falar sobre este fenómeno na teoria sociológica torna-se urgente e desafiador.

Hoje em dia, “as atenções da teoria crítica encontram as condições sociais e teóricas para colocarem o espaço no seu devido lugar. (Lopes, 2002: 32). Segundo Soja, a projecção geográfica está a sobrepor-se à projecção histórica até aqui valorizada: “é o espaço e não o tempo que nos esconde as consequências” (citado por Lopes, 2002: 32). O autor também nos alerta que não existe um espaço puro, nem sociedades indiferentes ao espaço: “A diferença que o espaço faz encontra-se no facto de ser, simultaneamente, meio e produto da acção e das relações sociais.” (*ibid.*: 33).

Um dos pensadores mais influentes da cultura urbana moderna foi Georg Simmel. O que mais o atraiu acerca desta cultura urbana foram os efeitos que ocorreram devido à “violenta ruptura espaço-temporal que se opera na metrópole, a correspondente alteração das relações de causalidade social e a resposta sociopsicológica e emocional dos sujeitos.” (Fortuna, 2001: 9).

A sociologia de Simmel é muito pessoal e relativamente desinteressada das problemáticas em torno das classes sociais e dos interesses históricos. Para ele, “a discussão de urbanização na vida metropolitana e mental, em concordância, tem como seu principal interesse, a questão da execução da independência individual e a elaboração da individualidade no ambiente social, sem paralelo da cidade”(Mellor, 1984: 286).

A cidade, à semelhança do dinheiro, conduz à instauração de uma forma de individualismo crescente na sociedade. Simmel afirma, por um lado, que o “crescente uso do dinheiro como uma forma de troca promove um cálculo racional nas relações sociais, em que entrega este assunto a uma precisa contribuição e manipulação” (cit. por Mellor, 1984: 297);

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania por outro lado, o uso do dinheiro vai “permitir novas formas de associação, associação voluntária ou grupos de interesse, em que os indivíduos podiam participar, sem entregar qualquer porção da sua liberdade pessoal ou reserva” (*ibid.*). E Simmel profere uma afirmação semelhante no seu ensaio sobre a metrópole: “ O fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo de individualidade das metrópoles é a intensificação da estimulação nervosa que resulta da mutação rápida e ininterrupta dos estímulos externos e internos” (Simmel, in Grafmeyer; Joseph, 1979: 62). Trata-se de uma intensificação que é simultaneamente a causa e a consequência de um cada vez maior isolamento das pessoas.

A cidade pode ser assim vista como uma construção colectiva, fruto de múltiplas interacções, onde a fragmentação e a incompletude são condições inevitáveis da vida moderna, na qual a relação espaço-tempo é quantificada, determinada pela simultaneidade de momentos de instabilidade constante. “A cidade é então definida, como um espaço colectivo culturalmente rico e diversificado que pertence a todos os seus habitantes que têm direito de encontrar nela as condições necessárias para a sua realização política, social e ecológica”. (Carta dos Direitos Humanos na Cidade, 1999)

As mudanças sociais ocorridas na sociedade têm produzido consequências e efeitos diversos no desenvolvimento das cidades, sobretudo a partir do século XIX com a industrialização, onde o distanciamento entre o lar e o local de trabalho conduziu este último a um espaço físico destinado também a interacções sociais e emocionais, delegando, para segundo plano, o lar das suas funções primárias de socialização.

É comum confundir-se a cidade com o urbano. Se, por um lado, são conceitos sobrepostos, por outro lado, são dissociados. O urbano deve ser visto como “ponto e ponte de contacto com as lógicas fundamentais de produção e reprodução das sociedades. Conceito polémico, em delimitação constante, sujeito a um conjunto de lutas propriamente teóricas e, simultaneamente, culturais, sociais e políticas.” (Lopes, 2002: 20)

Estudar a cidade do ponto de vista da sociologia e das interacções sociais produzidas na sociedade é, com efeito, diferente de estudar a cidade apenas como um aglomerado de edifícios, ruas, casas, espaços públicos, etc. Por outras palavras, a cidade é vivida e experimentada pelas pessoas que nela vivem: “A cidade não é uma coisa. Ela reconhece-se como real e representacional, como texto e como contexto, como ética e como estética, como espaço e como tempo, socialmente vividos e (re)construídos” (Fortuna, 2001: 4). Há, pois, a ideia de que é importante reconceptualizar a cidade como um espaço fragmentado e disputado que interfere com a “cultura pública cidadina e o discurso da sociologia sobre a cidade torna-se, deste modo,

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania crescentemente, um discurso cruzado com numerosos outros enunciados, de tipo fenomenológico, semiótico e literário (Fortuna, 2001: 4). Sendo a cidade uma realidade multifacetada, os sociólogos concebem-na “como um lugar onde vivem diferentes grupos sociais, onde trabalham, onde educam os seus filhos e onde interagem uns com os outros” (Lamy, s/d: 214). Daí a necessidade de se estudar as relações entre os espaços urbanos e a sociedade, não esquecendo que as crianças fazem parte dessa mesma sociedade. Pois ainda existe a “ocultação social da infância como actor individual e colectivo, o seu desaparecimento e negação da sua participação activa na cena política. Não somente se remetem as crianças ao mundo do privado, mas também se privam de uma experiência equilibrada e necessária de articulação entre o público e o privado.” (Schibotto, 2009)³

Se, por um lado, a sociologia urbana tem vindo a debruçar-se “sobre as possibilidades, condições e oportunidades de vida no espaço urbano, que o tem vindo a configurar progressivamente como “lugar” isto é, espaço social construído socialmente pela acção humana, na variedade das suas múltiplas dimensões e na diversidade dos seus grupos sócias, culturais e geracionais” (Sarmiento, 2008: 1),⁴ por outro lado, a sociologia da infância na sua:

“...investigação sociológica da Infância tem posto em evidência a forma como as crianças transformam em “lugares”, isto é, em contextos de interacção revestidos de sentido e de emoções, os espaços urbanos (Christensen, 2003)... entre a casa, a escola, o lugar institucional do lazer, as crianças urbanas são transportadas, circulando entre “ilhas urbanas” (Zeiher, 2003), no testemunho vivo da fragmentação urbana das cidades modernas.” (Sarmiento 2008: 2).

Hoje em dia, o espaço urbano tem-se mostrado cada vez mais desajustado às necessidades das crianças. A cidade está a tornar-se “restritora da autonomia das crianças, mais limitadora dos espaços, mais ameaçadora da segurança, mais indutora de formas globalizadas de colonização pelo consumo, mais potenciadora das desigualdades (nomeadamente no acesso a espaços, a bens e a serviços urbanos). (Sarmiento [coord], 2008:4).

Verifica-se um exagerado aumento de edifícios sem o acompanhamento de espaços indispensáveis ao seu crescimento, tornando as cidades muito pouco apelativas, decrescendo a

³ Ciangi Schibotto, conferência no IEC, Maio de 2009, Espaço Público e participação Infantil (textos de apoio) – Infância e Espaço Público Ciclo de Conferências em Sociologia da Infância 2008/09

⁴ Sarmiento M.J (2008). 3 C – Crianças, Cidades, Cidadania. Braga - Textos de apoio cedidos pelo autor.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania qualidade dos espaços de lazer, dos espaços lúdicos, dos espaços culturais, dos espaços verdes, tão importantes para o desenvolvimento das crianças.

Para além deste aumento da densidade habitacional, acrescesse outro problema, não menos grave, que é o aumento do tráfego e o conseqüente congestionamento de trânsito. Se por um lado este congestionamento leva ao aumento da poluição e do ruído, por outro, faz com que as ruas deixem de ter passeios para os peões, servindo muitas vezes de estacionamento, o que implica a redução dos espaços de passagem. “As ruas deixaram de ser locais onde as crianças se juntavam para brincar, para servirem de passagem ao tráfego cada vez mais intenso de carros e ônibus; mesmo as calçadas que se destinam em principio aos pedestres, se apresentam apinhados de carros dificultando a locomoção dos que andam a pé” (Castro, 1999: 144).

Toda esta problemática leva a que as crianças se sintam mais restritas no espaço urbano e limitadas quanto ao seu acesso, levando, assim, a uma progressiva dificuldade da criança em fazer novos amigos em contexto informal (fora de casa e da escola), dificultando o seu processo de socialização e a prática de comportamentos cívicos. A aquisição de atitudes e comportamentos que, no dia-a-dia, todos os cidadãos deveriam manifestar para a defesa de certos valores e práticas assumidas como fundamentais para uma vida colectiva, de modo a preservar a sua harmonia e melhorar o bem-estar de todos os seus membros, encontra-se seriamente obstada.

“A cidadania na infância, afirmada no quadro da consagração jurídica dos direitos da criança, tem no espaço urbano um lugar problemático de potenciação e de restrição.

De potenciação, porque é em torno da participação das crianças na construção colectiva das políticas urbanas que de forma mais impressiva se vêm afirmando os direitos participativos das crianças no espaço público [...].

De restrição, porque a cidade “não é uma coisa” (Fortuna, 1997), sendo socialmente vivida e construída.” (Sarmiento 2008: 3 – 4)

É de extrema relevância compreender se as cidades de hoje apenas dificultam o desenvolvimento das relações sociais e da cidadania ou se também a promovem, na medida em que é através destas atitudes de cidadania e de comportamentos cívicos que se preservará a cidade e a cultura que a mesma possui.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Para isso, é deveras importante reflectir como é que as nossas cidades estão organizadas em termos físicos, espaciais e paisagísticos e tentar saber se, de facto, promovem atitudes cívicas nas crianças.

Um dos exemplos que muitas vezes observamos é o facto de vermos muitas pessoas, incluindo crianças, atravessarem a rua sem utilizar a passadeira, mesmo tendo uma por perto. Se bem que não é nada exagerado dizer que muitos dos automobilistas também não respeitam as pessoas que estão a tentar passar na passadeira. Outro exemplo, não menos comum, é de deitarem lixo para o chão, com os caixotes ao lado. Outras situações de falta de civismo, muitas vezes observadas, quer por parte dos adultos, quer por parte das crianças, é quando estão a utilizar lugares públicos comuns e fazer deles um espaço quase privado, não permitindo que os outros o usufruam.

O nosso intuito foi o de compreender até que ponto as representações das crianças sobre os espaços urbanos poderiam ou não influenciar a educação e o modo como as mesmas vivenciam a cidade. Claro que a primeira instância onde a criança começa a desenvolver essas competências sociais e a adoptar determinados padrões de comportamento sociais e cívicos é na família, independentemente do facto de esta estar mais ou menos organizada.

Nas sociedades tradicionais, a família ainda é o primeiro espaço de socialização da criança, onde os valores, as condutas e normas de comportamento social lhe são inculcados, sobretudo o respeito pelos outros e pelos espaços que ocupam. Pelo contrário, nas sociedades modernas assistimos cada vez mais à transformação deste papel tradicional e privilegiado de socialização. E isto deve-se provavelmente “a uma consciência individualizada do homem, a uma cultura do consumismo e de mediatização que poderão transmitir falsos valores familiares” (Pinto e Medeiros, (s/d)).

Se, há sinais de que o lugar da criança dentro da família se tornou mais significativo, pelo menos simbolicamente, onde as crianças nunca foram tão amadas e desejadas em privado (*cf.* Ferry, 1996: 139-141), então porque é que a criança cada vez participa menos na vida dos adultos? Várias explicações são plausíveis: por um lado porque os adultos têm pouco tempo para elas, por outro ainda, porque a própria evolução da sociedade torna o trabalho dos adultos muitas vezes demasiadamente complexo, para que a criança possa ter um comportamento participativo.

Muitas vezes, a gestão do tempo por parte da família, devido a questões de horários laborais, implica soluções na gestão do tempo das crianças, que nem sempre são as mais adequadas. Muitas crianças são deixadas sozinhas em casa ou acompanhadas por irmãos mais

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania velhos, entregues às “amas” electrónicas (televisão, Internet, jogos de vídeo, etc.), sendo a televisão ainda a “companheira” principal de muitas crianças. E, como sabemos, os *média* nem sempre exibem as condutas mais correctas, dificultando-lhes a aquisição de atitudes e regras adequadas à convivência com os outros.

Apesar do princípio 31º da Convenção dos Direitos da Criança, reconhecer “à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística [...] e encorajar a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de actividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade” (Convenção dos Direitos da Criança 1989), hoje não é bem a isso a que assistimos, pois, cada vez mais, as crianças têm os seus horários preenchidos, com toda a espécie de actividades extra-curriculares, tudo para evitar que passem o menos tempo possível nas ruas, como se a rua representasse um perigo eminente e permanente para a vida e a saúde delas.

É importante a necessidade de uma renovação ou reestruturação dos espaços urbanos com regras claras, onde as crianças poderão ter uma voz activa no seu planeamento. É importante também alcançar uma cidade que seja de todos e para todos, evitando assim que as crianças corram riscos e perigos, e que sejam colocadas em situações de vulnerabilidade. Não menos importante será uma “reestruturação” na forma como os pais representam a cidade e a experienciam, na forma como transmitem às crianças as atitudes e regras de comportamento social, inculcando-lhes a ideia de uma cidadania activa e participativa.

Ou seja, a reestruturação física não é a única exigência para o desenvolvimento de competências de cidadania, na medida em que compete também à família promover na criança essa noção.

Quanto mais precocemente a família promover a aceitação da diversidade, mais facilmente a criança evitará a “assimilação de estereótipos e de atitudes que, frequentemente, surgem associados a fenómenos como o racismo e a xenofobia” (Leite e Rodrigues, 2001: 23).

Compete então à família inculcar na criança o conceito que os espaços públicos são de todos e para todos, independentemente da sua classe social, raça ou religião, e isso só se tornará possível se os pais tiverem essa consciência, porque a criança aprende mais por aquilo que vivencia, do que por aquilo que lhe é transmitido oralmente.

Temos também a obrigação de alertar as crianças para os perigos da cidade, quer sejam eles de ordem social, estrutural ou paisagístico, porque a criança não tem, muitas vezes,

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania a noção do perigo e arrisca-se a explorar os lugares que encontra, podendo pôr em causa a sua segurança e saúde.

A propósito deste ponto, Paquot (2005), numa das suas investigações acerca das crianças na cidade, alerta-nos também sobre o facto de que a cidade não é apenas um lugar de lazer e recriação, mas também um lugar de rivalidades e perigos no qual a criança, desde muito cedo, deverá aprender a defender-se.

O próprio trajecto que as crianças têm de percorrer entre a casa e a escola também pode pôr em risco a segurança das mesmas. “Muitas vezes, o percurso que a criança tem de fazer entre a casa e a escola, obriga-as a andar com prudência e cuidado, limitando a possibilidade de jogo, tão próprio da sua idade” (Paquot, 2005: 59).

Mas, até que ponto essa visão da cidade contemporânea não será um reflexo das relações sociais primárias?

Pia Christensen e Margaret O'Brien (2003), nos seus estudos acerca das crianças na cidade, demonstram que o que acontece na vida doméstica, na vizinhança e na cidade estão intimamente ligados com o quotidiano das crianças. Na medida em que elas alternam entre os espaços do lar, das ruas, da vizinhança e da cidade, fazendo com que as normas que governam o espaço e o tempo num dos espaços tenham impacto nos outros. O que mais caracteriza a vida social da criança é o facto de ela se espalhar, nas suas mais diversas actividades, em diferentes espaços. O conceito de heterotopia traduz bem esse espalhamento: “A cidade de hoje comporta muitas heterotopias, conceito que Foucault utiliza para realçar a existência, nos espaços reais, de outros, sobreponíveis, justapostos, fragmentários, assíncronos, ou incompatíveis.” (Lopes, 2002: 48).

Vemos que as percepções acerca da insegurança nas ruas reestruturam as práticas familiares e afectam, por seu turno, a participação das crianças na vida social. Assim, a visão que se tem das cidades é quase sempre um reflexo das relações sociais primárias, uma vez que a vida nas cidades tem tanto de negociação relacional entre os seres humanos como de vida nos espaços físicos e lugares.

2.2. A cidade essa (des)conhecida das crianças.

Conversar com as crianças acerca da cidade, suas representações, suas vivências, suas funções, seus espaços físicos, suas estruturas é um tema aliciante, mas ao mesmo tempo difícil de ser abordado na perspectiva da criança, já que, para os adultos e as crianças, a cidade não é vivida nem sentida da mesma forma.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“Existe ainda uma diferença entre a criança e o adulto que importa sublinhar: se explorarmos neste texto diversos espaços do bairro no que toca ao seu papel de suporte espacial para os sentimentos, tanto de proximidade ou de ligação como de afastamento e de alienação, esses mesmos sentimentos, no caso da criança, devem ainda ser ligados aos contextos. Por outras palavras, a identidade da criança tende a formar-se precisamente pelos contactos repetidos com o seu ambiente, o que implica uma modulação de estados afectivos no seio dos contextos onde a criança vive as suas experiências. As associações mais estáveis – o cheiro da pastelaria que antecipa o croissant a que ela tem direito semanalmente e outras associações mais pontuais semelhantes, generalizam-se por etapas, para se constituírem numa trama na qual ela sabe agir cada vez com mais mestria.” (Noschis, 1994: 82).

A criança regista continuamente impressões e factos acerca dela própria e do mundo que a rodeia, gostando de exprimir os seus sentimentos e o seu sentir das coisas e, quanto mais estimulada for, mais necessidade terá de explorar o mundo que a rodeia, “ é a criança, que constrói o seu mundo e o seu ser, o habitat é literalmente o educador da criança.” (Noschis, 1994: 84)

Ora, explorar a cidade e as representações que a criança tem dela, será certamente uma das experiências sociais que lhe proporcionará prazer, conhecimento e acima de tudo divertimento. E o facto de lhes proporcionarmos actividades onde possa criar e inventar as suas próprias brincadeiras neste contexto, fará com que ela descubra o mundo de uma forma diferente.

As crianças gostam de vivenciar as coisas através das suas experiências, na prática: o sentir, o tocar, o cheirar, o ver, tudo isto as cativa e estimula.

Quanto maior for o mistério do lugar, maior será a sua riqueza na expressão. Se a cidade e os seus espaços lhes despertarem a curiosidade, maior será a sua experiência e atenção face ao que as rodeia.

Daí o nosso problema, como abordar o tema, se no momento em questão as condições climatéricas são adversas, impossibilitando-as de vivenciar a cidade na prática? Falar apenas no abstracto, certamente, não iríamos usufruir dos resultados a que nos propusemos, então como contornar este obstáculo climatérico?

A visualização de imagens ou de filmes seria, provavelmente, a técnica mais correcta a utilizar. Com efeito, é através da visualização de algo que lhes possa ser conhecido, que as crianças terão certamente o mote para falar da cidade e exprimir as suas representações.

A visualização de dois filmes foi a técnica utilizada para motivá-las para o tema e captar-lhes a atenção.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Ambos os documentários visualizados eram de índole político, aquando as eleições de 2005, embora a primeira parte de cada documentário fosse uma imagem fiel de Braga, o espaço mais político aparecendo no fim, quando o presidente da câmara vem justificar as suas intervenções e acções, ao longo dos anos, na presidência da câmara.

O primeiro filme aborda Braga nos anos 50/60, as imagens são a preto e branco, e retratam a cidade de Braga nesta época. Apenas se identifica Braga, pelos seus monumentos históricos e algumas ruas mais antigas da cidade.

O segundo filme aborda Braga actual, onde as ruas, os monumentos, os espaços de lazer, espaços culturais, os itinerários principais, entre outros, estão lá retratadas. O único espaço físico que não consta no filme é a remodelação que a Avenida da Liberdade sofreu. O estádio novo do Braga ainda se encontrava em construção, mas é de realçar que três das crianças presentes reconheceram-no como sendo o Estádio de Futebol do Braga. “ *Olha o Braga!... eu já fui lá com o meu pai*” indagou o João Tomás.

O primeiro documentário a ser visualizado, tendo como título *Braga Passado Presente*, iniciou e as crianças não tiveram qualquer reacção de espanto ou admiração. As Fotografias que iam passando não lhes eram familiares, apenas acharam os carros e os autocarros que visualizaram engraçados “ *Olha que carros esquisitos!*” “ *E já viste os autocarros?* Mesmo os edifícios antigos não lhes suscitaram nenhum tipo de curiosidade ou reconhecimento.

À medida que as Fotografias iam passando, fomos-lhes explicando que aquelas Fotografias eram muito antigas e que mostravam a cidade de Braga nos anos 40/50. Pedimo-lhes então para que observassem com atenção algumas destas Fotografias, a fim de reconhecerem algum dos edifícios. Apenas reconheceram o Bom Jesus.

Observamos que as crianças não se identificam com as coisas do passado, o que é normal, pois as vivências delas dizem respeito ao que experienciam na prática.

Quanto ao segundo documentário, houve uma enorme alteração do comportamento do grupo.

A Arcada é a primeira imagem a aparecer e elas reconheceram imediatamente que se tratava da cidade de Braga, iniciando logo conversas paralelas entre elas. Mas outra imagem que todos reconheceram imediatamente foi a A1 – Braga /Porto.

Na sala levantou-se um murmurinho.

“ *Olha a nossa rua!!... Passa aqui em baixo.*” - começou o João Tomás, apontando para o documentário.

“ *Eu já andei nesta estrada com o meu pai!*” - respondeu-lhe imediatamente a Joana

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania
“- *Eu também.*” - retorquiu o Pedro.

Tivemos que intervir, pois a confusão gerou-se, não percebendo do que falavam, distraíndo-se do que estavam a ver. Paramos por segundos o documentário e pedimos que continuassem a ver o filme, explicando-lhe que a conversa sobre o projectado ficava para o fim. Foi quase impossível, pois à medida que o documentário passava mais alguma criança interferia:

“- *Eu também já fui ali!!- Olha o túnel, eu já passei por aquele túnel.*” - comentou o Hernâni. “- *Olha o lago da Avenida, eu já andei lá nos carrinhos!*”- retorquiu imediatamente a Ema

“- *Eu também...*”- respondeu-lhe o Diogo

“- *Olha o Mac Donald's!?!?...*” - gritaram quase todos em coro.

“- *Eu já fui lá!...*”- “*Eu também... E eu...*”

Quase todas as crianças falavam que já tinham ido lá, até que o Hernâni se pôs de pé e disse para os meninos “- *É fixe, eu gosto de comer o gelado...*”

O documentário ia decorrendo, mas a atenção ainda estava voltada para o Mac Donald's, só parando quando visualizaram a Torre de Menagem, e isto aconteceu, porque uma das crianças gritou que tinha visto um castelo.

Explicamos que aquele monumento era a Torre de Menagem, apenas a Filipa interveio dizendo: “- *Anabela eu já fui lá dentro e vi quadros e fui com o pai e a mãe.*”

Questionamos se mais alguma das crianças já a tinham visitado, mas a resposta foi negativa.

O documentário continuou, e de vez em quando uma ou outra criança intervinha dizendo que conhecia aquela rua, ou identificava algum sinal de informação, como o caso do símbolo da farmácia.

Os únicos monumentos que lhes chamou a atenção foi um Pelourinho, em virtude do tema anteriormente tratado na sala acerca da aldeia da Santa Fé, e o Bom Jesus, todos os outros não os reconheceram, a Sé de Braga só foi identificada como sendo a igreja para ir à missa.

Onde observamos maior entusiasmo por parte das crianças, era quando apareciam os parques infantis, o parque do Campo da Vinha ou da Avenida Central, pois todos disseram que já tinham andando lá, a Avenida Central com as crianças a brincarem nos carrinhos de aluguer, o chafariz e a quinta pedagógica, devido à existência de animais, apesar da maior parte das crianças nunca ter lá estado.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

No fim do documentário, aparece o Presidente da Câmara a observar o Estádio ainda em construção e, apenas o João Tomás o reconhece: “*Olha o Mesquita, este é que manda na cidade.*”⁵

Explicamos então às crianças que aquele senhor que aparecia no filme era o Presidente da Câmara e é quem está à frente no governo da cidade.

O documentário acabou e a maior parte demonstrou interesse no assunto, pois no lanche a conversa ainda era acerca dos parques infantis, do Mac Donald's e dos animais.

Como pudemos perceber através da descrição destas actividades, as representações sociais que as crianças têm acerca da cidade estão intimamente relacionadas e dependentes das interacções que ocorrem entre as mesmas. Sabemos que esta asserção não acrescenta nada de novo ao que os teóricos do desenvolvimento infantil afirmam há anos. Contudo, o que não nos parece ser tão óbvio e que, por isso, pretendemos chamar a atenção, são as consequências da escassez destas interacções nos dias de hoje (visível através de algumas intervenções em que, é revelado a falta de conhecimento acerca de alguns espaços, monumentos e figuras públicas), e o papel dos jardins-de-infância na formação e desenvolvimento destas representações sociais como condição *sine qua non* para o desenvolvimento, reconhecimento e consolidação do sentimento de pertença a uma sociedade e, por conseguinte, ao desenvolvimento de comportamentos de cidadania ajustados. Como salienta Moscovici (1976), as relações sociais entre os indivíduos e os objectos, os diferentes tipos de comunicação e formas de agir no contexto estão impregnadas de representações sociais.

As crianças do mundo são, por ventura, inocentes, vulneráveis e dependentes. Mas são também igualmente curiosas, activas e cheias de esperança. O seu tempo deverá ser de esperança, paz, brincadeira, aprendizagem e crescimento. O seu futuro deverá ser moldado em harmonia e cooperação, pois as suas vidas deverão amadurecer à medida que alargam as suas perspectivas e acumulam novas experiencias. As cidades são um excelente contexto para promover tal crescimento e integração de cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, bem como o desenvolvimento de uma percepção de que a sociedade tem a obrigação de satisfazer essas necessidades e que sociedade somos todos nós.

⁵ Episódio registado em nota de campo em 19 de Novembro de 2009

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

2. 3. As primeiras impressões que as crianças têm acerca da cidade

É uma das práticas das rotinas do jardim, conversar em grande grupo com as crianças acerca de algum tema pertinente a tratar ou de algum assunto que as próprias crianças queiram partilhar com os outros. É neste tempo educativo que muitas vezes são completados de forma equilibrada diversos temas com todo o grupo, permitindo-lhes aprendizagens diversificadas, de forma a que, estes participem, democraticamente na vida do grupo.

A cidade tem sido o tema que temos vindo a abordar com elas, embora o tempo tivesse continuado a não permitir as saídas ao exterior. Isso não significa que as conversas com as crianças acerca do tema da cidade tivessem parado. Para fazermos uma pequena síntese daquilo que a cidade representa para as crianças e para observarmos se o tema continuava a ser do seu interesse, quisemos proporcionar um diálogo em grande grupo acerca das representações que elas têm acerca da cidade.⁶

Começamos por abordar as crianças com a seguinte questão:

“- Ainda se recordam do filme da cidade que assistiram há uns tempos atrás? É que estou um pouco esquecida e gostaria que vocês me ajudassem a recordá-lo. O filme falava sobre uma cidade, sabem qual?”

“- Não sabes?” - respondeu intrigada a Ema – *“Era a nossa cidade, “esquecidinha”* (risos gerais). *“É Braga – não te esqueças”* - risos.

“- É muito gira e tem muitas coisas, sabias”. - respondeu o Hernâni.

“- Ah!... Já me lembro, e os meninos gostaram de ver o filme?”

“- Gosta...mos.” - responderam quase todos ao mesmo tempo (Pausa).

“- Então podiam falar do que viram para eu não me esquecer?”

“- Ah...” - interveio o Pedro – *“vimos muitas ruas... lojas e um café. As pessoas estavam sentadas nos bancos do café.”*

“- Olha eu também vi o chafariz, deitava muita água... e os meninos estavam à beira a andar de carrinhos na Avenida...” - continuou o João Tomás

Para além desta “conversa” em grupo, outra conversa paralela surgia entre o André e o Luís *“- Eu também andei lá com a mãe... é fixe, tu já andaste?”* Ao qual o Luís acenando com a

⁶ Episódio registado em nota de campo em 4 de Dezembro de 2009

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania cabeça respondeu que sim. Parando de conversar quando se aperceberam que estavam a ser observadas.

“- E o que é que a cidade tem mais, podiam - me dizer?”

“- Tem lojas para as pessoas fazerem compras.” - começou a Inês

“- Olha! Eu também vi os candeeiros da avenida... sabes aqueles ao lado do Mac Donald's...” - risos, *“- E tem parque para os meninos brincarem.”* - colmatou o Flávio

“- Eu também brinco lá... não és só tu.” - respondeu prontamente o Leonardo.

“- E o que é que vocês acharam do filme?”

“- O filme foi bonito...” - respondeu o David rindo... mas logo a Maria fez-se ouvir *“- Vimos a cidade, a missa, os cavalos e outros animais e o Mac Donald's.”*

- O outro tinha uns carros fixes, sabes! O outro... eram pretos, não vistes?” - respondeu o Hernâni referindo-se ao filme “Braga Passado”

- A cidade tem muitos carros a passar e motas e é muito grande. Ah... e também tem passadeiras e sinais para os carros.” - respondeu o Daniel virando-se para o Hernâni.

“- E um túnel, para os pais irem nos carros.” - retorquiu a Marta que logo foi interrompida pela Ema *“- O meu pai também passa lá...”*

“- E gostaram de ter assistido ao filme?”

“- Sim ...” - um coro de vozes fez-se ouvir na sala.

“- Os meninos que querem falar, levantam o dedo no ar, para nos podermos ouvir uns aos outros, pode ser?”

“- Sim...” - responderam quase todos, rindo de seguida.

“- Agora gostaríamos de saber se, os meninos vão à cidade com os pais? E o que é que costumam fazer com eles quando vão à cidade?”

“- Eu quero falar” - pediu o João Pedro levantando o dedo no ar. *“Eu vou brincar no parque, escorrego e brinco sozinho.”*

“- Vou ao Túnel andar de carro e vou ao parque andar de baloiço.” - continuou a Joana

“- Quando saio com a mãe vou ao Leclerc e vou brincar com a mãe no parque” - falou a Francisca.

“- Vou à casa da avó Mila e também vou às compras nas lojas com a mãe.” - continuou a Filipa.

“- Vou ao parque com o meu pai e brinco com ele.” - também respondeu o Luís.

“- Vou dar um passeio com o pai e a mãe mas de carro.” Continuou o Guilherme.

- Vou passear e passo pelo parque e vou lá brincar um bocado, depois passo pelo Mac Donald's é fixe” - risos – *“e vejo o chafariz”* - respondeu o Hernâni virando-se para a Ema.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“- Gosto de brincar com a Sara. Vou às compras ao Leclerc.” (Dinis)

“- Vou ao parque perto do Mac Donald's e costumo ir às compras ao Feira Nova.” (Ema)

“- Eu também brinco no parque do Mac Donald's e vou às compras ao Feira Nova – risos”.

(João Tomás)

“- Vou passear para o Braga Parque com a mãe e gosto de fazer compras com ela.” (Inês)

“- Vou ao parque que tem baloiços, é aquele que tem uns tubos com cores.” (Maria)

“- Vou ao Mac Donald's e depois brinco no parque ao lado.” (Sara)

“- Vou ao Mac Donald's e como uma hambúrguer e trago um brinquedo”. - risos. “Quando saio, vou para o parque brincar”. interveio o David.

“- Já vimos que os meninos estão muito interessados no assunto e gostaria de vos fazer mais uma pergunta o que é a cidade para os meninos?” - continuou a Educadora para ouvir e observar se o tema tinha conseguido captar a atenção das crianças.

“- A cidade é onde se aprende a andar nos parques e diz-nos que temos que ter cuidado nos parques para não nos magoarmos!”- respondeu prontamente o Hernâni.

“- É um lugar que tem o Mac Donald's para nós comermos”- respondeu timidamente a Sara.

“- A cidade tem muitas casas e prédios, estradas e um chafariz”- continuou a Daniela

“- Tem sinais, árvores e ervas!”- disse o Dinis entusiasmado. As crianças começaram a rir.

“- Ervas?!” risos – “não tem nada, estás a mentir.”- respondeu indignado o Guilherme.

“- Tu é que estás...” respondeu novamente o Dinis, cruzando os braços e amuando –“ eu já vi...”- falando baixinho.

- Então meninos, vamos aceitar as ideias dos outros. A opinião dos outros é sempre importante e nós temos que aceitá-las, mesmo que não concordemos. De facto, na cidade existem ervas, mas eu acho que ele queria dizer que na cidade também há relva, não era isso?

“- Tem... e... é para os meninos poderem brincar. Dá também para fazer ginástica. Eu já fiz com a minha irmã”- referiu o Gabriel.

“- Tem muitos carros nas ruas a andarem!...” interveio energeticamente o Leonardo.

“- Tem lojas para fazermos o bilhete de identidade...” pausa... “eu fui com a minha mãe àquela loja grande, fazer”- interveio timidamente a Joana.

“- Eu já fiz o meu, nessa loja, lá em cima!!”- respondeu a Filipa baixando os olhos depois de falar, pois apercebeu-se que os outros ficaram a olhar para ela.

- Muito bem! De facto, a cidade tem muita variedade de espaços e serviços. Então tentem-me explicar para é que serve a cidade.

“- Para as pessoas passearem e andarem nos carros.” – participou, finalmente a Bruna.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania
“- Para verem o Pelourinho e para... ouvirem bandas nas festas a tocarem no Coreto”-
respondeu o João Tomás, rindo-se de seguida.

“- Para visitarem o castelo que tem lá em cima”- voltou a Filipa a conversar.

“- Para os meninos irem molhar as mãos no chafariz... Não é?... os meninos vão lavar as mãos”
- respondeu o Daniel dando pequenos risos.

“- Tem igrejas para as pessoas irem lá rezar e cantar. O sino toca para chamar as pessoas para
irem à missa”- falou o Diogo, em voz baixa.

“- A cidade também tem escola, para as pessoas irem lá aprender a escrever e ler...” respondeu
prontamente o Flávio - “e contar, não te esqueças.”

“- Há muitas pessoas a trabalhar nas lojas, farmácias, nos médicos... e... e escritórios, não
sabes!?” - interveio rapidamente a Ema, não deixando o colega falar.

“- Olha?!... pausa - a cidade também tem um hospital...” - respondeu rapidamente o João
Tomás, virando-se para a colega do lado.

“- É verdade! A nossa cidade também tem um hospital e para que é que serve?” - perguntou
novamente a educadora.

“- Para irem as pessoas que estão lá doentes... E para serem picadas... rindo. Sabes! é para
tratar a gripe A!...” - interveio novamente o João Tomás, rindo de seguida.

- Acho que hoje já conversamos muito sobre a cidade e, estou muito satisfeita com os meninos,
juntos vamos aprender muito sobre a cidade, não concordam?”

Apenas ouviu-se um coro de vozes e um sim muito sonante e divertido.

Apesar de termos tentado orientar esta actividade em torno de três dimensões através
das questões que foram colocadas: actividades desenvolvidas nas cidades (o que fazem quando
vão às cidades?); as representações sociais das cidades (o que é a cidade?); a utilidade das
cidades (para que servem as cidades) – foi verificado que independentemente da orientação da
questão colocada, as crianças não se desprendem das representações que têm aquando das
suas respostas às questões. Podemos inclusive dizer que estas são manifestações, produtos das
diferentes realidades vividas pelas mesmas, “com efeito, as memórias e as representações
sociais permitem a restituição do elenco de experiências [...] adquirem o estatuto de um acervo
de conhecimento social e pessoal (Rocha, Ferreira, Vilarinho, 2000: 2). Sarmiento (2004)
acrescenta e chama-nos a atenção referindo-se às crianças como intérpretes culturais, no modo
como apreendem e simbolizam o real.

Esta primeira actividade em que o intuito prendeu-se com a necessidade de nos
aproximarmos das representações que as crianças tinham acerca das cidades, permitiu-nos

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania conhecer a realidade social infantil acerca das mesmas ainda que algo incipiente. O que podemos retirar de maior interesse desta actividade revela-nos que as cidades das crianças são alvos do consumo, a marca de fast food é enumerada pelas crianças inúmeras vezes, referem-se muito pouco às interacções sociais, não existem espaço para elas (e.g. as pessoas estão sentadas nos bancos de cafés; “vou brincar no parque...brinco sozinho”). O que caracteriza as cidades são elementos como trânsito, comércio e um certo isolamento social.

Sarmento (2004) diz-nos que a mudança de comportamentos induzida tem efeitos no que respeita aos modos de apreensão e representação da realidade pelas crianças, aos padrões de interacção. Nesta mesma lógica, se provocarmos alterações, ainda que em contexto institucional com apoio de saídas ao exterior, estamos a promover interacções de maior enriquecimento social e afectivo, crianças com maior noções de pertença ao meio e sentimento de cidadania.

2.4. Representações Sociais dos Pais acerca da cidade

Como já referenciamos anteriormente, a família é o primeiro sistema de socialização e transmissão de valores com o qual a criança contacta. Neste sentido pensamos que cabe à família, em primeira instância, transmitir à criança que os espaços públicos são de todos e para todos. A criança aprende mais por aquilo que vivencia, do que por aquilo que lhe é transmitido oralmente. Averiguar as experiencias vividas em família tornou-se uma preocupação para este trabalho, pois pensamos tratar-se de um excelente meio de análise das representações sociais parentais acerca da cidade através do estudo das experiencias vividas.

Daí que entender as representações que os pais têm acerca da cidade, provavelmente nos ajudou a compreender as próprias representações sociais que as crianças têm acerca da mesma, como já tivemos a oportunidade de referenciar.

A melhor forma de o fazer, foi o de convidar os pais para a realização de uma entrevista⁷, onde lhes foi dada a oportunidade de discutirem alguns assuntos pertinentes.

Em conjunto foram feitas algumas reflexões. A opinião dos pais é que as crianças não vivenciam a cidade e a rua como outrora. Mas, também afirmaram, que hoje em dia as crianças usufruem de mais espaços educativos e públicos do que antigamente. Aliás,

⁷ Guião de entrevista realizada com os pais, ver anexo nº4

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“...os traços mais marcantes da evolução das características da infância portuguesa no plano cultural articulam duas dimensões fundamentais: em primeiro lugar, o aumento da frequência das instituições educativas[...] e em segundo lugar, pela maior dominação do espaço cultural infantil pelos adultos, através da ocupação das crianças sob supervisão adulta[...] (Sarmento 2009)

A questão da falta de segurança na maior parte dos espaços urbanos, a falta de tempo por parte dos pais em proporcionar-lhes jogos e brincadeiras nesses mesmos espaços são os factores que mais condicionam, segundo a sua opinião, as interacções sociais entre as crianças.

Mesmo nos locais mais apropriados à promoção deste tipo de relações sociais e trocas de saberes, parques infantis, parques de lazer, jardins, a protecção e o medo estão sempre presentes. Um dos intervenientes chegou mesmo a afirmar: “ *Noto que quando estou com o meu filho a brincar no parque infantil, este pouco se relaciona com os outros meninos. Isto, a meu ver, deve-se ao facto das crianças se sentirem muito protegidas com a nossa presença e receiam ir brincar com os outros meninos!*”

O excesso de trânsito e uma cidade pouco apelativa, onde há uma escassez de espaços verdes e jardins, foi outra condicionante realçada, levando a que os lugares públicos para passear com as crianças sejam os espaços fechados ou os grandes centros de comerciais onde o apelo ao consumo é uma constante.

Afirmaram que compete, em primeiro lugar, à família alertar as crianças para os perigos da cidade, quer sejam eles de ordem social, estrutural ou paisagístico, porque nestas idades ainda não têm a noção do perigo e podem pôr em causa a sua segurança e saúde. E que os princípios da cidadania deveriam começar na família.

No fim desta entrevista colectiva, podemos concluir que as representações sociais parentais acerca da cidade têm uma espécie de tronco comum entre si: a cidade de Braga não promove espaços, actividades ou contextos sociais ajustados para o desenvolvimento da cidadania, bem como não se enquadra no retrato de um contexto urbano onde as crianças possam participar activamente na sua vida social, política e cultural. Desta forma, podemos concluir que para os pais destas crianças, a cidade de Braga está longe de se enquadrar dentro do “Movimento das Cidades Educadoras” ou até das “das Cidades Amigas das crianças”. O que podemos também retirar deste tópico, para além do já discutido anteriormente, é o facto de como já é sabido, estas representações sociais serem transmitidas às crianças quer através das acções, quer através dos diálogos intergeracionais entre pais e filhos, o que pensamos ser pouco promissor para a mudança desejada ao nível da integração infantil na vida em sociedade.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

2.5. Síntese e conclusão

A revisão da literatura sobre o estado da arte dos estudos sociológicos acerca da cidade e da transformação do espaço urbano permite-nos concluir que, as mudanças sociais ocorridas no último século tiveram um reflexo na evolução da cidade e na forma como concebemos/vivemos os seus espaços. A cidade de hoje, concebida como um lugar onde coexistem e interagem diferentes grupos sociais, reflecte o individualismo da sociedade.

Verifica-se que a cidade constitui um lugar para os adultos, com falta de espaços ajustados às crianças, onde estas são negligenciadas no seu papel participativo no espaço público da convivência urbana. Esta ocultação da criança, como actor social, tem reflexos negativos na construção da sua cidadania.

A compreensão da percepção que as crianças têm do espaço urbano passa sempre pela experimentação, em conjunto com elas, dos contextos em que as suas representações sociais ganham sentido.

Inicialmente, a cidade é representada por um aglomerado de edifícios, automóveis, lojas, ruas e passeios, elementos exteriores à criança. A cidade e os espaços urbanos são para as “pessoas”, isto é, a cidade é dos adultos. A criança sente que não faz parte da mesma, pois raramente se identifica como actor participativo no espaço urbano, exceptuando, talvez, nos parques infantis. Os espaços lúdicos são identificados pelas crianças como espaço de lazer e de brincadeira, mas estas continuam a não se sentir como elemento integrante do mesmo. As crianças não afirmam que é para nós brincarmos, mas antes: *“é para os meninos brincarem”*.

Por outro lado, a cidade é o local onde a criança é bombardeada pelo apelo consumista, pois o McDonalds, os centros comerciais são espaços públicos mencionados inúmeras vezes como locais de consumo pelas mesmas.

Para concluir, verificou-se, também que as representações sociais das crianças acerca da cidade reflectem, em certa medida, as dos seus pais no que concerne ao conceito de cidade e aos seus elementos mais representativos.

A cidade não está concebida para as crianças; daí que, as preocupações destes pais sejam mais de “proteger” do que despertar a curiosidade, a participação e a intervenção destas na cidade, delegando essa responsabilidade às instâncias educativas.

CAPÍTULO III

A cidadania e as culturas da infância

3. A cidadania e os pilares das culturas da infância

3.1. Conceito de cidadania

O conceito de cidadania é muito antigo e foi sofrendo mudanças ao longo da história. Não é de hoje que o homem tenta criar mecanismos para viver numa sociedade justa e igualitária. Essa concepção está vinculada ao surgimento da vida na cidade, à participação nas decisões sobre os rumos da vida social e ao exercício de direitos e deveres.

“A Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948 representa mais um contributo para o alargamento da abrangência do conceito de direitos, continuando a ser, no entanto, de acordo com Ponte [...] uma declaração direccionada para “humanos adultos”, sendo as referências à infância, de acordo com a mesma autora, “...encaradas numa perspectiva proteccionista e (onde) a autoridade parental sobre o tipo de educação a conferir se sobrepõe a qualquer outra, incluindo a do Estado” (Fernandes 2002: 193)

Actualmente pode-se dizer que os princípios de cidadania e também de Estado-nação constituem o modelo de federação dos indivíduos na sociedade.

Prevalece hoje o modelo republicano, laico, baseado numa forma de contrato, interligando indivíduos livres, conscientes, voluntários e racionais. Este modelo tem a pretensão de conter ou contrariar os diferentes comunitarismos, ou como diz Touraine “os grupos definidos nacionalmente, etnicamente ou numa base religiosa, que tinham apenas uma existência na esfera privada, [e que] adquirem agora uma existência pública suficientemente forte para pôr em causa a sua pertença à sociedade nacional” (Touraine, 2005: 235). O Estado-nação assenta no princípio da cidadania e, por conseguinte, estimula um tipo de tolerância que se refere exclusivamente aos indivíduos entendidos como cidadãos e não como pertencentes a um grupo de obediência étnico ou religioso. Por outras palavras o Estado-nação advoga a favor de:

“[...]um princípio de integração de todos os indivíduos, quaisquer que sejam as suas origens históricas, as suas crenças e as suas práticas religiosas, quaisquer que sejam as desigualdades da sua condição social. A sociedade democrática propõe-se integrar todos os seus membros por meio da participação nos valores, nas instituições e nas práticas da cidadania, transcendendo os seus particularismos históricos, religiosos ou sociais. Por definição a sociedade democrática permanece potencialmente aberta a todos os seres humanos, a sua vocação é universal” (Schnapper, 2007: 132-133).

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Numa sociedade democrática, ou seja, numa “sociedade de cidadãos”, segundo a expressão de Dominique Schnapper, os indivíduos nunca deixam de pertencer a determinados grupos. Mas o Estado-nação tem a pretensão de conter as aspirações reivindicativas destes grupos dentro de limites razoáveis. O indivíduo poderá pertencer a todo o tipo de grupo, aderir a ele, constituir associações culturais, instituições de entreajuda, escolas privadas, etc.; em contrapartida os indivíduos, porque são antes de mais cidadãos, não podem organizar-se em comunidades autónomas nem exercer qualquer forma de jurisdição legal e autónoma sobre os seus membros. Dito de outra forma, o Estado-nação quer-se simultaneamente tolerante em relação às minorias e interventivo, já que “obriga estas a mostrarem-se elas próprias mais tolerantes em relação aos indivíduos” (Walzer, 1998: 48).

O princípio de cidadania pretende ser a incarnação dos valores de liberdade, de igualdade, de justiça, de tolerância e respeito mútuos, de participação na vida democrática, que se exprimem no quadro do Estado-nação. A Escola não ficará naturalmente alheia a estes valores, já que constitui um inquestionável elo de transição e de transmissão desses valores das gerações mais velhas para as mais novas. No quadro do Estado-nação democrático, a Escola só poderá ser o reflexo desta sociedade de cidadãos, promovendo a participação das crianças na vida pública assim como o respeito dos valores comumente partilhados.

As crianças devem ser vistas como actores sociais e como sujeitos de direitos, incluindo o direito à participação. Mas este conceito não deixa de ser difícil de explicar às crianças mais pequenas uma vez que não é palpável. É um conceito abstracto que só se pode concretizar na forma como cada um vive em sociedade.

3.1.1. O bilhete de Identidade – A brincar também se aprende a ser cidadão.

“A globalização encurtou as distâncias, valorizando o espaço local que se torna por isso mesmo em espaço planetário.

Isto tudo muda a actuação dos indivíduos que, face a complexidade das questões mundiais e nacionais, tendem a se tornar indiferentes. O que resulta uma apatia política generalizada que pode ser notada nas ruas, nas salas de aula, etc. Os que resistem encontram a possibilidade de exercer a cidadania a partir de sua actuação directa, na busca de soluções de problemas de seu lugar ”
(Toledo, 2007)

Toledo chama-nos a atenção para uma espécie de possibilidade de perda de identidade cívica face à complexidade inerente à globalização. Apesar de não ser do nosso interesse indagar acerca das vantagens ou desvantagens políticas do processo de Globalização, devemos

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania concordar com o autor na dificuldade acrescida que este acarreta, por exemplo, para a definição de cidadania na infância, devido à complexidade das questões mundiais e nacionais e à diversidade dos contextos de educação infantil.

Ao proporcionar às crianças, desde muito cedo, actividades que lhes promovam uma consciência cidadã, poderão, num futuro próximo, exercer a sua cidadania de uma forma mais directa e consciente, levando-as a experimentar algumas emoções colectivas ou em pequenos grupos, nas quais elas participarão directamente nas decisões.

Fazer simulações, acerca do que é ser cidadão, em contexto de sala, antecipa vivências sociais e efectivas. É através do brincar ao faz de conta que as crianças desenvolvem algumas das suas capacidades mais importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de sociabilidade, por meio da interacção e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. A fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas, sobre o eu e sobre o outro. Brincar funciona como um cenário no qual as crianças se tornam capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la.

Isso só é possível se o Jardim de Infância proporcionar uma panóplia diversificada de actividades que lhes permita ter consciência de que, ao tomarem pequenas decisões e opinarem sobre questões de índole social, estão a proporcionar-lhes a base de poderem ser intervenientes sociais e cidadãos conscientes.

Faz parte das rotinas da sala proporcionar, diariamente às crianças, momentos onde estas possam exprimir as suas opiniões acerca de diversos assuntos, as suas experiências e as suas vivências, bem como fazerem as suas escolhas. É através destes momentos que é possível promover o desenvolvimento pessoal e social da criança, com base em experiências de vida democrática, numa perspectiva de educação para a cidadania.

Mas nem tudo pode ser transmitido apenas pelo diálogo, sendo possível que através das experiências pessoais, pouco a pouco, as crianças possam assimilar este conceito. Simular a elaboração do bilhete de identidade foi uma dessas experiências.

O Bilhete de Identidade é um documento nacional de identificação civil em Portugal que está actualmente a ser substituído por um novo documento de identificação denominado de Cartão de cidadão; embora só seja obrigatório a partir dos 10 anos de idade, não significa que as crianças mais pequenas não o possam ter.

No acolhimento da manhã, a educadora perguntou se alguma das crianças tinha um documento igual ao que ela estava a mostrar (Bilhete de Identidade)

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Grande parte do grupo respondeu que não. Apenas duas crianças é que disseram que tinham um assim:

“- *Eu fui com a minha mãe à Loja do cidadão e fiz o meu*”- respondeu a Filipa um pouco envergonhada.

- “*Eu também fui com a minha mãe lá acima e fiz o meu*” – comentou timidamente a Joana.

As outras crianças responderam que não tinham ou não se pronunciaram. A Educadora explicou que aquele documento era muito importante e que todas as pessoas, incluindo os meninos a partir dos dez anos, devem tê-lo documento.

Explicou-lhes, também, de uma forma muito simples, que o Bilhete de Identidade tinha dois lados (frente/verso), e deixou que o seu bilhete de identidade circulasse de mão em mão dando a oportunidade que todos o visualizassem.

Depois de todos o observarem, pegou novamente no Bilhete de Identidade e explicou o que estava lá registado. As crianças mantiveram-se atentas às explicações dadas, mas o que mais lhes aguçou a curiosidade foi a impressão digital.

“- *Oh! Anabela, o que é aquela mancha preta?!*”- exclamou o João Tomas.

A educadora explicou-lhes que “aquela mancha preta” era a impressão digital, e simulou com tinta e papel a impressão, para que todos pudessem observar como é que ela aparecia no BI.

Observou que as crianças estavam curiosas e interessadas no Bilhete de Identidade, e perguntou – lhes se gostariam de fazer um bilhete de identidade a fingir, explicando-lhes que só em determinadas locais públicos é que poderiam fazer os BI de verdade.

Todos ficaram entusiasmados com a ideia de fazerem o seu BI. Primeiro, porque, para a maioria, iria ser um momento de “brincar aos crescidos”, como alguns comentaram:

- “*Que fixe, vou fazer o bilhete de identidade, igual ao meu pai!*”- respondeu o Hernâni

“- *Olha... nós também vamos por o dedo aí?*” – indagou o João Tomás, sempre muito curioso.

“- *Claro que sim... apesar de ser um documento a fingir, vamos fazer como se faz na Conservatória da Avenida ou na Loja do Cidadão*”- explicou-lhes a educadora.

“- *Vai ser giro!?*” – respondeu o Flávio.

A simulação ficou para o período da tarde. Depois das crianças estarem novamente na roda, a educadora explicou-lhes que eles iriam fingir que estavam na sala de espera da Loja do Cidadão. Teriam que retirar uma senha (ticket) e esperar a vez de serem chamados.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

A educadora e a auxiliar faziam de conta que eram as técnicas da Conservatória.

As vezes serviram de secretária, na porta foi afixado uma fita métrica para fazer a medição das crianças.

Na secretária, estavam colocados os “impressos” do B.I e um recipiente com tinta preta, para as crianças colocarem o dedo, para fazerem a sua impressão digital.

A simulação começou. Uma a uma iam retirando um número e sentando-se no chão, aguardando a sua vez de serem chamados. À medida que iam sendo chamados, foi-lhes pedido que cumprimentassem as pessoas e que transmitissem às “técnicas” o que as trouxe à Conservatória da Loja do Cidadão.

“- *Numero um!...*” – chamou a técnica (educadora)

“- *Sou eu!*” – respondeu prontamente a Ema – “*Olha! Eu venho fazer o Bilhete de Identidade, pode ser?*”

“-*Boa tarde menina!*” – salientou a técnica (educadora) para mostrar à criança que sempre que nos dirigimos a alguém, devemos sempre cumprimentar quem nos recebe.

“- *Ah! Boa tarde! Já me esquecia!*” – retorquiu imediatamente, fazendo uma cara de “malandra”.

As restantes crianças que se encontravam na fila e sentadas na “sala de espera” desataram a rir, da forma como esta criança falou.

A educadora chamou-lhes então à atenção e explicou-lhes que é importante que as pessoas sejam bem-educadas umas com as outras. É um comportamento cívico que muitas pessoas se esquecem de ter e nem sempre transmitem aos seus filhos a importância que ele tem no quotidiano.

Todas compreenderam a mensagem, pois notou-se que à medida que iam sendo chamadas, tiveram o cuidado de cumprimentarem quem as acolhia.

Pouco a pouco, as crianças iam fazendo o seu BI, quase todas sabiam o nome dos seus pais e a freguesia onde moram, e o país a que pertencem e isso é importante, reconhecerem-se como sendo cidadãos portugueses. Inclusive, uma das crianças do grupo, quando lhe foi colocada a questão respondeu: “*A minha mãe é do Brasil, mas eu sou portuguesa, nasci aqui! Sabias?*” (Bruna).

Como é um grupo muito grande, as crianças que ficaram para o fim, já estavam a ficar saturadas, saíam dos lugares, conversavam umas com as outras. A educadora, depois de terminar todos os Bilhetes de Identidade, fez uma reflexão com as crianças:

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“É muito importante termos um documento que nos identifique como sendo cidadãos portugueses, mas o mais importante é sabermos nos comportar nos locais públicos.”

Reflectiram que o excesso de barulho pode prejudicar o bom funcionamento dos trabalhos das pessoas e o bem-estar dos outros e, que o saber estar e ser bem atendido é um direito que qualquer pessoa tem. Mas tem também o dever de respeitar quem está ao seu lado e quem está a trabalhar.

A propósito desta reflexão, uma das crianças levantou o dedo e falou “- *Quando fui com a minha mãe fazer o Bilhete de Identidade, uma senhora que estava ao lado disse palavras feias...*”(Filipa)

“- *E acham que essa senhora estava a ser correcta e educada?!*”- Questionou a educadora dirigindo-se ao grupo.

“- *Não!*” – responderam quase todos em coro.

“- *Os meninos e os crescidos não deviam dizer essas palavras, são muito feios. E nós não gostamos.*” – colmatou o Hernâni⁸.

Mas se reflectirmos é o que acontece, muitas vezes, na prática, nos serviços de atendimento ao público. Nem sempre o atendimento é o mais correcto e assertivo e tudo isso é transmitido aos mais novos, pois as crianças captam tudo o que as rodeia.

Com esta simulação, reconhecemo-nos como cidadãos de um país, adquirimos comportamentos cívicos adequados. O Bilhete de Identidade é um documento que nos identifica perante os outros como sendo um cidadão. As representações das crianças acima enunciadas através da actividade, demonstram que as mesmas compreendem a importância de serem cidadãos conscientes, com direitos e com deveres.

Como podemos verificar, a simulação do exercício do B.I. e a discussão que se seguiu revelou-se uma excelente ferramenta não só para difundir a importância de um documento que nos caracteriza como únicos, mas também como pertencentes a uma unidade social a que denominamos como Sociedade. Informações como nosso nome, filiação, data de nascimento, impressão digital e o número atribuído ao documento demonstraram às crianças a particularidade de sermos únicos; contudo, revelaram também que todos temos o direito e dever de estarmos registados formalmente num organismo público que nos confere “espaço” e

⁸ Episódio registado em nota de campo em 18 de Novembro de 2009

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania existência num todo social. A tarefa pareceu-nos igualmente rica noutros aspectos. A possibilidade de simular a utilização de um serviço público, a relação social de carácter profissional que se estabeleceu entre as crianças e as supostas funcionárias, foram momentos, como já dissemos, de grande interesse e difusão do exercício e treino da cidadania infantil.

A promoção deste tipo de actividades, por parte das instituições de educação infantil, torna-se uma poderosa e imperativa ferramenta na difusão da cidadania junto dos mais novos.

3.1.2. Cartaz “A cidade é de todos e para todos”

Não basta apenas conversar com as crianças sobre as representações que estas têm acerca da cidade. É também fundamental através das suas vivências pessoais e das actividades propostas e realizadas, compreender até que ponto as crianças se identificam como cidadãos, compreender até que ponto elas adquirem e assimilam alguns comportamentos cívicos, sobretudo a noção de pertença e o respeito pelos espaços físicos e urbanos, e tudo o que lhes está inerente.

Ao longo de algumas semanas foi pedido, através da caderneta do educando, que, quando as crianças visitassem alguns espaços físicos e urbanos, lhes fosse concedida a possibilidade de tirar livremente Fotografias a tudo que lhes chamasse a atenção. Explicando que essas mesmas Fotografias iriam ser exploradas por todos, em contexto de sala, e futuramente afixadas em local onde toda a comunidade educativa incluindo os familiares, pudessem ler e observar a opinião destas crianças, acerca do que haviam Fotografiado e visualizado.

“As imagens comunicam de forma diferente das palavras, fazendo emergir respostas estéticas e emocionais assim como intelectuais (Freedman, 2003). Por este motivo os investigadores esperam que a utilização de imagens para a recolha de dados de investigação possa originar respostas diferentes daquelas obtidas através de outros métodos”. (Thomson 2008: 11)

Ao longo de duas semanas, aguardamos que essas Fotografias fossem tiradas e na data estipulada para a actividade, foram apenas quatro crianças que se empenharam em trazer para a sala diversas Fotografias tiradas por elas, nos mais diversos contextos.

Muitas crianças disseram que os pais não lhes deixaram tirar Fotografias *“O meu pai não deixou eu tirar as Fotografias que tu pediste...”*(Hernâni) e outras responderam que não tinham saido *“Eu tenho ficado em casa.”*(Bruna); *“Eu só vou às compras com a mãe... chove muito e fico em casa a ver televisão.”*(Daniela)

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

A actividade iniciou pela visualização das diversas Fotografias à medida que estas iam sendo observadas. Quase todas as crianças iam fazendo pequenos comentários. *“Eu estive a ver a procissão nessa rua!”(João Tomás); “Olha o chafariz, onde costumo ir andar de bicicleta com a mãe e o pai”(Francisca);“Olha o lago do parque da Ponte...aquele que fomos lá no outro dia”(João Pedro).*



Fotografia n.º 1 Rua do Souto

Autor : Francisca, 4 anos



Fotografia n.º 2 Avenida Central – Arcada e Chafariz

Autor : Francisca, 4 anos



Fotografia n.º 3 – Lago do Parque da Ponte

Autor : Filipa, 5 anos

O reconhecimento dos lugares das Fotografias era imediato. Quase todos tiveram a oportunidade de comentarem ou darem a sua opinião acerca das Fotografias e dos locais que estavam a visualizar. Apenas não conseguiram identificar o nome de alguns monumentos históricos, como o Theatro Circo, a Arcada, a Sé de Braga, o Edifício da Biblioteca, mas já começavam a manifestar algum interesse e curiosidade pelos mesmos: *“as pessoas vão aqui ao teatro ver teatro.”; “Esta casa (referindo-se à Arcada) é muito antiga e à frente tem o chafariz que deita água”(João Tomás); “Na biblioteca há muitos livros para nós irmos lá ler”⁹(Diogo). As*

⁹ Episódio registado em nota de campo 24 de Abril de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania crianças começam a aperceber-se que aqueles locais, para além de serem pólos de socialização entre as pessoas, também são importantes para sua inserção como membros do espaço cultural e simbólico da cidade.

Constatamos que as crianças reconhecem sobretudo os espaços onde, de alguma forma, tiveram alguma vivência ou experiência pessoal, ou os equipamentos e mobiliário que já abordamos em contexto de sala. As Fotografias dos Ecopontos, do rio Este, do Parque da Ponte, dos parques infantis, do chafariz da Avenida Central, também são locais reconhecidos. Não só pelos espaços e equipamentos em si, mas pelos comportamentos e atitudes que se deve ter para com eles. O verdadeiro objectivo consiste, de facto, em compreender como as crianças apreendem a cidade enquanto cidadãos.

As crianças começam a compreender que é importante sentirem estes espaços como sendo de todos e que se todos têm o direito de usufruir também têm o dever de cuidar e preservar o que é público.

Conseguimos observar e registar que as crianças começaram a demonstrar respeito pelos espaços públicos, rua, equipamentos lúdicos, mobiliário urbano, sinalização, pois, ao visualizarem as Fotografias desses mesmos espaços foi comum ouvirmos as seguintes expressões: *“Gosto de andar de bicicleta junto do chafariz, mas ando devagar para não atropelar as pessoas que estão lá a passear”*(Francisca); *“As mesas dos parques são para fazermos pic – nics, mas não podemos deitar lixo para o chão”*(Daniela); *“O pai quando vai a conduzir na estrada, eu digo-lhe para olhar para os lados e não andar depressa”*(Joana); *“Devíamos andar mais nos autocarros e sempre sentados nos bancos”*(Ema); *“Temos que cuidar do rio Este, para não ficar sujo e os peixes não morrerem”*(Leonardo); *“O lixo é para deitar nos caixotes do lixo e os meninos às vezes deitam no chão”*(Inês); *“Eu gosto de passear na nossa cidade, tem muitas coisas bonitas”*(Maria).



Fotografia nº 4 - Rio Este

Autor: Filipa, 5 anos



Fotografia nº 5 – Ecoponto

Autor: Filipa, 5 anos

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania



Fotografia n° 6 - Garagem da TUB

Autor: Filipa, 5 anos



Fotografia n° 7 - Mesas no parque infantil

Autor: Filipa, 5 anos

Muitas foram as afirmações que, ao longo da visualização das Fotografias, as crianças iam fazendo, quer connosco, quer com os colegas, demonstrando um sentido de pertença.

“Os meninos não podem deitar lixo para o chão, porque sujam a nossa cidade”; “Os meninos e os pais e, também os senhores da Câmara devem cuidar dos nossos parques”; “Os homens são maus porque deitam lixo para o rio”; “Os carros, na cidade devem andar devagar, para pararem nas passeadeiras”. “A cidade é de todos”.



Fotografia n° 8 - Crianças em situação de pequeno grupo a comentarem as Fotografias

Autor: Anabela (educadora)

Enquanto se elaborava o cartaz acerca da cidade, constatámos que as crianças, pouco a pouco, começaram a interagir como fazendo parte de uma cultura e de uma sociedade. Começaram a perceber que a sua opinião era ouvida e transmitida aos outros.

Sentimos que, de alguma forma, as crianças começam a ter consciência que, tudo o que se passa à sua volta, lhes começa a dizer respeito e, quanto mais possibilidades elas tiverem de participar activamente na sociedade em que estão inseridas, maiores serão as probabilidades de se tornarem adultos críticos e responsáveis num futuro próximo.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Demos conhecimento aos pais e a outros membros da comunidade educativa do processo e produtos realizados pelas crianças a partir das suas contribuições. Se por um lado essa acção favorece um clima de comunicação e de troca de saberes, por outro, engrandece o próprio trabalho do grupo.

As crianças, ao sentirem que os seus trabalhos e opiniões são levados em atenção, manifestam maior vontade em participar nas actividades.

É importante que, ao longo da infância, as crianças adquiram normas e valores, que conheçam os direitos e os deveres. Só assim serão cidadãos intervenientes e participativos na reestruturação, construção, edificação das cidades. É preciso reconhecer que as crianças também têm voz e ideias.

3.2. As culturas da infância – conceitos e fundamentos

O mundo actual está em constante mutação. É complexo e multifacetado e não devemos também considerar apenas uma infância, um mundo infantil, mas sim infâncias, mundos sociais infantis diversos (*cf.*, Sarmiento e Pinto, 1997).

A cultura da infância é uma cultura universal, mas a vida de cada criança, o grupo a que pertence, a colectividade onde vive, é pessoal e única.

“As acções e interacções que a criança vivencia nos seus vários contextos de vida desempenham um papel fundamental na organização dos vários sistemas de comunicação interpessoal, permitindo-lhe realizar experiências de vida que a levam a descobrir e a desenvolver os seus próprios processos adaptativos, as suas competências para a integração social dinâmica” (Neto e Malho, s/d).

Existe uma diversidade de conceitos, que acabam por dar significados diferentes às formas e conteúdos das culturas infantis, na medida em que estas são produzidas numa relação de interdependência com outras culturas societais, ultrapassadas por relações de classe, género e da proveniência étnica, impedindo a fixação de um sistema coerente do próprio significado da acção infantil.

Segundo Sarmiento (2002), a própria ‘marca’ da geração torna-se patente em todas as culturas infantis como denominador comum, traço distintivo que se inscreve nos elementos simbólicos e materiais para além de toda a heterogeneidade, assinalando o lugar da infância na produção cultural.

Ou seja, as culturas da infância são variáveis com o tempo e inscrevem a história no seu interior. Não podemos pensar a infância a partir de dicotomias. Assim como a cidade está

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania organizada em diversas instituições, sendo que cada uma delas tem funções específicas, também não podemos isolar a criança dessa mesma organização, ela faz parte dessa estrutura (sociedade), se bem que a infância tem as suas características próprias.

“É no vaivém entre culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância” (Sarmento 2009)¹⁰.

O mesmo autor reforça esta ideia quando afirma que:

“Conhecer as nossas crianças é decisivo para a revelação da sociedade, como um todo, nas suas contradições e complexidade. Mas é também a condição necessária para a construção de políticas integradas para a infância, capazes de reforçar e garantir os direitos das crianças e a sua inserção plena na cidadania activa” (Sarmento, 2003: 1).

Muitas vezes, a cultura das crianças questiona a própria cultura dos adultos, interrogando-os acerca do que é ser criança nos dias de hoje. Nas crianças, o imaginário e a lucidez andam de mãos juntas no seu quotidiano, sendo que “ o imaginário infantil é um elemento nuclear das culturas da infância. As crianças desenvolvem a imaginação através das suas experiências de vida e as situações que imaginam dão-lhes o poder de compreender o mundo que habitam” (Furtado s/d).

Os próprios comportamentos e atitudes que a criança tem advêm destas experiências de vida que ela adquire através da convivência com os pares, nomeadamente através do jogo. Aliás, são os jogos que promovem nas crianças a partilha de tempos, de acções, representações e emoções, necessárias a um melhor entendimento do mundo.

Mas, para compreender melhor a diversidade de culturas da infância, Sarmento (2009) alerta-nos que é importante considerar vários aspectos:

- a. a morfologia, que diz respeito à própria forma que assumem os elementos constitutivos das culturas da infância;
- b. a semântica que são as referências e os significados próprios das crianças;
- c. a sintaxe que são as regras de articulação entre os elementos simbólicos;

¹⁰ Sarmento M. J. (2009). Discursos sobre a infância e as culturas infantis - uma abordagem Sócio-antropológica. Braga. Power Point cedido pelo autor.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

d. a pragmática que são as regras e protocolos das relações de comunicação que se estabelecem entre pares.

O mesmo autor chama-nos a atenção, ainda, que as culturas da infância estão para além dos processos de colonização cultural pela indústria cultural das sociedades capitalistas. Ou seja, são modos sistematizados de significação do mundo e de acção intencional realizada pelas crianças, distintos dos modos de significação e acção.

Referimo-nos assim, “às acções dotadas de sentidos, os processos de representação e os artefactos produzidos pelas crianças” (Sarmiento, 2002)

3.2.1. Brincadeiras espontâneas versus jogos programados no Largo do Município

Como referenciamos anteriormente, existem culturas conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e culturas construídas nas próprias interacções entre elas. Verificamos isso diariamente no quotidiano do Jardim de Infância, onde as crianças brincam de forma espontânea umas com as outras e, outras vezes, participam nas brincadeiras propostas pelos adultos.

Os espaços públicos são excelentes potenciadores desta cultura da infância, na medida em que também servem para estabelecerem relações entre eles sem a interferência dos adultos. As brincadeiras surgem de forma espontânea, onde o riso e a partilha dos espaços são efectuados sem conflitos, onde geralmente um dos membros do grupo lidera e os outros o seguem.

Este tipo de brincadeiras foi observado num evento proporcionado pela UNISOL, denominada de Corrida Solidária após o seu término, enquanto se aguardava pelo transporte para levar as crianças ao Jardim de Infância.

Quando saímos com as crianças, temos alguma tendência para condicionar a actividade livre do brincar, limitando-lhes constantemente o espaço, não deixando o seu imaginário fluir: “*Não saias daí!*”; “*Cuidado!... Saiam daí que se podem magoar*”, entre outras frases típicas de adultos preocupados com a “segurança” das crianças.

“O imaginário infantil e a ludicidade brincam de mãos dadas, no brincar da criança. O mundo para elas não tem limites, os limites são do tamanho da sua imaginação. Assim, vão construindo as Culturas da Infância, tal como os seus pais e avós o fizeram, na sua condição de crianças,...” (Furtado s/d)

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Ou então, tentamos planejar jogos para os manter ocupados de forma a podermos “controlar o grupo” e mantê-lo fora dos perigos que a rua e os espaços públicos representam.

Mas se os deixarmos brincar de forma livre e espontânea verificamos que elas inventam brincadeiras umas com as outras sem se colocarem em perigo ou tentarem sair desses espaços, daí concordarmos com Furtado (s/d) quando nos diz que: “O acto de brincar expressa assim, a forma como a criança se apropria do mundo que a cerca, com os seus valores, regras e até mesmo constrangimentos.”

Neste caso concreto, as crianças apropriaram-se das escadas e dos seus laterais (corrimão) de pedra e este serviu de escorrega e de um novo jogo, onde as regras impostas por algumas das crianças eram seguidas.

As crianças alinhavam-se umas atrás das outras, imaginando que iam num comboio e quando chegavam ao fim do corrimão subiam a correr, para se colocarem novamente atrás do último colega. *“Anabela! Clara... isto é que é fixe”*(Hernâni); *“Meninos...querem andar no nosso comboio?”*(Ema); *“Espera por mim... eu também quero brincar”*(Dinis).

O riso a alegria é um factor constante, há sempre algum a tentar quebrar as regras, mas imediatamente é chamado à atenção pelos outros. *“Sai daí! Tu já andaste!”*(Luís); *“Tens que ir lá para trás”*(Flávio). Observamos que as crianças gostam de brincar e fazer coisas juntas, bem como impor a ordem social por elas construídas e instituídas; é o que rege as suas relações de pares.

Mas se reflectirmos um pouco, este tipo de jogos já fez parte do nosso imaginário infantil e nós apropriávamo-nos dos espaços de forma idêntica.



Fotografia nº 9 - Crianças a brincar espontaneamente na Praça do Município

Autor: Anabela

Estas brincadeiras espontâneas foram interrompidas pela coordenadora que lhes propôs brincar ao jogo do “Rato e do Gato”, havendo uma certa relutância por parte do grupo em

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania participar. *“Que chatice, isto é mais fixe...”*(Daniel); *“Deixa-nos escorregar mais um bocadinho”*(David).

Como era um jogo para todos os grupos, as crianças mais relutantes lá acabaram por participar no jogo. As regras agora são “impostas” pelos adultos e não pelas crianças, o que não impede de serem cumpridas pelas mesmas e de estas também se divertirem.

Este jogo tradicional não deixa de ter uma cultura própria, pois é transmitido de geração em geração, transportando um valioso legado cultural que importa preservar e dar a conhecer aos mais novos e estes assimilam rapidamente essa cultura transmitida pelos adultos, porque começa a fazer parte da sua cultura enquanto criança.

Contudo também é preciso ensinar às crianças que os jogos têm de ter regras, regras essas que todos têm de assimilar, para que os jogos decorram da melhor forma e que todas as crianças envolvidas possam divertir-se.

E de facto foi o que aconteceu: os três grupos envolvidos (3, 4 e 5 anos), compreenderam a dinâmica do jogo e respeitaram o tempo que cada elemento dos grupos necessitava para o executar. Claro que quando eram os membros de determinado grupo, a tendência em de motivarem e estimularem os seus pares, em detrimento dos restantes elementos do outro grupo.

A Praça do Município, apesar de não estar dotada de equipamento lúdico para as crianças, pois é uma Praça Histórica, serviu, neste dia, de palco de brincadeira das crianças, onde o espaço foi apropriado pelas mesmas de uma forma lúdica.

As crianças dotam de vida aquilo que é considerado um espaço estático. O espaço passa a ser revestido de encontros, de brincadeiras de memórias revestido de emoções.

Aliás, Cristhensen (2003) reconhece que mesmo as crianças que tenham pouco contacto com a cidade, encontram formas próprias de apropriação, (re) criações e de relações identitárias com o espaço urbano. Assim, as crianças na cidade (re) criam o cenário urbano com suas formas próprias de expressão, manifestação e acção.

A relação das crianças com a cidade possibilita a aquisição de conhecimentos urbanos e sociais que desvendam a complexidade citadina. Viver a cidade e seus acontecimentos através da brincadeira é realizar descobertas, é conhecer as relações sociais construídas entre as pessoas.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

3.3. Brincadeiras, jogos, espaços de lazer e a sua contribuição para a cidadania.

É a brincar que as crianças crescem, aprendem, exprimem sentimentos e resolvem conflitos. As crianças necessitam de brincar, quase tanto como de comer. É através das brincadeiras que a criança aprende a conhecer-se a si própria e a compreender os outros. Podemos afirmar que a brincadeira infantil é uma espécie de vida em miniatura, o jogo simbólico da vida futura em comunidade.

Os espaços físicos exteriores têm potencialidades e oportunidades que podem oferecer às crianças no desenvolvimento de seu **Self Social**, da sua interacção com o mundo exterior e com o outro. O **Self Social** foi um conceito introduzido por Mead (1934) e “representa o controle social, a acção convencional, conformista, habitual, que é formado pela internalização das atitudes dos outros e corresponde às regulações do comportamento socialmente estabelecidas pelo outro generalizado” (Júnior, 2006: 13).

Já em 1971, Henri Laborit, no seu livro “O homem e a cidade”, escrevia que as cidades podem promover o risco, a aventura, o autocontrole, a iniciativa, o confronto com situações não comuns do seu dia-a-dia, a partilha, a resolução de problemas, o saber estar e habitar o espaço dos outros. Afirmou também que todos esses factores são essenciais para que a criança desenvolva capacidades de vida em grupo, isto é, para além de individuo biológico que já o é, deve-se tornar também em homem social.

Ao ocupar as ruas para as brincadeiras ou jogos colectivos, a criança começa a investir esses espaços de novos significados, uma vez que “é na rua que se exerce com maior força a sociabilidade infantil, que tem na sua actividade de brincar sua expressão, no interior do grupo de pares” (Gomes e Gouvea, 2008: 55).

É importante então que a criança saia do seu “espaço privado” que, geralmente, é a casa e a escola, e passe a frequentar outros espaços e lugares fora da sua rua, do seu bairro e circule pela cidade onde mora. Ter acesso a praças, parques e outros espaços públicos representa, também, o exercício da cidadania. Quanto mais cedo a criança utilizar estes espaços extra-familiares, mais cedo tomará consciência dos seus direitos e deveres enquanto cidadão.

Mas a promoção de cidadania nas crianças deverá ter sempre uma vertente pedagógica, a fim de ajudar a formar cidadãos críticos, conscientes politicamente. É importante que as crianças também sejam as protagonistas da sua integração cidadã. Ou seja, as crianças, como cidadãos, são chamadas, desde cedo, a tomar parte de algumas decisões e sentirem-se

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania responsáveis pela escola, pela cidade, pelo país e pelo mundo em que vivem, pertencentes a esses espaços e com possibilidades reais de nele viver plenamente. É necessário, para isso, que as Instituições reconheçam e promovam a participação infantil.

A rua é um espaço de excelência onde as crianças poderão ter a ocasião de vivenciarem encontros, partilhas e até mesmo de alguma desordem, tão necessários ao seu desenvolvimento emocional e social e, como afirma Carlos Neto (2003) numa cidade do futuro é urgente reabilitar para as crianças e jovens, uma “cultura de rua com segurança”, fomentada através da educação.

O mesmo autor alerta-nos que, cada vez mais, brincar na rua é, em muitas cidades, uma espécie em vias de extinção. O tempo espontâneo, do imprevisível, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, cada vez mais dá lugar ao tempo organizado, planeado, uniformizado. Do estímulo ocasional passou-se a uma hegemonia do estímulo organizado, tendo como consequência a diminuição do nível de autonomia das crianças, com implicações graves na esfera do desenvolvimento motor, emocional e social.

As crianças pequenas raramente são encontradas a brincar na rua, mas também é rara a criança que não goste de brincar nos parques infantis e sempre que o tema da cidade é abordado, para além das casas, ruas, carros, Mac Donald's, os parques infantis são sempre mencionados por elas. No caso mais específico, o Parque Infantil da Avenida Central e o Parque infantil do Campo da Vinha.

As crianças apreciam as brincadeiras que podem fazer nestes espaços. É através destas brincadeiras que, de alguma forma, a sociedade prepara as suas crianças para o mundo adulto, constituindo-se como uma ritualização e aprendizagem das regras e comportamentos da sociedade.

É comum observarmos estes espaços de jogo e recreio infantil ou parques infantis nas cidades, como espaços apropriados para o jogo e brincadeiras onde as crianças supostamente dão largas à sua imaginação e criatividade, onde convivem, aprendem, descobrem a natureza, o mundo e elas próprias.

Mas será que, na maioria dos parques infantis, para além dos equipamentos lúdicos, as crianças têm, de facto, contacto com a natureza?

Os parques infantis, de facto, são espaços de lazer que agradam os mais novos. Devem, por isso mesmo, ser infra-estruturas muito bem concebidas que, para além de diversos equipamentos para passatempo, deveriam dispor de pavimentos sintéticos de segurança e rodeados de elementos da natureza, como relva, água, árvores entre outros.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Mas será que os parques infantis concebidos pelas autarquias são devidamente pensados e projectados para as crianças mais pequenas? Será que as autarquias pensam naquilo que as crianças de facto gostariam de ter nestes espaços lúdicos ou apenas se preocupam com a estética, e às vezes nem com isso?

O papel das Autarquias é fundamental na criação de parques infantis que proporcionem ambientes saudáveis e apelativos, parques integrados na rede de espaços públicos urbanos e onde a “brincadeira” seja assumida como um compromisso muito sério.

Em 2009, houve requalificação de alguns espaços degradados e a construção de novos Parques Infantis em algumas freguesias da periferia, da cidade. Contudo, relativamente ao centro não se verificou nenhuma melhoria ou requalificação desses mesmos espaços infantis. Aliás, como pudemos observar no terreno, os parques infantis mais centrais estão muito degradados e não cumprem com as normas de segurança adequadas a este tipo de espaços e equipamentos.

É importante levarmos as crianças a reflectir acerca dos seus espaços de brincadeira e alertar a Câmara para fazer um levantamento e avaliação dos parques existentes e a reflectir sobre a necessidade de os remodelar e reestruturar, projectando e planeando o futuro das cidades onde as crianças tenham também participação.

Devido ao inverno rigoroso que condicionou as saídas para o exterior do Jardim de Infância, e como o tema tinha vindo a ser abordado pelas crianças nas actividades que tínhamos vindo a realizar, recorreremos à imagem para abordar estes espaços tão apetecidos por elas. Como era de supor, as crianças reconheceram logo os parques infantis.

De máquina Fotográfica, lá fomos passear pela cidade e aproveitamos para tirar algumas Fotografias dos parques infantis do Centro de Braga e tal como nos tínhamos apercebido, os parques infantis da cidade, o parque Infantil da Avenida Central e o do Campo da Vinha, estavam a ficar bastante degradados e sem equipamentos.



Fotografia nº 10 - Plataforma do equipamento danificada

Autor : David 4 anos



Fotografia nº 11 - Subida do escorrega rompida

Autor: Hernâni 5 anos



Fotografia nº 12- Pavimento do parque danificado

Autor: Guilherme 4 anos

Ao longo do passeio, pudemos ouvir exclamações das crianças tais como: “*O parque do Campo da Vinha está estragado, molhado e cheio de buracos*” (David); “*Nas escadas estão buracos fundos que podem magoar os meninos que estão a brincar no parque e depois podem ir para o hospital*” (João Tomás); “*Eu não vou para este parque brincar*” (Sara).

Esses exemplos reflectem não só o estado do parque infantil em causa, como também a segurança que lhes é transmitida, através do estado de conservação do mesmo, ajudando assim a construir representações nada positivas sobre o que deveríamos esperar dos espaços de lazer constitutivos das cidades. Como vimos anteriormente, autores como Carlos Neto e Tonnucci chamam atenção para a necessidade de se fomentar uma cultura de rua com segurança; porém, não podemos também deixar de admitir que o estado de conservação que acima retratamos não deixa de apelar à crítica infantil, a uma tomada de consciência em grupo. Uma tomada de consciência que certamente terá uma influência na construção e partilha de valores cívicos enquanto cidadãos de uma mesma comunidade.

As crianças, em contexto de sala, reflectiram de foram crítica e consciente que a degradação dos parques infantis é um problema sério e que diz respeito a todos, pais, educadores e comunidade em geral.

Acharam importante pedir a opinião dos pais¹¹ acerca dos parques infantis e alertar os responsáveis pela manutenção destes equipamentos lúdicos para a sua degradação, tentando sensibilizá-los para esta questão e para outras questões que ao longo destes meses foram constatando.

¹¹ Ver anexo 5 – Opiniões dos Pais acerca dos Parques Infantis

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Daí que “escrever” uma carta ao Presidente da Câmara, foi uma das actividades elaboradas em contexto de sala.

Ferreiros, 1 de Março de 2010

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara
Eng.º António Mesquita Machado



Os meninos da Sala do Teatro de Sombras (sala dos 4 anos) juntamente com a nossa Educadora e Auxiliar vimos por este meio fazer um pedido a sua Excelência.

Este ano o nosso projecto de nossa sala está subordinado ao tema “Vamos conhecer a nossa cidade” e, estamos a gostar e, a aprender muito acerca da cidade de Braga.



Temos vindo a conhecer um pouco mais a nossa cidade, mas ao observarmos algumas fotografias depararmo-nos com um problema, que gostaríamos de o alertar, a si e a todos os responsáveis pelos equipamentos urbanos da cidade.

Agradecemos que também ouvisse a nossa voz, afinal a cidade é de todos e para todos independentemente da idade.

“Estávamos a ver fotografias do Parque Infantil do Campo da Vinha e da Avenida Central e



observamos que estão muito estragados, como pode ver.



Estão partidos,



tem buracos e lixo.



Os meninos podem cair nos buracos e magoarem-se. Depois podemos partir uma perna e depois vão para o hospital, levar uma pica.

Também podemos rachar a cabeça e o



nariz.

As nossas roupas podem se estragar e rasgar e depois os papás tem que comprar mais roupas e não tem dinheiro.

Por isso, vimos apelar a sua excelência para o arranjar.

Gostávamos que ficasse novo, com mais cores, sem buracos e com baloiços. Escorregas grandes.

Brinquedos para pinchar, um sítio  para os animais.

No parque do campo da vinha também  podia ter árvores para dar sombra e para não fazer calor.

Gostávamos, também, que na relva não houvesse cocó dos  cães.

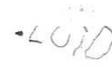
Podiam colocar sinais para as pessoas levarem uma saca para apanhar o cocó dos cães e assim já não sujávamos os sapatos.



Ficamos a aguardar resposta e agradecemos a sua atenção. 

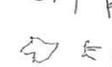
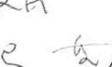
Atenciosamente os meninos da sala do Teatro de Sombras, a educadora e a auxiliar do Centro Social da Paróquia de Ferreiros.

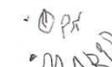
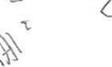
FILIPA -  -  -  - 

MARTA -  -  -  - 

DIOGO -  -  -  - 

EMA -  -  -  -

ANOBE -  -  -  -

TOMAS -  -  -  -

INES -  -  -  -

JOANA -  -  -  -

IEFLOR -  -  -  -

As crianças, como se pode ler e ver através dos seus desenhos, “actos comunicativos que, portanto, exprimem bem mais do que meras tentativas de representação de uma realidade exterior” (Sarmiento 2007: 9) alertaram os responsáveis para a necessidade da manutenção destes equipamentos lúdicos e, para a degradação dos mesmos, bem como de outros problemas de segurança que daí possam advir. Fizeram, também, comentários para os comportamentos menos cívicos que muitas pessoas têm na relva dos jardins públicos, sobretudo com a falta de cuidado quando levam os seus animais de estimação a passear.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Esta carta foi importante, pois as crianças tomaram consciência que também elas podem participar em questões políticas da cidade, questões ligadas ao equipamento lúdico e de higiene e segurança dos locais públicos.

Thomson (2008) chama a atenção para que:

“Em vez de encararmos as crianças como meros membros de uma família e que ainda não possuem legitimidade social para terem uma opinião própria, devemos reflectir que também estas são capazes de emitir opiniões e pontos de vista com um valor próprio a considerar. De facto, as perspectivas que as crianças têm acerca dos assuntos são de uma relevância fundamental para os investigadores sociais contemporâneos precisamente porque oferecem uma visão muito própria - acerca das suas vidas quotidianas na casa e na escola, assim como as suas perspectivas e esperanças para o futuro” (pp:1).

A obtenção de um ofício em resposta à carta, por parte da vereadora camarária da educação e desporto¹² provocou nas crianças um sentimento de que, de alguma forma, a sua “voz” foi ouvida e tida em atenção, não sendo remetida ao silêncio. Nesta citação, Thomson diz-nos que a visão que as crianças têm acerca do que as rodeia é preciso ser ouvida, pois estas têm uma forma muito própria de pensar, que certamente iria ajudar em muitas decisões políticas.

Neste sentido, a realização desta actividade, para além de contribuir para a criação de uma consciência de cidadania na criança, que assim se pôde sentir um membro activo da sociedade em que está inserida ao constatar a receptividade que as suas opiniões recolhem junto dos adultos, por outro lado, possivelmente, alertou os “políticos” para a questão da higiene e segurança dos espaços lúdicos.

3.4. Síntese e conclusão

Neste capítulo pretendemos chamar a atenção para um aspecto fundamental: a infância vista como um grupo geracional que deve ser encarada como produto e produtora de cultura. Através das acções que desenvolvemos e sumariamente descrevemos ao longo deste capítulo, pretendemos chamar a atenção para o facto de os educadores não se limitarem a trabalhar apenas actividades que envolvam conhecimentos do e no interior da sala de actividades. Estes

¹² Ofício da Câmara Municipal de Braga em resposta à Carta das Crianças (ver anexo 6)

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania devem ser ampliados a todo o contexto cultural envolvente, até porque, de acordo com Sarmiento e Pinto (1997), a cultura da infância exprime a cultura da sociedade onde está inserida. Um outro aspecto de extrema importância que gostaríamos de concluir no fim deste capítulo refere-se a importância da participação infantil activa no mundo que a rodeia para além do desenvolvimento de actividades centradas somente na aprendizagem formal. Até porque: "Sem viver concretamente, corporalmente, as relações espaciais e temporais de que a cultura infantil é repleta, fica difícil falar em educação concreta, em conhecimento significativo, em formação para a autonomia, em democracia e assim por diante" (Freire, 1989, p.14).

A importância do resgate da cultura infantil, permite destacar as brincadeiras e jogos que alimentam e estimulam a imaginação, exploração do mundo e incentivo do faz-de-conta. Buscamos considerar através destas actividades o desenvolvimento físico, emocional e sócio-emocional de uma cultura da infância direccionada para o desenvolvimento da cidadania. Além da história das brincadeiras e jogos infantis, que auxiliem as nossas práticas docentes, mostramos aqui um universo de possibilidades que o lúdico oferece dentro do processo de ensino e aprendizagem e no resgate de comportamentos e valores que ajudarão as crianças a desenvolverem a confiança, autonomia e a estabelecer vínculos muito importantes para o seu desenvolvimento global e social enquanto cidadãos em constante formação. Sabemos que as manifestações infantis são provenientes de uma cultura própria das crianças, mas sabemos também que as suas expressões, nas variadas linguagens, decorrem da relação com a cultura que as cerca, ou seja, com os bens culturais que a sociedade disponibiliza para elas. A representação de cenas do quotidiano pelas crianças expressando conhecimentos produzidos socialmente são reelaborados pelas mesmas em suas vivências, elas recriam situações já presenciadas e criam, assim, uma cultura infantil, pois, como referem Sarmiento e Pinto (1997), as culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não é fechado - pelo contrário, é, mais do que qualquer outro, extremamente permeável, tomemos esta certeza como referência e proporcionemos espaços e situações de carácter enriquecedor e numa esfera contributiva para o desenvolvimento de culturas infantis cada vez mais conscientes de cidadania.

CAPÍTULO IV

A cidade e as práticas sociais infantis

4. A cidade e as práticas sociais infantis

4.1. As rotinas diárias das crianças no espaço urbano

“A visão que têm da cidade, sendo esta entendida como o habitat natural do homem civilizado, dependendo naturalmente das suas ideias e opiniões sobre as coisas, depende sobremaneira do que lhes é permitido viver na, e da cidade. É através das experiências vivenciadas que a criança selecciona, modifica e cria percepções e representações sobre o que a rodeia. A imagem da cidade, a imagem ambiental, essencial para a possibilidade de vida, permitindo desenvolver a memória topográfica e, conseqüentemente, a mobilidade intencional, é a resultante da vivência de cada pessoa, da sua envolvimento na vida urbana e na participação.” (Malho 2003:49)

Nos últimos anos, vários investigadores, Malho, Neto e Serrano constataram que as crianças têm vindo a perder a sua autonomia em relação à circulação no espaço urbano, quer em relação aos percursos, quer à percepção do espaço físico, quer à possibilidade de acção, levando também a uma perda de experiências e vivências entre pares.

“Para que a criança adquira independência de mobilidade / autonomia ela precisa de viver e ver a cidade, precisa de habitar os espaços públicos com segurança e autonomia, precisa de participar na vida da cidade. A imagem ambiental contribui “positivamente” para o crescimento da pessoa como um organizador de conhecimento, um auxiliar importante para a integração social, para a capacidade de desenvolver actividades. Se a criança está capaz de mencionar a legibilidade dos seus ambientes físicos de vida, ela está capaz de realizar uma organização simbólica da paisagem, o que contribui para diminuir o medo de estabelecer uma relação emocionalmente segura entre ela e o meio ambiente, mais próximo ou mais longínquo” (Malho, Neto 2004: 4)

Não obstante, essa diminuição da independência de mobilidade está também relacionada com outros factores que acabam por influenciar o próprio desenvolvimento motor. Por um lado, a diminuição da prática de actividades físicas ao ar livre; por outro lado a diminuição de brincadeiras e jogos em contexto de rua, como já referenciamos anteriormente, leva a uma alteração da vida das crianças e das suas rotinas.

Também o aumento das novas tecnologias e o seu uso por parte das crianças provoca alterações nas rotinas, mesmo nas mais pequenas, em que muitas vezes a televisão ocupa um lugar de destaque na sua vida.

Em muitos lares, a televisão é a principal fonte de informação e o principal modelo a ser seguido, papel esse que deveria ser cumprido pela família. Isto leva, por vezes, à prática de determinados comportamentos e atitudes nem sempre consideradas as mais desejáveis, provocando, por outro lado, menos contacto com os espaços urbanos e a troca de experiências sociais que aí se processam.

O aumento da densidade de tráfego, como já foi referenciado anteriormente, provoca uma diminuição do espaço disponível junto às habitações nas cidades, fazendo com que as crianças passem muito do seu tempo em espaços fechados. Aliás, não é raro encontrarmos crianças a passearem e a usufruírem de espaços lúdicos dentro das grandes superfícies comerciais. Assim, estão mais “seguras” e os pais não se preocupam com os perigos que as brincadeiras na rua possam causar.

Assistimos também a um aumento de actividades e jogos institucionalizados, no sentido de promover actividades organizadas/institucionalizadas com pouco espaço e tempo para a livre expressão, fazendo cada vez mais com que as crianças sejam privadas de circular na cidade e o “perambular pode se tornar uma oportunidade de relacionar diferenças sociais com desigualdade social” (Castro, 2001: 127). O que esperar então desta nova geração de crianças “que cresçam dentro dos seus prédios a tal ponto que a cabeça fure o tecto, os braços abram as janelas e as pernas corram fazendo de qualquer lugar do mundo a sua casa?” (citado por Lopes, 2002:47).

Hoje em dia, as crianças, a partir de casa, conhecem cada vez mais o mundo que as rodeia, através dos meios de comunicação (televisão e internet), de tal forma que, a divulgação de informação e conhecimento é uma constante nas suas vidas diárias. O que se passa no mundo, hoje em dia é conhecido de todos a uma velocidade vertiginosa. Se por um lado, as ajuda a adquirir maior informação acerca do que as rodeia, por outro lado limita-lhes cada vez mais a descoberta na prática do mundo que as rodeia, prejudicando-as nas relações que poderiam estabelecer diariamente com os outros.

As crianças que quotidianamente utilizam os espaços urbanos, provavelmente tornar-se-ão “crianças e jovens mais esclarecidos a respeito de como as diferenças sociais operam nas trocas sociais e podem, quem sabe, tornar-se mais aptos a falar, sonhar e agir em prol de uma ordem social diferente” (Castro, 2001: 128). As crianças que circulam pela cidade e que contactam directamente com diversos espaços e lugares irão provavelmente entrar em contacto

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

com outro diferente, mas se cada vez mais as famílias se “queixam” com a falta de tempo para levarem as crianças a diferentes lugares e espaços, a quem competirá também essa tarefa?

Hoje em dia, a instituição da educação infantil é, a seguir à família, a segunda instância de maior importância no processo de socialização infantil. É na própria escola que a maioria das crianças, desde a mais tenra idade, passa grande parte do seu tempo (creche, jardim de infância, escola de ensino básico etc.). Por este motivo, em que a maior parte dos seus dias é passado em contexto escolar, momentos esses preenchidos com diversas tarefas desenvolvimentais que conferem às instituições funções importantes no desenvolvimento de práticas sociais, dedicamos um tópico, relativamente pequeno a este assunto.

4.1.1. Ida para a piscina - rotina semanal do Jardim

Se o jogo e as brincadeiras ao ar livre são de extrema importância na vida da criança, a actividade física não deve ser uma actividade a descurar. A actividade física, para além de promover uma série de competências ao nível físico/motor, também promove uma serie de competências a nível social. Através da actividade física a criança começa, desde muito cedo, a incutir as regras dos jogos, a de saber trabalhar em equipa, aceitar os sucessos e as derrotas com mais naturalidade. Para além destes benefícios, a actividade corporal é essencial para colmatar a sedentarização de que as crianças estão cada vez a ser vítimas, prejudicando-lhes a saúde e o próprio bem-estar físico e emocional.

“As crianças, devido às limitações colocadas pela reduzida mobilidade e pelos contextos de vida actual, apresentam padrões de vida sedentária. Esta falta de actividade parece contribuir para diminuir a probabilidade de as crianças apreciarem os benefícios e sentirem prazer em estilos de vida activos em adultos, pois a investigação tem vindo a demonstrar evidências de que os comportamentos inactivos têm um efeito de “tracking” superior ao dos activos” (Pate e tal.,1999, Janz et al.,2000 cit. Por Pereira 2003: 20)¹³

Nos dias que correm, estamos cada vez mais a assistir a uma mudança de vida activa, incorporada naturalmente nas rotinas de vida das crianças, para estilos sedentários. As crianças

¹³ Texto de apoio, cedidos pelo professor de natação, para o Projecto Pedagógico da sala do ano 2008/9 sobre a importância da prática de natação nas crianças. O texto não continha a referência bibliográfica completa. Dada a impossibilidade de contactar o dito professor, não nos ser possível fazer a referência bibliográfica correctamente.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

que vivem mais no seio da família passam a ter grande parte dos seus tempos livres institucionalizados.

Daí que seja importante que os Jardins de Infância para além de uma panóplia diversificada de actividades lúdicas proporcionem diversas actividades de expressão física motora.

Desde que a Instituição abriu as suas portas em 2000, sempre foi um dos seus objectivos, proporcionar às crianças do Jardim-de-infância e do CATL (centro de apoio tempos livres) uma série de actividades de expressão físico-motora.

Esta actividade é uma das mais apreciadas pelas crianças deste grupo: apenas três crianças não usufruem dela e as restantes fazem desta actividade uma festa.

A prática da natação, para além de lhes melhorar as capacidades físico/motoras, desenvolve ainda a sociabilidade e a autoconfiança tão importantes para o seu desenvolvimento afectivo e social.

E, por outro lado, sair do jardim-de-infância no autocarro, mesmo que a viagem seja curta, é sempre um momento de confraternização e descoberta para elas, pois a maioria das crianças apenas utiliza este transporte nesta actividade.

O trajecto da instituição até à piscina demora sensivelmente 7 a 8 minutos, mas, nesse curto espaço de tempo, as crianças cantam, fazem comentários ao tempo, automóveis, identificam o supermercado que está mesmo à face da estrada nacional Braga – Porto, entre outros assuntos que muitas vezes não conseguimos captar.

E quando o autocarro estaciona em frente à piscina, a euforia é total. As crianças têm a noção de que não devem sair do autocarro sem a presença de um adulto, e de facto, elas não o fazem sem autorização. Mas quando esta é concedida, é a ver quem corre mais depressa para a porta do ginásio.

Se o tempo o permite, aproveitam logo para fazer “malabarismos” no corrimão da rampa que está na entrada principal, ou então na relva. A berma também serve para dar uma corridinha ou então colher uma flor.

Aquando da sua chegada ao balneário, a situação, apesar de acalmar um pouco, e as crianças terem a noção que têm que saber esperar a sua vez para se despirem, as conversas entre eles não param, sendo difícil de captar tudo o que eles vão conversando.

Por vezes, há situações que nos surpreendem. Esta situação foi observada enquanto esperávamos o autocarro para nos levar de volta ao Jardim de Infância.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

É prática desta sala, enquanto se espera o autocarro que as levará novamente à Instituição, sentarem-se no corredor do ginásio onde fica a piscina e evitarem perturbar o bom funcionamento deste. Têm a noção de que não podem fazer barulho, nem gritar ou correr, pois têm que ter respeito por todas as pessoas que frequentam este espaço.

Gostam de conversar e de brincar, mas fazem-no de um modo que não perturbe os outros utentes. As crianças têm vindo a adquirir os comportamentos cívicos adequados à convivência social nos espaços públicos.



Fotografia nº 13 - Crianças a confraternizar no corredor da piscina Autor:

David 4 anos

Numa destas situações de brincadeira e conversa, o Leonardo que estava a brincar com o Tomás, de repente levantou-se e gritou: “ - *Olhem o comboio!!*”.

“- *O comboio! Onde é que tu viste o comboio?.. Eu só vejo carros!...*” questionou a educadora

“- *Ali em baixo, tem a linha do comboio, não vês?*”

De facto, por detrás dos pavilhões comerciais, passa realmente a linha do comboio.

Temos conhecimento que, em Ferreiros, passa a linha do comboio, mas como é algo que vimos diariamente, naquele momento, o passar o comboio, parecia algo absurdo e, no entanto, quando reflectimos, a criança tinha razão.

Aproveitando este episódio, começou-se a falar com as crianças acerca do que é que viam mais daquela vidraça onde estávamos sentados.

As respostas não se fizeram esperar.

“- *Tem muitos carros estacionados e a passar*”- disse o Tomás. “E camiões,” respondeu logo o João Pedro.

“- *Também tem muitas lojas.*”- acrescentou a Filipa

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“ Lá no fundo tem um café. ” - respondeu o Gabriel.

Acrescentamos que do lugar onde estávamos sentados, não é visível nenhum café, ele encontra-se ao virar da esquina, denotando que as crianças, mesmo as mais pequenas, começam a ter a noção do espaço que as rodeia. Há pontos de referência que a criança mentaliza, mesmo sem os ver, como foi o caso desse ponto estratégico e de referência que é o café.

Foi a nossa vez de intervir na conversa, dizendo-lhes que tudo o que elas estavam a ver e dizer era correcto, mas que eles tinham-se esquecido de falar das pessoas que passavam.

A Ema tomou a palavra e prontamente respondeu, *“ Olha lá, mas as pessoas não estão na rua, elas andam nos passeios...”*

“ Porque os carros passam e atropelam os meninos e morremos. ” - advertiu o Hernâni.

“ Mas às vezes...sabes... os passeios têm buracos e “cocó” dos cães...” - indagou novamente a Ema.

“ Eu também já vi!” – colmatou a Inês¹⁴.

Temo-nos apercebido que, para as crianças, a rua representa a estrada e não o espaço físico que inclui estradas, passeios, bermas, entre outros elementos. Daí que, as pessoas não podem andar na rua/estrada, pois esta, para elas, representa o perigo.

O papel dos educadores é, deveras, essencial na formação das crianças, devido à sua vulnerabilidade, característica da fase de desenvolvimento que atravessam. Se por um lado, estas estão mais sujeitas a riscos diários quando circulam no trânsito, pelo que necessitam de aprender como agir em segurança, por outro lado, captam tudo, o que lhes é transmitido diariamente quer pelos pares, quer pela família, quer pelo que ouvem nos meios de comunicação.

Compete-nos, então, alertá-las e ajudá-las a conhecer, compreender que a rua, os espaços físicos e urbanos não representam apenas perigos, mas também locais de descobertas e de partilhas sociais entre as pessoas. Daí que o Jardim-de-infância, através das suas actividades lúdicas, deve programar actividades nestes espaços com o intuito de as ensinar e prepará-las a usufruir desses espaços e a evitar os riscos desnecessários à sua segurança e bem-estar físico e social.

¹⁴ Registo em nota de campo 15 de Outubro de 2009

4.2. Síntese e conclusão

Ao proporcionar diversas actividades nestes contextos, as crianças certamente adquirirão os comportamentos cívicos adequados aos contextos, quer seja nos espaços públicos e urbanos, quer seja na travessia das estradas e ruas, tornando-as peões seguros e conscientes dos seus comportamentos.

A actividade descrita anteriormente vem realçar a importância que a prática de uma actividade física/motora tem para o desenvolvimento das crianças, mas também proporciona uma maior mobilidade das mesmas no contexto urbano. As crianças saem do espaço institucional que é o jardim e deslocam-se em transportes colectivos ou até mesmo a pé para o exterior da mesma, apercebendo-se de outros contextos e realidades, adquirindo, por isso mesmo, maior percepção do espaço físico que as envolve e maior interacção com o mesmo. É preciso realçar que as crianças nem sempre têm a oportunidade de o fazerem na família. A análise das representações que as crianças têm desses mesmos espaços físicos e urbanos tornou-se um excelente ponto de partida, para perceber e compreender melhor o seu ponto de vista acerca do assunto. É através dessas representações que se vão formando e tornando produto e produtores de cultura cívica.

CAPÍTULO V

Jardim-de-infância e as crianças

5. Jardim-de-infância e as crianças

5.1. A contribuição do Jardim-de-infância para a promoção do ser social.

Devido a alterações significativas nas mudanças da estrutura da família e da transformação dos espaços urbanos, as instituições educativas, os jardins-de-infância e as escolas têm “ganho” terreno no que diz respeito à socialização da criança, em transmissão de valores, regras e condutas. É nessas instituições educativas que muitas crianças realizam os primeiros contactos com outros adultos e com outras crianças com diferentes contextos de vida, ajudando-as a promover o seu desenvolvimento integral. Daí a importância de todas as aprendizagens que a criança deverá realizar com o fim de aprender tudo o que necessita para poder entender este mundo, conhecê-lo e dominá-lo.

É então necessário entender a cidadania dentro dessas instituições educativas, na medida em que:

“[...] a educação para a cidadania não pode resumir-se à aprendizagem dos direitos e dos deveres dos cidadãos mas passa essencialmente pela construção de uma escola democrática onde seja possível vivenciar situações de mútuo (re) conhecimento, valorização e respeito, que assumam um carácter formativo e potencializador dessa formação nos vários contextos de vida dos indivíduos”
(Leite e Rodrigues, 2001: 24)

Também Gadotti (2001) defende que a escola deve ser uma escola cidadã, definindo-a como a consciência de direitos e deveres da democracia cada vez mais comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para isso, a escola deve propiciar um ensino de qualidade, promovendo a formação de cidadãos livres, conscientes, democráticos e participativos.

Paulo Freire numa entrevista realizada em 1991 já nos alertava que era:

“[...] indispensável, que a escola, virando popular, reconheça e prestigie o saber de classe, de “experiência feito”, com que a criança chega a ela. É preciso que a escola respeite e acate certos métodos populares de saber coisas, quase sempre ou sempre fora dos padrões científico, mas que levam ao mesmo resultado [...] O conhecimento que se produz social e historicamente, tem historicidade.” (Freire 1991: 45)

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

O mesmo autor refere ainda que o papel dos professores/educadores é fundamental na formação de crianças e jovens, na medida em que lhes compete testemunhar aos seus educandos a

“sua competência, amorosidade, sua clareza política, a coerência entre o que diz e o que faz, sua tolerância, isto é, sua capacidade de conviver com os diferentes para lutar com os antagónicos. É estimular a dúvida, a crítica, a curiosidade, a pergunta, o gosto do risco, a aventura de criar” (Freire 1991: 54).

Só assim será possível educarmos para a cidadania, enquanto cidadãos conscientes e participativos na sociedade.

Um dos pais fundadores da sociologia evidenciou a relação estreita existente entre a aprendizagem da cidadania e a escola. Trata-se de Durkheim na sua obra *A educação moral*, redigida em 1898. Passamos a resumir de forma sucinta a ideia-chave dessa obra. Para Durkheim o indivíduo precisa de uma instância que lhe seja superior, que seja fonte de moralidade. Essa instância só poderá ser a sociedade que lhe inculca os valores morais, sem os quais a vida social não seria viável. A sociedade faz sentir a sua influência por meio dos grupos sociais e das instituições. Estes não são elementos abstractos, mais deixam efectivamente as suas marcas nos homens que precisam viver a sua vida, de forma concreta, no dia-a-dia. Os grupos de socialização como a família e as instituições educativas têm precisamente como papel desenvolver o altruísmo que está na base da vida social. Inscrever a consciência colectiva na consciência individual, e fazer sentir às crianças a presença dos grupos, eis as tarefas de toda a educação. Para esse fim, não basta invocar concepções especulativas, mas propor um princípio de acção. Este não se satisfaz com conceitos, faz antes apelo à emoção e ao sentimento que são os verdadeiros motores de toda a vida social.

Durkheim diz-nos que a criança apenas conhece dois grupos: o da família e o dos colegas. A natureza desses grupos sociais é por inerência de serem fontes de moralidade. A sociedade política representa um grupo ainda distinto, mas por se situar demasiadamente longe dos indivíduos, não se mostra capaz de os socializar, de despertar neles o sentimento colectivo. Daí que entre os dois se situa de forma ideal a escola:

“Os laços que unem uns aos outros os cidadãos de um mesmo país não dependem do parentesco, nem das inclinações pessoais. Existe portanto uma grande distância entre o estado moral no qual se encontra a criança ao sair do casco familiar e o estado que deve alcançar. O caminho não pode ser

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

percorrido de uma vez só. Elementos intermediários são necessários. O meio escolar representa o melhor desses elementos intermediários que possamos desejar” (Durkheim, 2006: 287).

Se a escola reveste uma importância fulcral na vida do indivíduo, é porque o desenvolvimento das sociedades se fez no sentido de uma cada vez maior dessolidarização entre os indivíduos. A divisão do trabalho do ponto de vista económico, o desaparecimento das tribos, das comunas, das províncias do ponto de vista político e a expansão das cidades e do anonimato que aí prevalece são os sinais mais inequívocos deste processo de perda de consciência colectiva. Cabe então à escola lutar contra este processo e de inculcar de forma concreta o sentimento de cidadania às crianças. Como afirma de maneira primorosa Durkheim:

“[...]para que a moralidade seja garantida na sua própria base, é necessário que o cidadão tenha o gosto pela vida colectiva: pois, é apenas a esta condição que poderá prender-se a estes fins colectivos que por excelência são os fins morais. Mas este gosto não pode ser adquirido nem pode adquirir uma força suficiente para determinar a conduta, senão por meio uma prática tão contínua quanto possível. Para provarmos a vida em comum ao ponto de não podermos mais prescindir dela, é preciso ter apanhado o hábito de agir e de pensar em comum. É preciso ter aprendido a amar estes laços sociais que, para o ser insociável, não são mais do que correntes pesadas» (*ibid.*: 290).

Durkheim coloca-nos perante a importância do jardim-de-infância/escola na construção da criança como ser social. No entanto, há duas críticas a considerar à sua teoria:

Em primeiro lugar, Durkheim considera que a socialização é a reprodução de normas e valores consolidados; não há lugar na sua teoria, para a produção de novos elementos simbólicos, gerados na interacção social. Na verdade para o autor, a socialização é coerção como bem explica E. Plaisance.

“O que é comum aos factos de educação, apesar de sua diversidade no tempo e no espaço, é a acção dos adultos sobre os mais jovens, a acção de uma geração sobre outra.

Como todo facto social, a educação é então concebida na sua força de imposição, de coerção (em termos de ideias, sentimentos e práticas), que se exerce sobre todo indivíduo no cerne de uma sociedade.” (Plaisance 2004: 224).

Em segundo lugar, as crianças não são tidas pelo Durkheim como sujeitos socializadores, mas apenas como destinatários do processo de socialização. Ora, as crianças realizam processos de transmissão de normas e valores sociais, dentro das suas relações de

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania pares, chamada de socialização horizontal: “espécie de socialização invisível, entre pares, na qual a dimensão afectiva é muito forte e, assim permite a aquisição dos códigos relacionais que se abrem para a construção das identidades sociais” (*Ibidem*. 226). Tudo isto reforça o papel do jardim-de-infância e da escola na construção de crianças como cidadãos.

Compete ao jardim-de-infância ser um local de aprendizagens e de interacções sociais, onde através de actividades lúdicas as crianças começam a adquirir novos conhecimentos e novas competências. Quanto mais participativa a criança for, maior será a sua auto-estima, mais facilmente esta assumirá determinadas responsabilidades, e mais probabilidade terá em tornar-se num cidadão activo e promotor da democracia.

E essa promoção da democracia deverá começar a ser construída nas crianças de tenra idade, especialmente nos jardins-de-infância. Na medida em que são estas instâncias de educação que, juntamente com a família, imprimem na criança os conceitos “de solidariedade, de partilha, de justiça, de verdade, de respeito por si e pelos outros, de respeito pela diferença e pelo bem comum” (Araújo, 2003). O desenvolvimento equilibrado do carácter dos jovens cidadãos é essencial para a sustentabilidade da democracia, o respeito pela liberdade, o compromisso com os outros, o respeito pelos seus direitos numa comunidade alargada.

Mas estes conceitos de cidadania não podem ser impostos à criança. Antes pelo contrário, têm que ser promovidos e esclarecidos, para que a criança gradualmente entenda e faça a distinção entre o que é correcto e o que é incorrecto.

Crianças muito jovens não terão as mesmas capacidades de acção do que crianças mais velhas. Mas o mais importante é que tenham a oportunidade de expor as suas ideias, de saber escutar os outros e de desenvolverem condutas de tolerância. Isso só se tornará possível se deixarmos a criança participar activamente nos projectos educativos e pedagógicos.

Não podemos excluir as crianças das nossas decisões, porque elas têm grandes capacidades criadoras. Enquanto tais, devem ser levadas a sério. Acreditamos que a educação para a cidadania não se deve apenas basear nas palavras e nos discursos, ela precisa de acção e de envolvimento positivo das crianças nas actividades, quer dos jardins-de-infância, escolas, comunidade, permitindo-lhes fazer livres escolhas. Só assim serão cidadãos verdadeiramente democráticos susceptíveis de se mobilizar para defender causas justas. Só poderemos ter progressos se ouvirmos e escutarmos “o que as crianças têm para nos dizer e, ao tomar atenção à forma como elas comunicam connosco é que se fará progresso nas pesquisas que se

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

levam a cabo com crianças, mais do que, simplesmente, sobre as crianças” (Christensen e James, 2005: 19)

Assim sendo, é fundamental que os jardins-de-infância incluam nas suas rotinas actividades em contexto urbano que promovam uma consciência cidadã nas crianças destas idades. As crianças quanto mais se apropriarem dos espaços urbanos, das ruas, dos parques, entre outros, mais poderão reinventar e produzir conhecimento acerca do que as rodeia, levando-os a opinar sobre o que está bem e mal, fomentando-lhes o espírito crítico.

Ao reconhecer a criança como sujeito do processo educativo, valorizando os saberes já adquiridos, será um passo fundamental para a aquisição de novos conhecimentos.

A rua pela variedade de situações e experiência que nela podem ser vivenciadas e, por ser, uma unidade base de organização das cidades, provavelmente será um contexto ideal para analisar as representações sociais que as crianças têm acerca da cidade.

5.2. Actividades desenvolvidas no jardim-de-infância para a promoção das crianças enquanto actores sociais

A partir da reflexão acerca das cidades e das práticas infantis, as rotinas diárias das crianças no espaço urbano, bem como a contribuição dos Jardins-de-infância na promoção do ser social, foram planeadas, juntamente com as crianças um conjunto de actividades, com o intuito de analisar as representações sociais que as mesmas têm acerca da cidade.

Argumenta-se que o sentimento de pertença a um grupo é um elemento crucial para atingir o bem-estar psicossocial. Sentimentos de pertença e a construção de representações sociais acerca do que é ser-se cidadão de direitos e deveres, são a base para a formação de uma identidade cívica e um grande factor que contribui quer para a integração, quer para o isolamento social. A rua torna-se assim contexto de eleição destas representações, não só pela variedade de situações e experiências que podem nela ser vivenciadas, como também pelo facto de se tratar da unidade base de organização das cidades. Nas ruas podemos encontrar e estabelecer relações de estabilidade, comprometimento, confiança, sentimentos de segurança, como um conjunto de situações e disposições físicas de lugares que contribuam para o desencadeamento de conflitos, desorganização, desrespeito e até o caos. Todas essas questões ajudam para o estabelecimento de bem-estar da criança com a rua, com a sociedade a que pertence.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Estas actividades foram realizadas em diversos contextos, educativo, familiar e público. Por se tratar de informações de carácter empírico e para facilitar a leitura e compreensão das actividades, optou-se por organizar a informação em subcapítulos.

Numa tentativa de explorar essas representações e experiências, o Jardim-de-infância levou às ruas as crianças e analisou o impacto desta interacção, que relatamos a seguir.

5.2.1. A rua principal da Instituição – explorando o espaço físico.

Para observar a rua que passa ao lado do Centro Social foi feita às crianças uma proposta de saída ao exterior. Com o intuito de facilitar a observação e a interacção das crianças com este espaço, apenas metade do grupo saiu da instituição.

A rua do Centro Social é pouco movimentada ao longo do dia, pois é utilizada, na sua maioria, para transportar as crianças ao Centro e à Escola EB1 da Estrada.

É uma rua com boa acessibilidade, passeios largos de um lado e do outro, passadeira e um cruzamento largo com boa visibilidade, embora uma das ruas esteja vedada ao trânsito, pois apenas está em fase de projecto de um novo loteamento de casas.

Existe também uma ponte que está bem vedada com uma rede, pois a auto-estrada passa por baixo. Apesar da saída ser efectuada onde as crianças circulam diariamente, à medida que o passeio foi decorrendo, pudemos observar que a maioria delas nunca tiveram a oportunidade de a explorar e de a vivenciar de uma forma mais lúdica.

Antes de sairmos, como é habitual, temos sempre o cuidado de perguntar às crianças como é que se devem comportar na rua. Todas respondem que têm de andar direitinhos e não ir para a estrada, mas na prática temos consciência que existe um desfasamento entre aquilo que sabem e dizem e aquilo que na realidade fazem, e foi o que aconteceu.

Mal saímos do portão lateral da Instituição, ficaram admiradas por ter um Ecoponto ali colocado, uns largaram as mãos e tentaram chegar ao ecoponto para abrir as tampas e ver o que estava lá dentro, outros ficaram a observar as pedras dos passeios “ – *Olhem! O passeio tem relva verde.* ”- exclamou o Dinis

“ - *Eu também tenho um perto da minha casa!*” – respondeu o André, apontando para o ecoponto.

“- *Olha a escola do meu irmão! Eu, às vezes, venho aqui com ele*” – indagou a Ema apontando a escola com o dedo.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“- *Oh Anabela, a minha prima também anda aqui, a minha mãe às vezes trá-la no carro.*” – colmatou a Filipa.

A conversa continuou muito animada, pois todos tinham algum amigo ou familiar a frequentar aquela escola. Quando chegamos ao portão da escola, pararam, pois descobriram que tinha um sinal de trânsito em frente.

“- *Que sinal é este?*” - perguntou o André.

Antes de lhes responder, pedimos-lhes que o observassem com atenção e nos descrevessem. “-*Tem um camião...*” - respondeu a Filipa

“-*Tem um carro a ser puxado por uma máquina!*” - respondeu quase ao mesmo tempo a Ema.

Depois de as ouvir, pedimos-lhes novamente para observarem o local onde estavam e que marcas havia no chão, deixámo-las reflectir um pouco e só depois é que lhes foi dada a explicação.

O sinal representava proibido estacionar, veículo sujeito a reboque, pois este encontrava-se à frente do portão da entrada da escola.

Continuando a caminhar pelo passeio, verificamos que elas já não andavam em fila como é costume aquando das saídas à rua, mas estavam todos juntos e a fazer do passeio lugar de brincadeira. Então lembramo-nos de fazer uma roda com eles e pudemos verificar que aqueles passeios eram bastante largos, o que eles apreciaram muito, pois é muito raro brincarem nos passeios, pois, sempre que saímos, andamos em fila e alinhados, raramente as deixamos brincar nos passeios.

Continuando, demos-lhes a oportunidade de explorarem a rua, sem fazer grandes intervenções, mantendo uma atitude de vigilante, para não os deixar ir para a estrada.

Atravessamos o cruzamento na direcção da ponte que passa por cima da auto-estrada e a curiosidade de ver o que estava por baixo foi logo manifestada, subindo para as grades da ponte (esta ponte está protegida por uma rede, não havendo perigo de queda), para espreitarem os automóveis que passavam.

O ruído das motas e dos camiões foi o que lhes chamou mais a atenção. É preciso referir que, para as crianças, os sons são muito importantes nas suas brincadeiras e jogos. Raro é o jogo em que a criança, para além da linguagem falada e gestual, não utilize também os sons para dar ênfase ao jogo e à brincadeira.

O tempo planeado para esta actividade estava a terminar. Era hora de regressar. Porém um novo desafio surgiu: atravessar a rua!

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“- *Meninos, agora para atravessarmos a estrada, temos que ir por onde?*” – interrogou a educadora.

“- *Pela passadeira*”. – responderam todos em coro.

“- *Tem ali uma! Anda!... vamos depressa*”. – respondeu o André, dirigindo-se à passadeira.

“- *Muito bem, mas antes de atravessarmos, o que é que temos de fazer?*”- a educadora voltou a questionar.

“- *Ver se não vêm carros.*”- respondeu a Ema.

“- *Só isso?*” – a educadora voltou a questionar.

Não obtivemos nenhuma resposta. Como já se fazia tarde, atravessamos a passadeira em direcção ao jardim, mas o André aproveitou para pular as riscas da passadeira e o Diogo e o Dinis, imitaram-no. Intervimos, dizendo-lhes que a passadeira não é um local de brincadeira, mas de passagem para os peões. Aquando da nossa chegada à sala, foi logo motivo de grande algazarra, pois o grupo que tinha ficado na sala, quis saber por onde tínhamos andado e o que fizemos.

Tiveram que aguardar pela tarde para satisfazer a curiosidade.

Em grande grupo, foi pedido às crianças que participaram na saída para contarem ao restante grupo o que tinham feito de manhã.

A Ema tomou a palavra e relatou aos outros o seguinte: “- *Andamos a passear lá fora e vimos árvores e pedras na rua que não passam carros.*”

“- *Eu vi uma mota, que passou lá em baixo na rua.*” – interveio o Flávio.

“- *Eu também vi um sinal na escola e um camião grande.*” – disse o Dinis.

“- *Nós atravessamos a passadeira e depois viemos para o colégio*” – interveio a Filipa.¹⁵

As restantes crianças, que tinham participado, limitaram-se a repetir o que as outras tinham descrito.

Esta actividade ficou registada quer no dossiê da criança, quer no painel da entrada da sala, permitindo que os pais e outros membros da comunidade, familiares e crianças, se inteirem e informem acerca das actividades que estão a ser desenvolvidas em contexto de sala. Também foi pedido às crianças que desenhassem o que mais lhes chamou a atenção na rua.

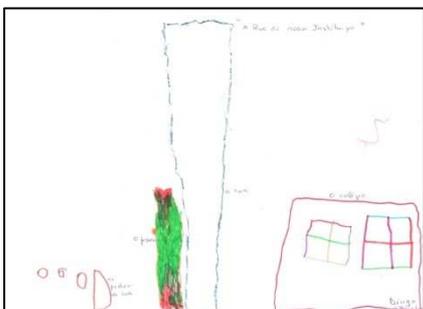
¹⁵Registo efectuado em nota de campo 26 de Outubro de 2009

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Os desenhos das crianças não retratam apenas a realidade da acção, mas a apreensão pelas crianças dessa mesma realidade vivenciada. E, de facto, diversas crianças participaram na actividade, mas a percepção que têm do espaço rua não foi igual. Cada uma desenhou algo que no decorrer da actividade lhe chamou e captou mais a sua atenção. As crianças, apesar de estarem no mesmo espaço físico, no mesmo contexto, sendo-lhes proporcionado as mesmas experiências, têm percepções e registam pormenores diferentes, como podemos observar, após a análise dos desenhos.

Para uma melhor compreensão destes, foram catalogados em três tipos de desenhos. O primeiro grupo, atribuindo-lhe a letra A, o segundo grupo, atribuindo-lhe a letra B, o terceiro grupo, atribuindo-lhe a letra C.

Grupo A – Dimensão geográfica/paisagística



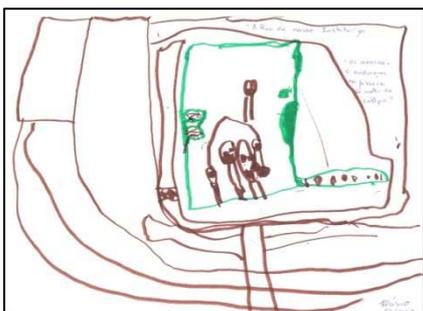
Desenho nº 1

Autor: Bruna 4 anos



Desenho nº2

Autor: Ema 4 anos



Desenho nº3

Autor: Flávio 4 anos



Desenho nº4

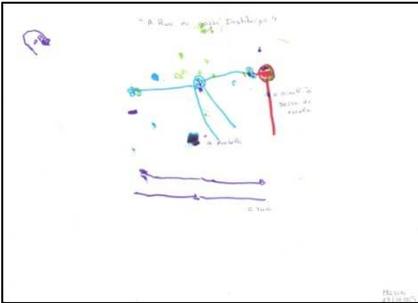
Autor: Daniela 4 anos

No primeiro grupo de desenhos (Grupo A - dimensão geográfica/paisagística), é feita uma caracterização geográfica da rua. Aparece o elemento rua, edifícios, passeios, pedras. Elementos exteriores às pessoas. A rua está vazia, ela vai ser preenchida. A criança apenas se preocupou em representar o espaço físico e os elementos subjacentes à rua, como podemos verificar através dos seus registos orais: *“Na rua do nosso colégio tem uma estrada larga,*

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“passeios e pedras” (desenho nº 1); *“Os carros a passar na estrada debaixo do nosso colégio”* (desenho nº 2); *“As ruas à beira do nosso colégio a escola dos meninos grandes”* (desenho nº3); *“Na rua tem muitos passeios com pedras”* (desenho nº4).

Grupo B – Dimensão política



Desenho nº5

Autor: Dinis 4 anos



Desenho nº6

Autor: Maria 4 anos

No segundo grupo de desenhos (grupo B – Dimensão política), existem pormenores ilustrativos quase metafóricos. Há uma pessoa a apontar o sinal. Esse sinal significa uma revelação da circulação da rua. Há uma dimensão política. A rua é um espaço submetido a uma ordem, ao serviço das pessoas que nela circulam.

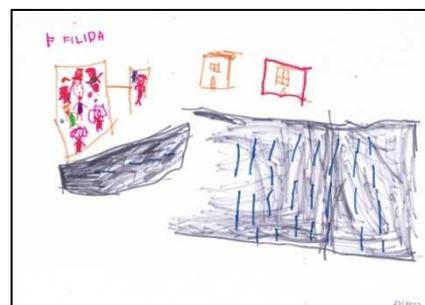
As crianças captaram a informação que a educadora passou no que diz respeito aos sinais de trânsito e sua importância para a circulação das ruas: *“Anabela está a falar para que serve aquele sinal à beira da escola”* (desenho nº 5); *“Os carros têm que parar no vermelho”* (desenho nº6).

Grupo C – Dimensão Social



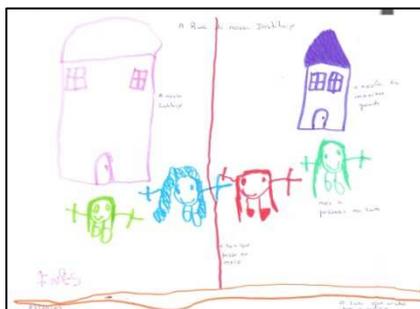
Desenho nº 7

Autor: André 5 anos



Desenho nº 8

Autor: Filipa 4 anos



Desenho n° 9

Autor: Inês 4 anos

No terceiro grupo de desenho (grupo C – dimensão social), a rua já é caracterizada pelo humano, nestes desenhos aparece representado o grupo de crianças que saiu à rua. Há uma outra percepção social da rua, não meramente geográfica/urbanista. A rua é lugar de vida preenchida. *“Os meninos andaram no passeio à volta do colégio.”* (desenho n°7) *“Temos que andar com cuidado na rua do colégio, senão os carros podem atropelar os meninos”* (desenho n°8); *“Eu e os meninos a atravessar a rua do colégio para o outro lado”*¹⁶ (desenho n°9).

Apesar dos desenhos se poderem categorizar nestas três dimensões, rua geográfica/paisagística; rua política; rua social, pode haver transições nas representações das crianças de uma para a outra. O desenho capta um instante da representação, ele não reproduz tudo o que a criança vê da rua. Ele reproduz um instante, um fragmento do seu pensamento sobre a rua. Contudo, estas diferenças de comunicação são sempre reveladoras de um pensamento próprio das crianças sobre a rua e a cidade.

5.2.2. A Rua secundária da instituição – sensações e percepções

O segundo grupo teve, finalmente, a oportunidade de sair à rua que circunda a instituição.

Desta vez, a saída foi efectuada à rua secundária que ladeia a Instituição. Esta rua é toda ela urbanizada, as ruas são mais movimentadas, e a estrada que está paralela ao jardim não possui qualquer tipo de passeios. As crianças têm de andar pela berma da estrada. Já no loteamento, as ruas têm passeios, que dão acesso às entradas dos prédios.

¹⁶ Episódio registado em nota de campo em 20 de Outubro de 2009

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

A actividade de hoje não foi apenas para conhecer o espaço físico rua com as suas estruturas ou equipamentos, mas para observar as sensações que as crianças sentem quando circulam por estes espaços físicos.

Por norma, a criança observa e vivencia com muito mais pormenor tudo o que a rodeia, e os espaços físicos exteriores são por excelência o que mais as entusiasma. Sair à rua é sempre uma festa!

Evitamos intervir nos seus diálogos ou movimentos, só o fazendo em casos de extrema necessidade (se se aproximava algum veículo, ou se a criança tentava sair de perto do grupo).

É preciso observar com muita atenção e escutar o que eles vão dizendo, pois as crianças falam tanto e todas ao mesmo tempo que é difícil captar todas as suas emoções, é como se existisse um código entre elas, que para nós é quase imperceptível, se não estivermos habituados a elas.

O riso é uma das formas mais utilizadas nas suas conversas; é raro, não se ouvir um riso ou uma gargalhada de algum deles. Durante o trajecto, as conversas em grupo e os risos foram o que mais se ouviu.

Mal saímos das escadas que separa o jardim da rua, observaram que estava pendurado numa árvore um “pneu grande”, que servia de baloiço.

“- *Anabela!.. Olha, está ali um pneu pendurado?!*” – exclamou muito admirado o João Tomás.

“- *Acho que é um baloiço?*” - respondeu prontamente o João Pedro. “- *Que fixe...*”(risos de alguns)

“- *Quem é que o pôs ali? Se calhar foram os meninos grandes?*” – interferiu o Diogo.

“- *Que fixe!... eu queria andar lá em cima!*” – interveio o Daniel, rindo-se de seguida.

As restantes crianças riam-se e continuavam a conversar umas com as outras acerca do pneu pendurado. As que iam perto, perguntaram-nos como é que aquela caravana estava ali parada e quem a trouxera para ali.

De repente, o vento soprou com mais força, fazendo com que algumas folhas que estavam caídas pelo chão se levantassem um pouco. As crianças correram atrás das folhas, sem olharem ao redor. Ergueram os braços e riam como se quisessem abraçar o vento.

“- *Olha ali! As folhas estão a correr. Vamos apanhá-las...*” - gritava o João Tomás.

“- *Vamos!..*” – gritaram os restantes em coro.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Tivemos que intervir e pedir para pararem, pois as crianças lançaram-se pela rua atrás das folhas. A rua não era muito perigosa, mas tinha alguns cruzamentos e garagens. De modo que um condutor desatento podia não visualizar as crianças.

O passeio continuou um pouco mais calmo, pelo menos não saíram disparados pela rua fora, mantendo-se no passeio. Mas um novo desafio se lhes deparou: as escadas dos prédios. Desta vez, serviram para fazer ginástica. Uns subiam e desciam outros aproveitaram para mostrar as suas habilidades de salto.

Tudo serve para as crianças se exprimirem ludicamente. O medo da rua não deve fazer parte do seu imaginário, pois as escadas, as pedras, as plantas, tudo serve para brincar e de preferência uns com os outros, pois uns incentivam os outros a participar na brincadeira.

Mesmo os mais tímidos alinham neste tipo de brincadeiras. De facto, o grupo exerce influência sobre o indivíduo e sobre as suas práticas sociais. Mas, o que mais observamos foi a alegria que todos manifestaram nesta saída à volta da Instituição.

Apesar do frio se fazer sentir e de algumas crianças se queixarem, não foi motivo para as brincadeiras terminarem, os pequenos canteiros dos prédios também foram motivo de brincadeira.

“- Olha... está ali uma casota d’um cão?!” – gritou o João Pedro.

“- Eu vou ver se tem cão...” - respondeu a Daniela.

“- Não vêes que não tem!... Se calhar foi embora, para a casa dele.” – concluiu o João Tomás.¹⁷

A relva, as pequenas plantas, também foram motivo de conversa. As crianças gostam de falar sobre tudo o que observam, ao contrário dos adultos, que muitas vezes, nem se apercebem dos espaços por onde passam, nem dão importância a estes pormenores como dão as crianças.

O passeio acabou, mas a alegria e a euforia estava marcada nos seus rostos. Foi impossível registar todas as conversas que mantiveram uns com os outros, pois, as crianças têm a capacidade de falarem e de se compreenderem ao mesmo tempo, que nos deixa confusos.

Daí estarmos de acordo com Christensen e O’Brien (2003) quando afirmam que as crianças transformam os espaços urbanos em contextos de interacção revestidos de sentido e de emoções. Podemos observar e constatar que o pequeno percurso percorrido foi vivenciado de forma intensa e significativa pelas crianças, onde a alegria, transmitida e ouvida pelos constantes

¹⁷ Episódio registado em nota de campo em 2 de Novembro de 2009

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania
risos e diálogos, foi uma constante. “[...] para a criança, a rua constitui poderoso atractivo. É na rua que se exerce, com maior força, a sociabilidade infantil, que tem na actividade do brincar sua expressão, no interior do grupo de pares” (Gomes e Gouvea 2008: 55).

5.2.3. - A Passadeira primeiro passo na aquisição de um bom hábito

Atravessar a rua com um grupo de crianças é por vezes uma “dor de cabeça” para os adultos que têm a seu cargo esta responsabilidade. Por um lado, porque as crianças são muito imprevisíveis e, nem sempre, acatam as recomendações destes, ou porque estão distraídas, ou porque não têm a noção do perigo que a estrada possa representar aquando a sua travessia.

Daí que fazer simulações em contexto real (rua) poderá antecipar comportamentos mais adequados face ao trânsito.

Compete aos educadores, pais ou educadores/professores, reflectir com eles sobre a importância de se fazer uma travessia correcta e nos locais apropriados para o fazer, sejam nas passadeiras sem ou com semáforos.

Através das simulações, as crianças, mesmo as mais pequenas, vão se apercebendo que para circular ou atravessar uma rua necessitam de ter alguns cuidados, a fim de prevenir acidentes. Mas o mais importante é fazê-las pensar e reflectir na forma como o fazem.

A actividade proposta às crianças foi a de reflectir sobre e como se deve atravessar uma passadeira da forma mais correcta.

“Eu sei... eu sei... eu também sei...” Foi com estes “ses” que as crianças se mostraram logo entusiasmadas para saírem.

“- Muito bem meninos. Quando estivermos junto da passadeira vamos fazer um jogo, sabem qual é?” – perguntou a educadora às crianças antes de saírem para a rua junto da Instituição.

“- Não. Tu ainda não disseste?!”- exclamaram alguns.

“- Pois muito bem. O jogo chama-se - Vamos atravessar a passadeira com olhos de ver. Os meninos quando estiverem lá fora vão ter todos a oportunidade de atravessar a passadeira sozinhos e os outros vão observar o que está certo ou errado.

Querem todos participar”

“- Sim!!!...” – gritaram quase todos em coro.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Essa actividade só foi possível realizar com o grupo todo, na medida em que esta rua, como já referenciamos anteriormente, é pouco movimentada e à hora em que a executamos, raramente passam automóveis.

A simulação em contexto é o ideal para incutir um comportamento cívico mais ajustado à situação.

O primeiro passo a seguir foi o de deixar as crianças atravessarem a passadeira sem que os adultos intervissem e pedimos a uma criança que retirasse do outro lado da rua

Fotografias.



Fotografia nº 14 - Crianças a atravessarem a passadeira junto à instituição

Autor: Filipa 4 anos

“ - Estão a correr... não é assim que se atravessa...” - reflectiu a Filipa.

De seguida, as crianças sentaram-se no passeio. A educadora pediu-lhes que observassem como é que ela iria atravessar a passadeira, mas antes questionou-lhes acerca do modo como o deveria fazer.

“- Tens que olhar para ali e para ali...” - respondeu o Hernâni.

“- É para a direita e para baixo...” - retorquiu a Ema

Neste momento já todos diziam esquerda, direita, cima, baixo, sendo necessário pedir-lhes que tivessem atentos à explicação.

Depois de ouvirem a explicação e de ter exemplificando na prática como atravessar a passadeira correctamente, pedi que um a um também o fizessem.

Constatamos que, apesar de as crianças terem ouvido e visualizado o comportamento a seguir, apenas duas crianças cumpriram com as normas correctas de o fazer. A maior parte delas parou no passeio e olhou para a esquerda e para a direita, mas atravessaram a passadeira a correr.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Quando terminaram, pedi-lhes para reflectirem no que estava certo e o que estava errado e grande parte das crianças admitiu que não deveria ter corrido na passadeira, pois podem cair e ” – *vem um carro e nós vamos para o hospital...* ”

A rua, apesar de ser um “mar” de experiências para as crianças, também as pode colocar em risco. No entanto, há que reflectir com elas que esses riscos podem ser evitados se estiverem atentos a algum perigo que daí possa advir. Não basta apenas dizer-lhes que tem que ter cuidado ou então, como nos diz Castro (2001) que, devido ao crescimento desmesurado das cidades, possa privá-las de participar na vida urbana.

O jardim-de-infância, através das suas rotinas, pode promover a aquisição de competências nas crianças que lhes permitam viver em segurança no ambiente rodoviário, desenvolvendo nelas atitudes e valores como o respeito, a responsabilidade e a tolerância, enquanto componentes essenciais da educação para a cidadania. “Um cidadão será aquele que é capaz de agir na cidade. E para agir na cidade é preciso possuir e tomar determinadas responsabilidades” (Aucouturier, s/d: 28). Só assim é que no futuro teremos peões e automobilistas conscientes dos seus comportamentos cívicos e cumpridores da lei.

5.2.4. A Rua da minha casa – espaço de passagem ou de brincadeira

No acolhimento da manhã e depois de presenciar as opiniões e emoções que as crianças sentiram e vivenciaram no pequeno passeio pela rua e na travessia da passadeira, resolvemos propor-lhes outro tipo de actividade, pedindo também a colaboração dos pais.

A educadora, depois de ouvir as opiniões, sugeriu às crianças que tirassem algumas Fotografias da rua onde vivem e de as trazer para a sala para mostrarem aos outros como eram as suas ruas.

Todos concordaram que seria muito “*fixe*”, pois assim podiam mostrar a rua onde vivem aos outros meninos e, só o facto de imaginarem que iriam tirar Fotografias com uma câmara Fotográfica é sempre motivo de euforia.

Mais de metade do grupo aderiu a esta actividade. Durante uma semana, as crianças foram trazendo para a sala Fotografias, mostrando diferentes ângulos da rua onde habitam. Notou-se que apesar de algumas terem ajuda dos pais, a maior parte foi, de facto, tirada pelas próprias crianças. Assim dá para perceber o que realmente lhes chama a atenção na sua rua.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

A criança não tem a preocupação de tirar Fotografias “direitas e bonitas”. Ela gosta de tirar Fotografias pelo prazer que é manifestado quando visualiza o resultado da mesma. Ela gosta de tirar Fotografias a tudo o que lhe chama a atenção.

Depois da recolha feita, foi a vez de se analisar as diversas Fotografias com as crianças e discutir acerca das mesmas. Se compararmos as Fotografias que as crianças fizeram da rua da Instituição verificamos algumas semelhanças mas algumas diferenças significativas.

Para uma melhor compreensão desta análise e, à semelhança da análise efectuada aos desenhos, as Fotografias foram categorizadas em quatro grupos, nomeadamente: Grupo A – Natureza; Grupo B – Espaços lúdicos; Grupo C – Casas e lugares; Grupo D - Rua.

Grupo A – Natureza



Fotografia nº 15

Autor: Diogo 4 anos



Fotografia nº 16

Autor: Daniel 4 anos

No primeiro grupo de Fotografias (Grupo A - dimensão natureza) as crianças fixam-se em detalhes naturais como é o caso da Fotografia nº 15: *“Eu também tirei esta Fotografia. O meu pai deu-me a máquina. Também tem muitas árvores. Lá em baixo passam carros!”* Para o Diogo apesar de Fotografiar uma rua movimentada, o que capta a sua atenção é o elemento árvore. O mesmo acontece na Fotografia (nº 16) e análise do Daniel em que, sendo uma Fotografia citadina, o elemento árvore é realçado na análise da criança. *“Estava a chover muito. O pai ajudou a tirar a Fotografia. Tem carros parados e muitas árvores verdes”*.

Poucas foram as Fotografias em que o elemento natureza foi captado e realçado. Talvez este facto se deva à escassez de elementos da natureza na zona habitacional das crianças e explique a ausência de representações destes elementos nos desenhos.

Grupo B – Espaços lúdicos



Fotografia n° 17

Autor: Ema 4 anos

A análise de Fotografias no segundo grupo (Grupo B – espaços lúdicos) foi muito diminuta, pois apenas uma Fotografia se enquadra neste grupo, Fotografia n° 17. Acerca da mesma, a criança entende-o como um espaço de lúdico e de interação, pois refere-o como sendo o local onde, por vezes, brinca com o irmão e com o pai *“A minha rua tem muitos carros. E, atrás tem um parque. Eu vou lá com o meu pai e o meu irmão”*(Ema). Esta dimensão de espaço lúdico não é referenciada nos desenhos, talvez pela mesma razão da sua já anteriormente referida, ou poderá ser explicada pela escassa interação entre as crianças e esses espaços lúdicos fora do contexto institucional.

Grupo C – Casas e lugares;



Fotografia n° 18

Autor: Ema 4 anos



Fotografia n° 19

Autor: Maria 4 anos

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania



Fotografia n° 20

Autor: Francisca 4 anos



Fotografia n° 21

Autor: Leonardo 4 anos

Ao longo da análise do terceiro grupo de Fotografias (Grupo C – zona habitacional) apercebemo-nos do contexto altamente citadino em que residem as crianças.

A presença de lojas de comércio e prédios não só é visível nas Fotografias, mas também comentada e mencionada pelas crianças, como podemos observar nas Fotografias n° 17, 18,19,20: *“Na minha casa, tem lojas por baixo. Também tem carros a passar”* (Maria); *“Eu tirei a Fotografia da janela do meu prédio, vês!... lá em baixo tem muitos carros parados”* (Francisca) *“Na rua da minha casa grande, passam poucos carros. Eu tirei, sozinho, esta Fotografia. A estrada tem pedras”* (Leonardo); *“Eu tirei esta Fotografia da janela do meu prédio, à frente tem muitas casas”* (Ema).

Grupo D - Rua.



Fotografia n° 22

Autor: Sara 5 anos



Fotografia n° 23

Autor: Dinis 4 anos



Fotografia n.º 24

Autor: Luís 4 anos



Fotografia n.º 25

Autor: Inês 4 anos

Ao analisar as Fotografias do quarto grupo (Grupo D – Rua) as crianças referem constantemente a circulação de carros, inclusivé algumas contra ordenações, como carros estacionados em cima dos passeios (Fotografia n.º 23), “*Esta é a minha rua. Tem sempre muitos carros, às vezes estão também parados no passeio*”(Dinis);“ apesar deste cenário não ser visível nas Fotografias. Referem elementos de gestão e organização de espaços públicos como semáforos e passadeiras. (Fotografia n.º 24 e n.º25) “- *A minha rua tem passeios, poucos carros. Sabes!... Também tem um sinal...lá no fundo*”(Luís); “*Eu moro aqui. A rua é grande e tem muitos carros a passar*”(Inês); “ *Na minha rua, passam muitos carros... tem uma passadeira para as pessoas atravessarem*”(Sara).

Perante a avaliação deste último grupo, que muito se assemelha aos desenhos realizados pelas crianças, concluímos que as representações desta dimensão, quer gráficas quer orais se aproximam muito umas das outras. São representadas como ruas de grandes dimensões, centros populacionais densos, poucos elementos naturais e quase nenhum elementos lúdicos/recreativos e ausência de elementos humanos e de interações sociais. Contudo, as crianças representadas nos desenhos são uma espécie de auto representação de si mesmas. O que é mais interessante concluir é que, apesar da Fotografia ser um elemento mais rico do ponto de vista gráfico, ainda que também capte instantes, os desenhos demonstram-se muito mais ricos, pois são fantasiados pelas mesmas.

A conversa continuou e, mesmo as crianças que não tiraram Fotografias da rua onde vivem tiveram a mesma oportunidade de conversar acerca da rua onde habitam.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Notamos que as crianças gostaram de partilhar com os outros informações acerca da sua rua, fazendo algumas comparações entre os espaços físicos.

Reflectiram juntamente com a educadora acerca daquilo que se pode encontrar numa rua, desde carros, passeios, sinais, passadeiras, lojas, *“pessoas a andar”*, árvores, escolas, parques infantis, prédios, casas, mas em nenhum momento das diversas conversas que tiveram acerca do tema falaram que a rua tinha crianças.

Para reforçar e concluir, esta actividade foi também proposto às crianças a elaboração de um quadro de dupla entrada com o título *“A minha rua”*, onde tiveram a oportunidade desenhar os elementos constitutivos da sua rua.¹⁸

Foram aproveitadas algumas das Fotografias que as crianças tinham tirado, e escolhidas por elas. Outras imagens foram escolhidas pelas crianças em revistas.

Sempre que se fazia uma recapitulação acerca do tema da rua, o “factor” crianças nunca era mencionado e quando questionadas acerca do assunto a resposta era, quase sempre a mesma: *“ Os meninos não podem andar na rua. Vêm os carros e matam os meninos!”*

De facto, a maioria das crianças desta sala não “circula” a pé entre os espaços habitacionais e os espaços institucionais. As crianças fazem-no diariamente em transporte privado, levando a que cada vez mais se tornem independentes de mobilidade, fazendo com que o espaço rua se torne, de facto, um perigo para a sua integridade física. Neste grupo apenas duas crianças deslocam-se do jardim-de-infância/ casa a pé e, isso deve-se ao facto de serem os avós que os vêm buscar e moram relativamente perto da instituição.

A propósito deste assunto, Maria João Malho alerta-nos que, cada vez mais, as crianças habitam pouco o espaço urbano, nomeadamente o da sua área de residência, e mesmo assim não estabelecem relação com o espaço entre a residência e o jardim-de-infância ou locais das actividades informais, exceptuando os parques infantis. *“A percepção que têm do espaço urbano é normalmente mediada e não vivenciada pela experiência corporal dos espaços. As crianças vivenciam pouco a cidade.”* (Malho 2003: 53)

Mesmo em conversas informais que fomos mantendo com alguns pais, a resposta era idêntica, falta de tempo e insegurança.

“ Hoje em dia é impossível deixarmos os nossos filhos brincarem na rua sem estarmos perto deles.”; “ Antigamente não havia tanto trânsito, e nós brincávamos muito na rua com os nossos

¹⁸ Cartaz “A Rua” (ver anexo 7)

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

amigos, agora isso é impossível.”; “ Com a vida tão agitada que levamos, o tempo para brincarmos com os nossos filhos é muito limitado. E quando o temos, preferimos espaços mais reservados, longe dos perigos.”¹⁹

A rua está a ficar desprovida de crianças, sobretudo de crianças em idade pré-escolar, tornando-se apenas num local de passagem e circulação e não um espaço de descobertas, de criatividade e de socialização tão importante para a sua formação pessoal e social. É através das brincadeiras que se estabelecem no contexto rua, que as crianças aprendem a partilhar e a respeitar o direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo, e a envolver-se nas actividades apenas pelo prazer de participar. Muitas destas crianças apenas se apropriam destes espaços físicos, devido às actividades que o Jardim-de-infância procura promover para um desenvolvimento integral da criança.

“É preciso que a rua não seja mais vista somente como um local de passagem, circulação e violência, mas principalmente, como um local de encontro, onde a sociedade possa se encontrar e (re)encontrar consigo mesma, onde os atores sociais se relacionem, discutam a vida e o cotidiano, enfim que à rua seja restituído seu título de espaço de vida, lugar onde se possa efetuar a construção, por parte das crianças e jovens, da pedagogia coletiva, pois ela é condição necessária à apropriação de saberes e conhecimentos...” (Pires, 2006: 68)

Tonnucci (2010)²⁰ aquando a sua conferência no IEC, Universidade do Minho, Braga, vem corroborar esta ideia alertando-nos que hoje em dia as cidades que eram de encontro e de intercâmbio já não o são mais. Hoje, visitando as nossas cidades é difícil encontrarmos crianças que se movam sozinhas nos espaços urbanos. As crianças estão como que “escondidas”, separadas, colocadas em casa ou em instituições especializadas para as mesmas. As crianças não estão na rua, não partilham com os adultos os espaços públicos. Estão nos seus “lugares” que são as escolas, os parques infantis, ludotecas, ou então em casa a ver televisão.

É importante ouvirmos os conselhos que as crianças têm para dizer senão correremos o risco, de darmos razão à voz de uma criança (anónima), que afirmou: “ Se os

¹⁹ Conversas informais com familiares e registadas em notas de campo entre 26 e 30 de Outubro

²⁰ Tonnucci, Francesco (2010), Conferência no IEC, Março 2010, “La citta dei bambini” com le sue caratteristiche politiche e social. Universidade do Minho. Braga

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

adultos não ouvirem a voz das crianças, num futuro próximo, estarão metidos em sérios apuros.”

5.3. Maquete a nossa cidade

5.3.1. O Projecto

A construção de uma cidade em miniatura, em contexto de sala, provavelmente, providenciará a oportunidade das crianças serem construtoras de mudanças futuras nos espaços públicos.

Esta construção partiu sempre das representações que até aqui então as crianças tinham do seu meio ambiente e das suas vivências e experiências em contexto.

Brincar ao faz de conta, como já foi referenciado anteriormente, é uma das actividades mais apreciadas pela maioria das crianças destas idades. Ora, brincar aos “crescidos” e construir uma cidade em miniatura foi uma das actividades mais interessantes e aliciantes do próprio projecto.

As crianças, à medida que iam elaborando a maquete ou a “*nossa Cidade*”, como a apelidaram, foram contactando com uma panóplia diversificada de temas, que directa ou indirectamente estão relacionadas com a cidade e tudo o que lhe está inerente: cultura, lazer, poluição, protecção, equipamentos e serviços, entre outros assuntos. Como teremos a oportunidade de expor ao longo deste ponto.

As actividades não foram sistemáticas e nem seguiram um padrão lógico temporal, porque, como sabemos, no Jardim de Infância, são inúmeras as áreas de desenvolvimento proporcionadas às crianças, áreas essas que são muito importantes para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Ao longo de várias semanas, as crianças puderam observar e visualizar inúmeras Fotografias de diversos espaços públicos, equipamentos e espaços naturais, umas trazidas pela educadora e outras retiradas pelas próprias crianças, e conversar sobre o que estavam a visualizar. E, à medida que era visualizada, observada e comentada, a maquete foi ganhando “vida” e construída.

Desde Fotografias de parques infantis, ruas, transportes, monumentos, praças e chafariz, até ecopontos e caixotes do lixo, arvores e jardins, prédios e lojas, rio, entre outras Fotografias e imagens.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Contudo, esta maquete não retrata a cidade da forma como as crianças a observaram e visualizaram; é antes uma construção própria delas, pois cada uma teve a oportunidade de projectar quer através dos seus desenhos, e à posterior, através das suas construções artísticas tridimensionais, o que gostavam que a cidade delas tivesse.

Muitas das “peças” que foram lá colocadas e elaboradas por elas são as imagens que elas têm da própria cidade. As ruas, as casas, os transportes têm que existir, pois para eles a cidade é um aglomerado de *“muitas casas e carros que fazem muito barulho, e que as pessoas andam sempre de um lado para o outro”*; *“ Tem muitas pessoas, porque vão trabalhar nas lojas e também vão às compras”*; *“ Andam sempre de carro, para chegarem mais depressa a casa”*²¹.

Daí termos que referir Simmel, quando este afirma que a cidade corresponde a uma intensificação da vida nervosa das pessoas. As crianças apercebem-se que as pessoas andam sempre cheias de “pressa”, que raramente têm tempo para observar o que as rodeia.

Para dar início a esta actividade, a construção de uma cidade em miniatura, a educadora, através do jogo do faz de conta, começou por convidar as crianças a participar num diálogo:

“- Vamos imaginar que o senhor que está na Câmara, nos convidou para participarmos na construção de uma cidade...”

A educadora não terminou de questionar, porque uma das crianças, interrompendo o discurso, proferiu, muito admirada: *“- Construir uma cidade?!... Que fixe. Mas nós não sabemos construir cidades!...”* exclamou o João Pedro.

“- Pois não...” colmatou o João Tomás.

A educadora, depois de as ouvir, pediu um pouco de silêncio e esclareceu as crianças que estavam um pouco admiradas com aquela proposta. Explicou-lhes que não iriam fazer uma cidade a sério, mas iriam construir uma cidade em miniatura dentro da sala, ou um protótipo de uma cidade (maquete) onde todas iriam participar, desde a elaboração do projecto, até à elaboração de tudo aquilo que elas gostariam que existisse na sua cidade.

“- Podemos pôr um cão?!” - interrompeu o Gabriel.

“- Claro... a cidade vai ser construída por vocês e vão poder colocar tudo aquilo que gostariam que uma cidade de verdade tivesse” – esclareceu a educadora.

²¹ Episódio registado em nota de campo em 12 de Janeiro de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“ Olha... tem que ter um rio azulinho! “- interveio a Ema.

“ E com peixes!.. - rematou o João Tomás.

A conversa continuou e várias crianças sentiram a necessidade de acrescentar uma ideia ou sugestão.

Foi a partir desta participação activa e tendo em conta as suas opiniões que se iniciou a “construção” da maquete.

A cidade deles teria que ter, aliás como já referimos, casas, ruas, carros, mas também animais e muitos jardins cheios de flores, porque “ os meninos gostam de brincar com os animais e ser amigos deles”; “ A cidade cheira a fumo, porque tem muitos carros.”; “ Com as flores, a cidade fica bonita e cheira bem.”²²

Ao longo da elaboração da maquete as crianças foram-se deparando com alguns assuntos importantes, onde mais uma vez a sua opinião foi ouvida e as suas dúvidas foram esclarecidas.

Um dos temas mais pertinentes e que lhes chamou mais a atenção foi a degradação de alguns parques infantis e a poluição do rio Este.

Temas aliás tão importantes que, ao longo de algumas semanas, as crianças observaram, visualizaram, emitindo a sua opinião crítica, contando também com a participação de alguns pais, relativamente ao tema dos parques infantis, sentindo-se preocupados com as questões relacionadas com a segurança, preservação e manutenção dos mesmos. Foi, nesse contexto que as crianças puderam sentir que, enquanto cidadãos, têm o direito de alertar a quem de direito do que está mal e o dever de respeitar o que é público.

O projecto da maquete foi pensado em conjunto. Mesmo assim, cada criança teve a possibilidade, através dos seus desenhos, de se exprimir livremente, sem a intervenção do adulto. Os desenhos foram realizados individualmente para evitar que as crianças imitassem o que as outras fazem. Com efeito, nestas idades é comum observarmos as crianças repetirem o que as outras dizem, reproduzirem o que as outras fazem.

Depois de dadas as indicações às crianças que deveriam desenhar individualmente a cidade de modo a que, a partir dos desenhos se construísse uma maquete comum, passamos à categorização dos desenhos que serviram de orientação para a construção da maquete.

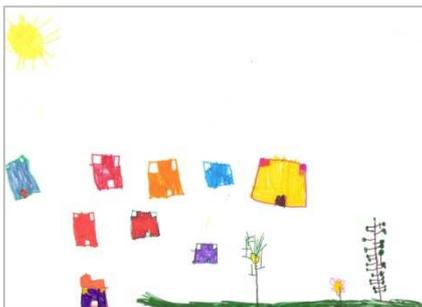
²² Episódio registado em nota de campo em 15 de Janeiro de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

A categorização dos desenhos levou ao agrupamento dos mesmos em quatro dimensões distintas, o que não impediu de haver sobreposições dos mesmos nos diferentes grupos, como podemos observar e constatar.

O grupo A – Dimensão urbanista/paisagista; o Grupo B – Dimensão Rua; Grupo C - Dimensão Natureza e Ambiental; Grupo D – Dimensão Lúdica/recreativa.

Grupo A – Dimensão urbanista/paisagista



Desenho nº 10

Autor: João Pedro 4 anos



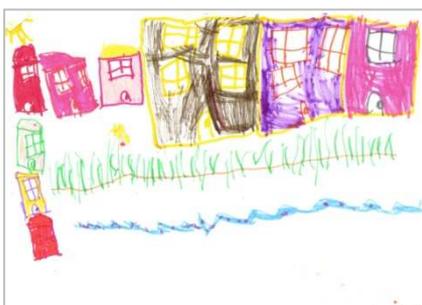
Desenho nº 11

Autor: Guilherme 4 anos



Desenho nº 12

Autor: Gabriel 4 anos



Desenho nº 13

Autor: Filipa 4 anos



Desenho nº 14

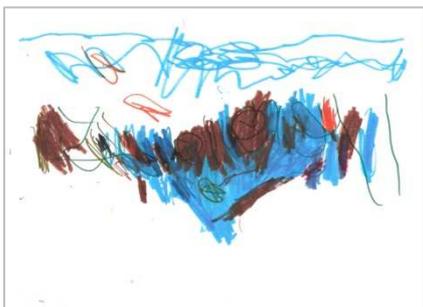
Autor: Daniel 4 anos

No primeiro grupo de desenhos (Grupo A – Dimensão urbanista/paisagista), é projectada uma caracterização urbanista da cidade. Aparece o elemento edifícios com muitas janelas, ruas, carros, árvores, parques infantis, rio. Elementos característicos da cidade. A

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

cidade, na maioria dos desenhos embora projectada vazia de elementos humanos exceptuando - o desenho nº11 e nº 14, em que as crianças se representam a si mesmas e aos outros, como verificamos nos seus registos orais; “ *Eu estou a ajudar o meu irmão a subir o escorrega*”; “*Eu gostaria de passear na cidade com os meus amigos*” - é dotada de sentido. A criança enriquece a sua cidade com outros elementos representativos tais como o fumo que sai da chaminé (desenho nº 12), as cores garridas e fortes (desenho nº 10,13, 14,), o sol (desenho nº 10,11,13) e a chuva (desenho nº 11).

Grupo B – Dimensão Rua



Desenho nº 15

Autor: Tatiana 4 anos



Desenho nº16

Autor: João Pedro 4 anos



Desenho nº17

Autor: Guilherme 4 anos

No segundo grupo de desenhos (Grupo B – Dimensão rua), é projectada uma caracterização da rua como elemento constituinte da cidade, embora no desenho nº16 esta apenas seja identificada pelo registo oral da descrição do trabalho, “*A rua da cidade fica mais bonita azul e castanha*”, mais uma vez, o elemento representativo da rua é a cor.

Mas a rua também é dotada de sentido social, pois esta serve para as pessoas passearem e andarem com os carros, “ *Eu queria que fizessemos ruas na maquete, para as pessoas passearem a pé*” (desenho nº17); “ *Na maquete temos que por os carros a andar nas*

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

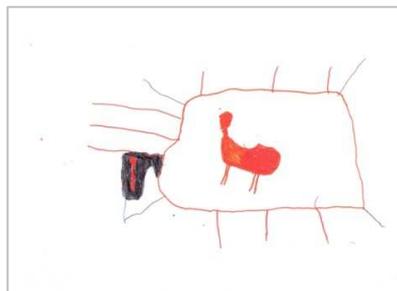
ruas" (desenho nº 18). Exceptuando o desenho nº16, em que a criança projecta a rua vazia, os restantes dotam de movimento os elementos adjacentes à rua. As marcas de sinalização do chão das estradas, os carros em movimento.

Grupo C - Dimensão Natureza e Ambiente



Desenho nº18

Autor: Ema 4 anos



Desenho nº 19

Autor: André 5 anos



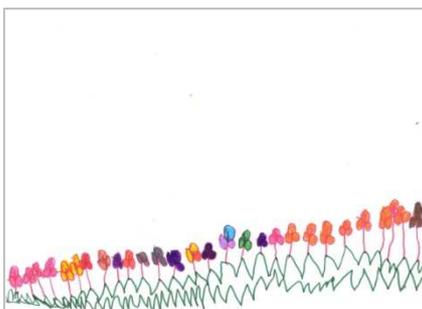
Desenho nº 20

Autor: Daniela 4 anos



Desenho nº 21

Autor: Joana 4 anos



Desenho nº 22

Autor: Sara 5 anos



Desenho nº 23

Autor: Gabriel 4 anos



Desenho nº 24

Autor: Inês 4 anos



Desenho nº 25

Autor: Daniel 4 anos



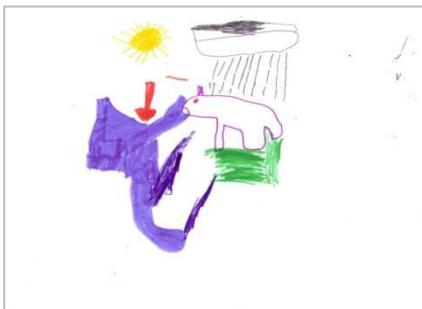
Desenho nº 26

Autor: Filipa 4 anos



Desenho nº 27

Autor: Francisca 4 anos



Desenho nº 28

Autor: João Tomás 4 anos



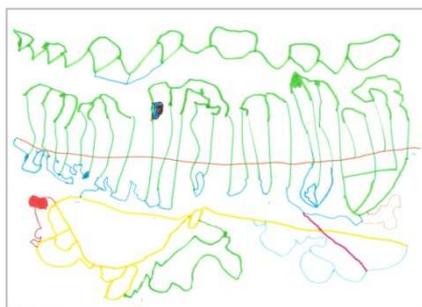
Desenho nº 29

Autor: Guilherme 4 anos



Desenho nº 30

Autor: Marta 4 anos



Desenho nº 31

Autor: Diogo 4 anos



Desenho nº 32

Autor: Maria 4 anos

No terceiro grupo de desenhos (Grupo C – natureza e ambiente), podemos observar e analisar que é o que detém o maior número de desenhos.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Os elementos naturais como árvores, flores, relva, água são os elementos mais representados nos desenhos. Apesar de nos desenhos nº 20,25,31 estes elementos estarem menos visíveis para nós, eles estão lá representados. Mas a criança não projecta esses elementos apenas pelo que ela visualiza na realidade, ela personaliza-os, dota de sentido e de vida. O rio é azul, mas tem peixes a nadar (desenho nº26 e o 31), os animais precisam de água e relva para se alimentarem (desenho nº 28). A questão da preservação do meio ambiente está lá focada. Também, houve a preocupação destas crianças em embelezar a sua cidade com flores, pois estas são sinal de uma cidade mais perfumada e bonita (desenho nº 20,22,24, 27,29,32).

Grupo D – Dimensão Lúdica/recreativa



Desenho nº 33

Autor: Guilherme 4 anos



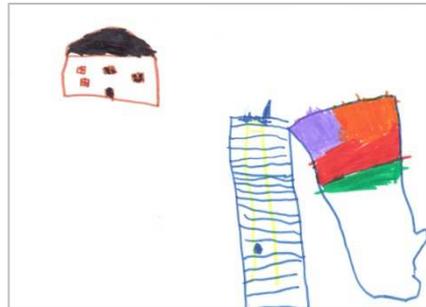
Desenho nº 34

Autor : Flávio 4 anos



Desenho nº 35

Autor Luís 4 anos



Desenho nº 36

Autor: Hernâni 4 anos



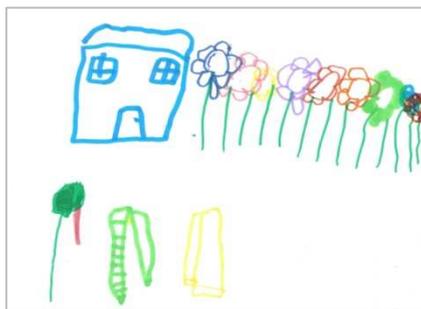
Desenho nº 37

Autor: Daniel 4 anos



Desenho nº 38

Autor: Ema 4 anos



Desenho n° 39

Autor: Inês 4 anos

No quarto grupo de desenhos (Grupo D – lúdica/recreativa), podemos observar e analisar que o elemento mais é projectado pelas crianças nestes desenhos são as escadas e os escorregas. Este equipamento lúdico, provavelmente é o mais utilizado pelas crianças nos parques infantis mas, também é aquele que mais é observado nos parques infantis da cidade e periferia do centro urbano.

Estes elementos chegam mesmo a ser maiores do que as próprias casas como se observa no desenho n° 35 e 36. Em alguns desenhos podemos observar que as crianças já dotam de vida estes espaços representando-se a si em situação de brincadeira, desenho n° 33, *“estou a brincar com o meu irmão no escorrega”*, desenho n° 34,37,38 *“desenhei os meninos a brincar no parque...”*.

Os parques infantis fazem parte do quotidiano destas crianças, mas os equipamentos que eles representaram são bastante incipientes, pois esta é a sua realidade vivida.

Em síntese, verificamos que as crianças desenhavam livremente a cidade segundo diferentes pontos de vista. Sendo a dimensão natureza e ambiente aquela que concretamente maior numero de desenhos tem.

A cidade é frequentemente investida de vida com pessoas ou o reflexo da sua actividade, por exemplo o parque infantil.

5.3.2. As casas da cidade

Elaborar uma maquete da cidade sem casas não fazia muito sentido, uma vez que, sempre que o tema era abordado, as casas e as ruas, eram elementos que as crianças associavam à cidade e, como podemos observar nos desenhos a dimensão paisagística/urbanista está representada pelas crianças nos seus desenhos.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

No entanto, as casas projectadas através dos desenhos e elaboradas por elas têm uma particularidade que as distingue da realidade. Apesar de fazerem muitas janelas e portas como era de prever, a escolha da cor é a característica que mais as distingue da realidade. Para elas, as casas da cidade têm de ser muito coloridas e garridas. *“Eu queria que as casas da cidade fossem muito bonitas e fossem de muitas cores”* (desenho nº10); *“Os prédios e as casas deviam ter muitas janelas para olharmos o rio e as flores”* (desenho nº13)

Em situação de pequeno grupo, e depois de lhes mostrar os desenhos onde haviam projectado estes elementos, foi-lhes proposto que pensassem como queriam que as casas e os prédios da cidade fossem “construídos” e que materiais iriam utilizar para a sua construção. Depois de algumas ideias e sugestões as crianças optaram por fazer diversos prédios com caixas de cartão, decidindo pinta-las de diversas cores. A intervenção do adulto foi quase nula, apenas a de disponibilizar os materiais sugeridos para a sua elaboração.

“- Olha de que cor é que vamos pintar o prédio?” – questionou o João Tomás aos restantes membros do grupo do lado

“- Eu gosto de laranja, porque assim este prédio fica mais bonito.”

“- Eu gostava de pintar de azul, porque é a cor do céu.”

“- Eu gostava que a minha casa fosse pintada de amarelo, como o Daniel desenhou, era mais colorida”.(desenho nº14)

Constatou-se que todos os grupos tiveram algumas dúvidas quanto à cor escolhida, mas acabavam por entrar em consenso, afinal todas as cores são “bonitas”.

De facto, as cores garridas, tal como nos desenhos, onde o amarelo, o vermelho e o azul predominam, foram, também, as cores escolhidas para pintar as “casas” da maquete, pois para as crianças, as cidades deviam ser mais *“coloridas e bonitas, muitos prédios da cidade estão velhos e ficam feios...”*²³. As crianças enriquecem de sentido os elementos representativos da cidade onde as cores são associadas ao belo, à alegria e ao divertimento.²⁴

²³ Episódio registado em nota de campo em 20 de Janeiro de 2010

²⁴ Fotografias de todas as fases da construção da maquete “A Cidade dos Meninos” (ver anexo 8)

5.3.3. As ruas

Como já referimos anteriormente, a rua representa um local de aventura e também de perigosidade, mas mesmo assim, a “nossa cidade” não podia deixar de ter ruas e passeios, porque assim não é uma cidade. Aliás, a dimensão Rua, também está representada em alguns desenhos: *“Temos que fazer as ruas, para os carros andarem em cima”*; *“Como é que nós vamos passear se não fizermos as ruas?”*; *“Nas cidades há sempre muitas ruas”*; *“Mas também temos que fazer as passeadeiras e os sinais”*.

Como este tema já foi referenciado anteriormente, onde aliás as crianças tiveram a oportunidade de vivenciarem a rua em contexto, não nos alargamos muito a explorá-lo novamente. Apenas a questão da segurança nas ruas foi lembrada bem como os comportamentos cívicos mais adequados quando andamos na rua com os outros meninos ou com familiares e amigos.

A maquete teria que ter algumas ruas largas e outras estreitas, para as pessoas e os meninos passeassem de carro e às vezes a pé. *“Eu queria que fizéssemos ruas na maquete, para as pessoas passearem a pé”* (desenho nº 16). Não seriam pretas, pois *“o preto é uma cor feia”* *“Nós não gostamos das coisas pretas”²⁵*; *“A rua da cidade fica mais bonita azul e castanha”* (desenho nº 15)

Mais uma vez, a cor é algo que atrai a criança, o sentido estético das coisas está vinculado nas suas escolhas. Os prédios são feios, as ruas são feias, pois as cores escuras e neutras não lhes captam tanto a atenção.

Com recortes feito de revistas, as ruas começaram a tomar forma, umas mais largas, outras mais estreitas. Em grande grupo, foi proporcionado às crianças a colagem das ruas na maquete, bem como a sua disposição

5.3.4. O Ecoponto, os jardins e as árvores.

Quando se pensa na cidade, não podemos descurar a questão ambiental. E quanto mais cedo o tema for abordado com as crianças, maiores serão as chances de despertar a consciência pela preservação do ambiente e de todos os espaços físicos que lhe estão inerentes.

²⁵Episódio registado em nota de campo em 27 de Janeiro de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

A criança deve sentir-se parte integrante, dependente e transformadora dos espaços urbanos. Para isso, é importante que no jardim-de-infância lhe sejam inculcadas atitudes de conservação por esses mesmos espaços físicos e urbanos.

Nos desenhos que as crianças fizeram, aquando do projecto inicial para a construção da maquete, alguns elementos da natureza como árvores, jardins e flores, apareciam lá representados: *“Eu gostava que houvesse muitas flores na cidade, ela assim ficava muito bonita”* (desenho nº 22) e, embora as questões ambientais não estejam lá desenhadas explicitamente as crianças já se vão preocupando com algumas questões ambientais, como é o caso da poluição do Rio Este. *“Eu também desenhei o rio azulinho, cheio de peixes a nadar”* (desenho nº26); *“ Na nossa cidade podemos por muitas árvores, para termos sombra.”* (desenho nº23).

O que elas não desenharam foi elementos representativos ligados à questão do lixo (ecopontos, caixotes do lixo), mas que a nosso ver, também eram importantes que as crianças fossem também sensibilizadas para estes aspectos, pois a cidade deles tinha que ser “bonita e cheirosa” cheia de flores e jardins espalhados pelas ruas: *“Oh! Anabela e se fizéssemos muitas árvores e flores? A cidade assim fica mais bonita!”*(Maria); *“Podíamos cortar flores e dá-las à mamã”*; *“As árvores dão o ar para respirarmos melhor... não é?”*²⁶

Se a criança está sensibilizada para os elementos naturais, então porque será que nenhuma se lembrou da questão do “lixo”?

No grande grupo, depois de ouvir o que as crianças queriam fazer para continuarmos a maquete, a educadora questionou-as acerca deste assunto e constatou que muitas crianças, apesar de terem a noção de que o lixo não é para deitar no chão, mas nos caixotes do lixo, não estão sensibilizadas para a questão da reciclagem. Sabem que os ecopontos existem, mas não têm bem a noção do que se pode lá colocar, porque, como foi dito por algumas: *“a minha mãe deita o lixo no saco das compras”*(Bruna); *“A minha mãe não leva as caixas ao ecoponto”*(João Tomás); *“Às vezes, eu levo as garrafas ao ecoponto verde”*(Flávio).²⁷

Foram então sugeridas algumas actividades para sensibilizar as crianças para a importância da reciclagem e da recolha do lixo, dentro dos espaços urbanos, antes mesmo de continuarem a construir a maquete.

²⁶ Episódio registado em nota de campo em 19 de Fevereiro de 2010

²⁷ Episódio registado em nota de campo em 17 de Fevereiro de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Foram-lhes proporcionadas algumas visitas ao exterior, para observarem directamente os ecopontos e poder assim conversar acerca da sua utilidade e necessidade de existência nos espaços físicos.

Destas actividades, resultou uma tomada de consciência das crianças para a questão da poluição e o modo de como a evitar.

“Ao fazermos a reciclagem, a nossa cidade cheira bem...” (Sara); *“Assim... os camiões do lixo não vão tão carregados”* (João Pedro); *“As árvores não gostam do lixo à beira, porque elas ficam tristes”* (Hernâni); *“Os meninos maus é que deitam lixo para a rua e cheira mal”* (Luís).

Conscientes de que as actividades propostas tiveram um impacto positivo nas crianças para a questão da reciclagem, elas próprias quiseram construir os ecopontos para a maquete, não esquecendo que para além dos 3 ecopontos o pilhão também não podia faltar. *“Oh! Anabela! Eu posso também fazer o pilhão?”* (João Tomás)²⁸

É um facto que, quanto mais as crianças forem sensibilizadas para as questões ecológicas, mais tomadas de decisões terão num futuro próximo, sendo eles os próprios críticos dos adultos. *“Eu já disse ao meu pai, que o vidro não é para o lixo”*(Dinis); *“Oh! Clara, algum menino deitou o copo do iogurte no caixote do lixo! Enganou-se...”*(Daniela)

Compreenderam também que as árvores para além de dar sombra e embelezar a cidade têm uma importância fulcral para a preservação do ar nas cidades, devido à poluição do mesmo com dióxido de carbono originado pelo trânsito intenso das cidades.

5.3.5. O Rio Este

Os livros no jardim-de-infância são uma excelente ferramenta de estimulação e desenvolvimento das competências das crianças e, especialmente de transmissão de valores. Após a visualização de um livro “A vida dos animais” e a leitura do seu conteúdo o Hernâni interrompeu a conversa e disse *“- Coitados dos peixes daquele rio que passa lá em baixo, estão todos sujos!”*

Aqui, a atenção das crianças mudou o assunto, o tema agora eram os peixes, o rio e o lixo. Para esclarecer se estavam a conversar sobre o Rio Este, questionámo-lo:

²⁸ Episódio registado em nota de campo em 22 de Fevereiro de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“ - Olha Hernâni, de que rio estás a falar?”

“ - Aquele rio que passa perto do trabalho que a minha mãe andou, no Intermaché, tem uma ponte, e ele passa por baixo”.

“ - Eu também já vi esse rio, fica em Braga...”

Pedimos que nos ouvissem e explicamos-lhes que o rio que estavam a falar era o rio Este e que, de facto, passava pela nossa cidade, mas também estava muito contaminado pela poluição.

A Ema começou por falar que estava muito sujo, porque as pessoas deitavam lixo para dentro da água. O Gabriel também interveio e disse aos meninos que tinha um aquário com peixes e que lhes deitava comida para eles não morrerem.

“ - Mas vocês acham que no Rio Este existem peixes, como no aquário do Gabriel?”

“ - Não...” a resposta das crianças presentes foi unânime.

A Inês, pediu para falar e respondeu *“ - O Rio cheira mal e a água está muito suja, os peixes morrem”*

*“ - As pessoas deitam muito lixo e depois cheira mal!..”*²⁹ continuou o Guilherme fazendo gestos de desagrado.

Aproveitamos para lhes falar da necessidade que nós todos, crianças e adultos, temos de cuidar do ambiente e de proteger o rio que passa na cidade.

Este assunto foi tema para futuras actividades, pois quanto mais cedo se abordar com as crianças, maiores hipóteses teremos de despertar nelas a consciência pela preservação do meio ambiente, mesmo nos espaços urbanos.

O rio Este é um desses exemplos, sendo importante alertar as crianças para a sua preservação e manutenção, pois, na perspectiva de cidadão, a vida na cidade bracarense podia ser um pouco mais agradável se o rio fosse bem cuidado e, não basta apenas limpar a água do lixo deitados pelos “cidadãos”, mas também fazer desaparecer a vegetação pantanosa e requalificar as margens do rio, abrigá-las da poluição e ruído da cidade e da indústria e dotá-las de condições para cativar todas as pessoas, incluindo as crianças, que certamente poderiam brincar e passear nesse ambiente natural.

²⁹ Episódio registado em nota de campo em 21 de Dezembro de 2009

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

As crianças começaram a tomar consciência da necessidade de alertar os adultos para este problema – poluição - pois sempre que o tema surgia bem como as Fotografias que foram retidas por elas, o rio era assunto de conversa. Mesmo nas actividades livres nas áreas algumas crianças recriavam o rio sujo e com os peixes mortos.



Fotografias nº 26 e 27 - Crianças a brincar na área das construções e a alertar o educador e as outras crianças para a “mortandade” dos peixes do Rio Este.

Autor: Anabela

A maquete também tinha que ter um rio “*limpinho*”, “*azulinho*” e “*cheio de peixes*” para os “*meninos olharem e verem os peixinhos a nadar e não de barriga para o ar, porque estão mortos!...*” (Diogo). Aliás, se observarmos o desenho nº 31 que corresponde à mesma criança, este apesar de ainda estar numa fase inicial do desenho esquemático, a sua preocupação foi em projectar através do desenho o rio azul com peixes.

Mas o rio da maquete tem duas particularidades que não encontramos na cidade: as crianças queriam que o rio passasse pelo meio da cidade e não apenas na periferia, “*Assim, todos os meninos podem ver os peixinhos e a cidade fica mais bonita*”, e cheio de peixes maiores que o próprio “caudal” do rio. Tudo o que as crianças necessitam de alertar e que elas não observam na realidade, geralmente elas exageram no tamanho.

5.3.6. Os transportes

Se as casas, as ruas, são sempre faladas quando conversamos sobre o tema, os transportes estão também presentes nas suas conversas. A cidade tem muitos carros, camiões, motos que fazem muito “*barulho*” e “*andam muito depressa*”. No entanto, se analisarmos os desenhos, apenas o desenho nº 11 representa automóveis e, isso provavelmente se deve ao facto das crianças acharem que os automóveis são um dos elementos ruidosos da cidade e que

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

representam perigo, mas ao mesmo tempo, eles têm a noção que estes são necessários para a vida das pessoas.

Mas na maquete era inevitável que os meios de transporte não fossem “construídos” e colocados nas ruas, pois foi um dos imperativos dos mesmos.

A vontade de construir carros e camiões era muita, pois assim eles também podiam andar a passear os carrinhos na maquete e isso era muito “fixe”. Podiam transportar “As pessoas de um lado para o outro”, “Os meninos da cidade podiam ir às compras e ao parque com as mães”.³⁰

A questão da mobilidade foi um tema que se abordou também nesta fase da construção da maquete. As crianças raramente se deslocam de um lugar para o outro a pé. O transporte privado é o mais utilizado pelas crianças do grupo o que leva a que deixem de interagir umas com as outras.

Por outro lado, as crianças começam a ver o que as rodeia de uma forma rápida, através do vidro do automóvel, dificultando-lhes a captação de muitos estímulos necessários ao seu desenvolvimento e autonomia. “A rua é vista pela janela do automóvel e não é vivida com o próprio corpo” (Malho, Neto, s/d).

Os transportes públicos raramente são utilizados pelas crianças destas idades, (mesmo que acompanhadas pelos adultos). Isso verifica-se aquando da sua chegada e saída do jardim. São uma minoria as que usufruem do transporte da instituição e dos transportes públicos. As restantes chegam em carros particulares de pais ou familiares.

Raramente as crianças falam dos transportes públicos (autocarros, camionetas e comboios), apesar de terem a noção que eles também são importantes para o transporte das pessoas.

O que elas não têm noção é que o ruído e os gases que os automóveis libertam poluem o ar e as cidades, porque também são questões que raramente se discute com as crianças, mas não deixa de ser importante sensibilizá-las para o assunto.

À medida que os meios de transporte iam sendo “construídos” para a maquete, esta questão da poluição do ar foi abordada e reflectida por todos, notando que as crianças ficaram sensibilizadas para o assunto: “Olha! Eu acho que não devíamos por muitos carros nas ruas”;

³⁰ Episódio registado em nota de campo em 10 de Março de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

*“Nós podíamos andar mais nos passeios”; “Coitadinhas das árvores, assim ficam tristes com o fumo”.*³¹

5.3.7. O parque Infantil

A educadora, em situação de grande grupo, conversou com as crianças acerca do que ainda faltava realizar na maquete: *“Quando elaboramos o projecto para a maquete, muitos meninos para além das casas, carros e ruas, projectaram mais algumas ideias que ainda não tivemos a oportunidade de “construir”. Lembram-se? Só que eu esqueci-me e gostaria que me ajudassem.”* – observando se as crianças tinham compreendido a pergunta.

A resposta não se fez esperar. Várias crianças, ao mesmo tempo, começaram a dar as suas ideias: falta fazer os animais, o parque para os meninos brincarem.

A educadora teve que intervir e pedir-lhes para falarem um de cada vez, pois assim não era possível ouvir e registar tudo o que ainda faltava “construir”.

Algumas crianças levantaram o dedo e pediram para falar.

“- Falta fazer um parque para os animais viverem lá. E... fazer um cão!” – iniciou o João Tomás

Algumas crianças começaram a falar que podiam fazer patos, peixes, um elefante...

“- Um elefante?...” – interrogou a educadora, admirada, quando o nome do animal surgiu.

“- Era fixe...podia pegar nos meninos e andar a brincar com eles.” – respondeu o Hernâni, rindo-se de seguida.

A educadora explicou que apesar de saber que as crianças gostam muito de animais, na cidade não é possível andarem livremente todo o tipo de animais, incluindo um elefante. Geralmente estes animais vivem no jardim zoológico, ou nas savanas e de certeza que não iriam gostar de viver num local onde há casas e carros a passar.

Mas se eles fizessem intenção de colocar na cidade da maquete um elefante, iríamos pensar numa forma de moldar um elefante.

A conversa continuou e a Filipa levantando o dedo no ar pediu para falar.

“- Anabela... nós ainda não fizemos o parque infantil, e eu gostava que ele tivesse um baloiço”.

³¹ Episódio registo em nota de campo em 12 de Março de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“- *É verdade!... eu desenhei um escorrega grande... podemos fazer um*”- retorquiu o Luís (desenho nº 35).

A educadora aproveitou este registo oral e exibiu alguns dos desenhos, onde os elementos representativos, tais como escorregas e baloiços, estavam desenhados com algum pormenor.

Todas as propostas e ideias foram aceites pelo grupo, mas tiveram que fazer opções em relação ao que se iria construir em primeiro lugar.

Todos concordaram em fazer um grande parque infantil para os meninos da cidade poderem lá brincar.

Para além de alguns equipamentos lúdicos, como escorregas – “... *Um escorrega até ao céu!*”. Como sugeriu o Hernâni, baloiços, cavalinhos de balançar, novas ideias surgiram:

“- *O nosso parque podia ter um jardim com relva.*”- sugeriu a Joana.

“- *Podíamos fazer um lago com patinhos.*” - pediu o Gabriel

“- *E também com peixinhos.*” – retorquiu a Francisca

O Hernâni, interrompendo a conversa colocou a seguinte questão:

“- *Olha!... eu não sei se podemos fazer. Acho que sim. Anabela! Tu deixas fazer uma montanha pequenina para escalar?*”

“- *Claro que sim, o trabalho é vosso e nós só estamos aqui para vos ajudar a concretizá-lo.*” – respondeu a educadora.

A conversa ainda se prolongou por mais alguns minutos e, desta discussão, surgiram ainda mais algumas ideias.

O Parque Infantil para a maquete tinha que ter equipamentos lúdicos, de preferência grandes, para os meninos brincarem, um lago com uma ponte, para os meninos verem os peixes e os patos a nadar, um jardim cheio de flores para ficar mais bonito e cheirar bem, muitas árvores, para ter sombra no Verão e assim os meninos não “*queimam a cabeça e aquecem o cérebro*”³²- como afirmou a Ema.

Apesar de raramente nos desenhos observarmos explicitamente o elemento humano, ele, estava presente quando a criança o descrevia e apontava um “traço” representativo do

³² Episódio registado em nota de campo em 5 de Maio de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania mesmo: *“Eu gostava de fazer um parque para os meninos brincarem”* (desenhos nº 34, 35, 36, 37, 38,39) *“Eu estou a ajudar o meu irmão a subir o escorrega”* (desenho nº33).

A partir desta conversa deu-se início à actividade da construção do parque infantil. Os materiais utilizados foram na sua preferência materiais de desperdício que existem nas salas, tais como garrafas, boiões, jornais, caixas de cartão, lãs, entre outros.

Com tintas, colas, pincéis e muita imaginação, o parque infantil deu os primeiros passos na sua construção. Para melhor elaboração dos elementos que compuseram o parque, o grupo foi dividido em 4 grupos, para melhor facilitar o trabalho em equipa, e os adultos poderem ajudar na sua realização.

5.3.8. As crianças, as pessoas e o parque dos animais

A construção da maquete estava a chegar ao fim. Contudo, uma cidade, mesmo um protótipo de cidade sem pessoas não é uma cidade e, na nossa maquete o elemento humano era fundamental para terminar a construção da cidade. As crianças desde o início que assumiram a cidade como sendo sua. Subjacente a ela, também o elemento animal era imprescindível.

Sempre que as actividades eram para acrescentar algo à maquete, era rara a criança que não nos pedisse para fazer animais.

A relação que as crianças estabelecem com os animais é muito específica. Para elas, os animais representam amigos com quem podem brincar como brincam com os pares. *“Eu quero animais para brincar na cidade”* (Francisca); *“Eu gostava de ter um cavalo para passear pela cidade”* (João Tomás); *“Eu quero um cão para andar na cidade com uma trela, para ele não fugir”*(Gabriel); *“Eu gostava que na cidade houvesse mais gatos para brincarem com os meninos”*(Sara). Nos desenhos projectados, a representação de animais também se fez sentir na necessidade que a criança tem de partilhar os espaços públicos com animais. Alguns desenhos especificamente os animais como é o caso do desenho nº 18, 19, 21 e 28. Os desenhos nº 20 e nº 25, apesar de não estarem tão elaborados a nível gráfico, pois são crianças que ainda estão a entrar numa fase inicial esquemática, eles mencionam-nos aquando o seu registo.

Quanto às pessoas para colocar na cidade, apesar de nos desenhos, aliás como já referenciamos anteriormente, estes não estarem representados graficamente, as crianças sentiram necessidade de as “construir” e colocar lá. A cidade só faz sentido se tiver pessoas, pois estas é que dão sentido, utilidade e ordem ao contexto de vivência grupal e social a que

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

denominamos de cidade. O que foi importante observar é que as crianças dotaram de sentido próprio a cidade ao pedirem para modelar crianças e poucos adultos, como podemos ler, pela descrição abaixo referenciada.

Em pequenos grupos, as crianças foram-nos dizendo o que gostariam de moldar. A maioria optou por se representar a si próprio. Poucas foram as que quiseram modelar adultos *“Eu gostava de fazer uma menina para brincar no parque com outras meninas”*(Daniela); *“Posso fazer a minha irmã bebé? Assim ela podia brincar comigo na cidade”*(Maria); *“Eu quero fazer um pai, para passear o filho e ver os animais”*(Joana); *“Podíamos fazer muitos meninos para atravessar a passadeira”*(Dinis).³³

Observamos que a cidade continua a representar um local de brincadeira e descoberta e, onde as crianças podem coabitar com os animais de forma espontânea, o que, na realidade não é verificado.

Quando todas as crianças acabaram de moldar as pessoas e os animais, foi-lhes dada a oportunidade de as colocarem em qualquer lugar da maquete, sem a interferência do adulto. Verificou-se que as que tinham moldado os adultos, colocaram-no nos carros, *“Vou por esta mãe a ir de carro às compras”* (João Pedro); *“O pai está a conversar com o outro pai à beira da rua”*; ou a tomar conta dos bebés *“A mãe vai passear pela cidade com o bebé”*, e as que tinham moldado crianças, colocaram-nas sempre perto dos espaços verdes, jardins e rios *“Olha! Eu vou por o meu menino a ver os peixes”*; *“Eu quero colocar a minha irmã a andar de baloiço”*; *“A menina vai brincar com os animais”*; *“Este menino vai brincar no jardim do prédio”*.

Quanto à escolha do local para colocar os animais, a maioria optou por colocá-los perto do parque infantil. Assim, segundo alguns, *“Podemos brincar no parque e fazer festinhas nos animais”*, *“Quando estivermos cansados vamos brincar na sombra com os bichinhos”*, ou então espalharam alguns cães e gatos pela cidade, tendo o cuidado de os colocar perto de crianças *“O meu cão vai ficar à beira deste menino, para brincar com ele”*³⁴.

A cidade ficou pronta e, para que todos os elementos da comunidade educativa e não só pudessem observar e apreciar o trabalho realizado por este grupo, esta ficou exposta na sala parque.

³³ Registo em nota de campo 10 de Maio de 2010

³⁴ Episódio registado em nota de campo em 11 de Maio de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Mas a cidade não tinha nome e alguns meninos das outras salas chegaram mesmo a questionar alguns elementos do grupo acerca do mesmo.

Em grande grupo, foi-lhes solicitado então que dessem algumas sugestões e que depois iriam escolher, de forma democrática, o nome.

No início, observamos que houve algumas dúvidas por parte das crianças. Algumas sugeriram nomes de cidades conhecidas, como Braga, Porto, Madrid, Benfica ou nomes próprios como José, Maria, entre outros.

A educadora explicou-lhes que teriam de escolher um nome diferente e adequado a todo o trabalho que tinham desenvolvido ao longo do ano acerca da cidade.

Começou por lhes relembrar tudo o que as crianças tinham feito especificamente na maquete e dos temas que tinham sido abordados por eles. Então, uma das crianças levantou o dedo e perguntou “- *Podia ser a cidade das flores?*” A educadora respondeu-lhes que sim, mas que gostaria de saber o porquê daquele nome. A criança reflectiu e respondeu “*Fizemos tantas flores, para ela ficar mais linda...*”

A sugestão ficou, mas mais nomes surgiram: A cidade das plantinhas, a cidade linda, a cidade cheirosa, a cidade das árvores, a cidade bonita e a cidade dos meninos.

O difícil foi escolher, sendo necessário ir a votos. À medida que a educadora ia dizendo os nomes, as crianças que gostariam que ficasse aquele nome teriam de levantar-se. Na primeira volta, houve um empate, sendo necessário repetir a votação. Novo empate: das 24 crianças, 12 optaram pelo nome da Cidade das Árvores e as outras 12 pelo nome da Cidade dos Meninos.

Uns achavam que a “*A nossa cidade tem muitas árvores... dão o oxigénio*”; “*é muito linda cheia de árvores verdes*”; os outros diziam que devia-se chamar Cidade dos Meninos, porque “*Fizemos muitos meninos para a cidade...*” “*Os meninos gostam de brincar na cidade*”. Um dilema para resolver. Como nenhuma das crianças optou por alterar a sua opinião, a educadora propôs-lhes ser ela e a auxiliar a desempatar a votação. Como todas concordaram, a escolha recaiu sobre o nome “Cidade dos Meninos”. Afinal tinham sido “*os meninos que a construíram com muita dedicação e empenho e, assim seria uma homenagem a todos*”³⁵

Um forte aplauso ouviu-se e todos demonstraram alegria pelo nome. Afinal a participação deles tinha sido compensada.

³⁵ Episódio registado em nota de campo em 11 de Maio de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

“A decisão das crianças sobre aspectos que dizem respeito às opções que se colocam no quotidiano escolar possui uma iniludível dimensão política e põe em relevo a necessidade que as crianças têm de dirimir entre valores e opções distintas (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007: 14).



Fotografia nº 28 – Maquete exposta na sala de acolhimento

Autor: Anabela



Fotografia nº 29 - Pormenores da cidade

Autor: Luís 4 anos



Fotografia nº 30 parque infantil da maquete

Autor: Daniela 4 anos

5.4. Síntese e conclusão

Este capítulo não é um mero relato dos factos e da ordem dos trabalhos que deram origem à construção da maquete representativa da cidade infantil. Foi sobretudo uma forma de ter acesso e analisar as representações sociais que as crianças envolvidas nesta investigação tinham sobre a sua cidade. Utilizando como suporte a análise dos desenhos e a observação directa, participante e interventiva. “Articular o imaginário com o conhecimento e incorporar as culturas das infâncias nas aprendizagens – firmar a educação no desvelamento do mundo e na

construção do saber – pode ser o modo de construir novos espaços educativos” (Sarmiento 2008).³⁶

Não foi também por acaso que esta dinâmica grupal foi das últimas actividades a ser desenvolvida. O intuito era também o de observar as mudanças ocorridas entre os primeiros registos acerca da cidade de Braga e os aspectos salientados pelas crianças ao longo da construção da maquete.

Desta forma e em jeito de conclusão, podemos referir que se tratou de uma dinâmica que veio promover um espaço de partilha e experiência de cidadania. Não faltaram momentos de fantasia, como vimos na escolha das cores das casas. Porém, o ingrediente “realidade” fez-se presente ao longo de toda a construção. As crianças demonstraram olhares críticos sobre a perspectiva da cidade, apelando à noções de direitos e deveres, posicionando-se na perspectiva do outro e no impacto das suas acções no futuro ambiental, por exemplo. A cidade construída não deixou de ter dimensões de grande importância como: dimensão urbanista, o elemento base que é a rua, a dimensão ambiental e recreativa, o que revelou uma grande capacidade de ajustamento à realidade experienciada. Mas se quisermos, podemos ir ainda mais longe e assumir que até uma dimensão funcional, ou seja, de uma cidade que “funcione” e resulte, pode ser analisada, por exemplo quando as crianças chamam a atenção para a largura das ruas de modo a serem operacionais para os carros e para os peões, demonstrando a necessidade de utilidade de todos os seus elementos constitutivos.

Por fim, podemos ainda salientar este exercício grupal como tendo sido uma excelente experiência de aprendizagem para atitudes de consciencialização cívica e ambiental.

Podemos ainda acrescentar que as representações infantis acerca da cidade estão certamente mais ajustadas ao ideal do que à realidade actual mais adultocêntrica. As crianças projectaram e perspectivaram espaços infantis, o que era de prever a partir do momento que estes espaços são realidades vividas. Projectaram-se naquela cidade que sentiram como sua, algo que não acontece na cidade de hoje. Com efeito, nos desenhos acerca da rua e da própria cidade, a criança raramente foi desenhada, embora os desenhos dos espaços lúdicos e recreativos tivessem sido projectados para as crianças puderem lá brincar. Isto diz-nos que, definitivamente, as nossas cidades não estão voltadas ou direccionadas para as crianças e que

³⁶ Sarmiento, Manuel Jacinto (2008). Discursos sobre a Infância e as Culturas Infantis – Uma abordagem Sócio-antropológica. Braga. Universidade do Minho. Power Point cedido pelo autor.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

não servem de palco para aprendizagens sociais e cívicas. As crianças não demonstraram sentir a cidade como sendo delas.

Enquanto este panorama não se alterar por meio de modificações na sociedade em geral, cabe aos jardins-de-infância e instituições educacionais não fazer esquecer que as cidades também são para e das crianças, enquanto seres sociais e cidadãos que são. Temos o dever de continuar a promover actividades na cidade e dirigidas para a cidade, uma vez que esta revela-se um excelente contexto de formação, quer para questões de cidadania, quer para questões sociais, ambientais e políticas.

CAPÍTULO VI

A criança e a política da cidade

6. A política da cidade e a Criança

6.1. O espaço da criança na política da cidade

Apesar de hoje em dia se reconhecer a Infância como sendo um grupo social com um conjunto de direitos, nem sempre estes são aplicados na prática. Ainda vivemos numa época em que as crianças se caracterizam por uma certa “invisibilidade”.

Rodríguez³⁷ (2009) afirmou que a Infância ainda não é concebida como um problema público, sendo na maioria das vezes, excluída de muitos aspectos da vida social, daí existir uma grande invisibilidade da Infância.

Para este professor, como para muitos outros, que fazem da sociologia da infância o seu campo de estudos, a criança é um ser com capacidades de questionar, de filtrar, de reconstruir a informação que vem dos adultos. A criança tem grandes capacidades criadoras e critérios que podem ser ouvidos pelos adultos, razão pela qual devem ser levados a sério. Se a participação dos cidadãos na sociedade é um dos princípios básicos dos Direitos do Homem, se essa participação implica a adopção de valores fundamentais como a igualdade, solidariedade e liberdade entre os indivíduos, então quem assegura essa participação das crianças, se também elas vivem em sociedade?

Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança, a opinião e a participação infantil são dois princípios fundamentais para assegurar o cumprimento dos direitos que as crianças possuem. “ A criança tem o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre questões que lhe digam respeito e de ver essa opinião tomada em consideração” (Artº 12 da Convenção sobre os Direitos da Criança).

“A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.” (Artº 13 da Convenção sobre os Direitos da Criança).

Será que a opinião e a participação infantil não serão um instrumento imprescindível para o planeamento e a construção de espaços de cidadania na infância? Que participação?

³⁷Rodríguez, Ivan Pascual (2009).Conferência no IEC. La mirada sociológica: una aproximación nueva al mundo de la infancia? Universidade do Minho. Braga

Como sabemos, a ...

...“infância é especialmente prejudicada, entre todos os grupos e categorias sociais excluídas (nomeadamente, grupos étnicos minoritários, pobres, mulheres, pessoas idosas, etc), quer pela relativa invisibilidade face às políticas públicas e aos seus efeitos, quer porque é geralmente excluída do processo de decisão da vida colectiva” (Sarmento, Fernandes e Tomás 2007: 1).

Diversos autores debruçaram-se sobre a problemática das crianças e das cidades, empenhando-se em transmitir, de forma pragmática, aos decisores políticos e aos responsáveis pelo planeamento urbano, as percepções das crianças. É fundamental que não se deixe que o envolvimento das crianças no processo de mudança das cidades se torne um objectivo sem sentido, realçando a necessidade de todos os participantes no processo demonstrarem uma vontade séria de permitir que as perspectivas das crianças tenham influência no processo de estruturação e renovação da cidade, tornando-as sujeitos activos no processo de urbanização.

Apesar de ser frequente afirmar que as “crianças são o nosso futuro”, é necessário preparar adequadamente esse futuro atendendo a que “no presente, encontram-se afastadas do convívio colectivo, salvo no contexto escolar, e resguardadas da presença plena na vida em sociedade” (Sarmento, Fernandes e Tomás 2007: 5-6).

É pois, imprescindível, focarmos a importância capital da criança na sociedade, mais concretamente a importância que a sua participação tem na sociedade onde habita.

Apenas cidades que sejam capazes de unir esforços, através das suas famílias, dos seus agentes educativos, das suas associações, dos seus responsáveis políticos, das suas instituições privadas ou publicas serão cidades, que apesar de terem um longo caminho a percorrer, possam ser espaços favoráveis ao desenvolvimento e bem-estar dos seus habitantes.

Uma cidade que defenda efectivamente a participação das crianças, que venha a promover a experiência do cumprimento dos seus direitos e deveres será aquela cidade que permitirá que as crianças vivam plenamente a experiência como cidadãos autónomos e participativos. Isso implica uma grande necessidade de intervenção, de modo a transformar a nossa sociedade civil numa sociedade mais aberta aos pressupostos democráticos.

As crianças necessitam de ser incentivadas a participar activamente na reestruturação do ambiente urbano, tornando-o mais atractivo, seguro e acolhedor. Um ambiente urbano no qual existam mais espaços de interacção entre as pessoas, mais espaços onde as crianças possam “brincar”, circular, conviver umas com as outras de forma livre.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

É necessário, então, que os governantes tomem opções, tendo em conta a sustentabilidade do todo, evitando restrições excessivas, potenciando a qualidade das soluções propostas, não perdendo de vista o objectivo geral, que é transformar a cidade num espaço acolhedor para as crianças, tornando-as cidadãos activos e participativos. “A vida nas cidades, especialmente do ponto de vista das relações sociais, torna-se especialmente árdua, à medida que liberdade e autonomia individuais se conjugam com submissão à lei e respeito ao direito de outrem” (Castro, 2001: 113).

É importante ter consciência de que a organização da vida quotidiana em meio urbano é um problema social e político na medida em que é necessário saber e perceber se a vida urbana está organizada de modo a ter em conta as necessidades das crianças e seus problemas.

E, o mais importante é que se compreenda que:

“...a redefinição da cidadania da infância é o efeito conjugado da mudança paradigmática na concepção de infância, da construção de uma concepção jurídica renovada, expressa sobretudo na Convenção dos Direitos da Criança, de 1989, e do processo societal de ampliação das formas de cidadania, a partir de uma acção assertiva e contra hegemónica” (Sarmiento, Fernandes e Tomás, 2007: 6-7).

As crianças, se forem ouvidas, poderão dar contributos inovadores para o melhoramento dos espaços urbanos e sociais, que certamente contribuiriam para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Mas muito ainda há por fazer, na medida em que “as tomadas de decisão relativas à organização dos espaços públicos estão cercadas de barreiras relacionadas com a linguagem tecnocrática e com estilos de negociação do planeamento dos espaços que não consideram plausível ou desejável a integração das vozes das crianças” (Sarmiento, Fernandes e Tomás 2007: 8).

Mas esta ideia de participação social das crianças implica também uma acção maioritária e visível da própria sociedade.

Para isso é necessário que a sociedade promova e crie um pacote de oportunidades, e que haja uma mudança no próprio sistema estrutural, perspectivando a mudança.

6.1.1. Participação das crianças no Desfile de Carnaval

As festividades de carnaval são uma excelente oportunidade para as crianças, sobretudo os mais pequenos se fazerem ver e ouvir. Altura propícia para dar asas à imaginação e à

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania expressão dramática, mesmo porque como diz o ditado popular, “no carnaval ninguém leva a mal”, é no cenário de cores e musica popular que as crianças têm oportunidade de viverem, experienciarem a cidade e esta passa a ser palco da participação política dos mesmos. Óbvio está que essa participação apenas faz sentido com a contribuição das instituições educativas que por sua vez preparam, esquematizam e estruturam a participação infantil de forma cívica.

Proporcionar às crianças momentos de alegria, confraternização e diversão nas ruas do centro da cidade é um dos marcos desta época festiva que é o Carnaval.

Ao longo de uma semana, as crianças são levadas a realizar e a participar em actividades relacionadas com o Carnaval.

As salas são enfeitadas com palhaços, imagem quase icónica do Carnaval, máscaras, fitas, balões, mas o que mais as agita é a participação delas no desfile.

Durante os primeiros anos de abertura da Instituição, era prática comum aderir ao desfile proporcionado pela Câmara de Braga, geralmente realizado na sexta-feira da semana anterior ao Carnaval.

Essa participação deixou de se fazer sentir, por diversas Instituições de Solidariedade Social, pois a Câmara não proporcionava as mesmas regalias que aos Jardins de Infância e escolas do Concelho, sobretudo a nível do transporte, limitando a participação de algumas instituições que devido a carências muitas vezes de índole económica vêem-se impossibilitados de participarem nestes eventos culturais e sociais.

O dia começou muito agitado. Uma a uma as crianças iam chegando à sala alegres e bem-dispostas. Apenas duas mostraram algum desagrado.

A Instituição tem como lema fantasiar as crianças de acordo com o tema do Projecto Educativo e como este ano é sobre a expressão dramática, as fantasias escolhidas foram os Mimos. A intenção é a de sensibilizar os cidadãos que a expressão dramática é tão importante para o desenvolvimento da criança, como qualquer outra área de desenvolvimento.

Depois de estarem todas fantasiadas, era chegada a hora de sairmos da Instituição, rumo ao Centro da Cidade.

As crianças sentaram-se na camioneta, alugada, e imediatamente procuraram os cintos para sua segurança. Este hábito já está tão enraizado nelas, que logo que se sentam procuram o cinto de segurança e, se por acaso, alguma das colaboradoras não o coloca, são os primeiros a chamar a atenção para o facto.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

A camioneta chegou à Praça Conde de Agrolongo e rapidamente as crianças começaram a ser colocadas em fila, pois estávamos atrasados, e este ano era a Instituição a estar à frente do desfile.

Quando chegamos à Praça do Município, algumas dezenas de crianças, aguardavam que o desfile começasse.

“- *Tantos meninos... que giros que estão!*”- apontou a Ema para a Praça.

“- *É mesmo... que fixe...*”- respondeu-lhe o Leonardo.

A conversa ia animada, e rapidamente as crianças da Instituição se juntaram às outras para iniciarem o desfile.

Apitos, canções, balões! Era quase impossível ouvir o que elas diziam. Um olhavam para as ruas, outras cantavam, outras ainda iam apontando para alguma loja ou objectos que lhes chamavam a atenção.

O trajecto da praça do Município até à Avenida Central demorou cerca de 30 minutos. Apesar de observar que algumas já estavam um pouco cansadas, nenhuma o disse ou comentou. Ao longo do trajecto duas crianças da sala dirigiram-se à educadora e pediram-lhe a máquina Fotográfica.

“- *Anabela, tu disseste que podíamos tirar Fotografias, emprestas a máquina Fotográfica?*”- pediu o David.

“- *Claro que te deixo tirar Fotografias, mas vais tirar Fotografias a quem?*”- questionou a educadora, fingindo-se surpreendida.

“- *Aos meninos no Carnaval. Deixas?!*”- interrogou.

“- *Tira lá as Fotografias, tens é que ter cuidado para não a deixares cair.*”- respondeu a educadora, explicando de seguida como é que ela funcionava.

Mais duas crianças se dirigiram à educadora para lhes deixar tirar algumas Fotografias aos colegas.



Fotografia nº 31

Autor: David 4 anos

O desfile chegou à Avenida Central. Ai, as crianças tiveram a oportunidade de se sentarem na relva e descansarem um pouco.

Mas rapidamente a relva serviu de palco de correrias e brincadeiras. O cansaço havia desaparecido, dando espaço à brincadeira.

O maior problema surgiu quando algumas crianças calcaram excrementos dos animais.

“ – *Olha, aqui tem cocó dos cães?!...*” - exclamou o João Pedro, chamando os colegas que se juntaram logo para observar.

A brincadeira teve de ser interrompida, pois constatou-se que aquele espaço verde estava demasiado sujo, para que as crianças pudessem continuar a suas brincadeiras.

Estas tiveram que ser colocadas nos passeios, onde novas brincadeiras surgiram. Os bancos serviam de esconderijos, e de escorregas.

“- *Vamo-nos esconder, atrás daquele banco?*”³⁸ - convidou o Hernâni, apontando o banco aos colegas, que imediatamente entraram no jogo.

Daí estarmos de acordo com Nochis (1994) quando afirma que “toda a rua, árvore, viatura, e fachada pode-se tornar no teatro de um evento em que ela participa sem preconceitos e que marcará a viagem da criança por uma série de emoções que verá comprovadas pelas interrogações suscitadas ou pela apreensão de uma série de emoções” (p.83)

A camioneta estava a chegar e as brincadeiras tiveram que ser interrompidas. Algumas ainda tentaram fazer mais umas brincadeiras, mas tiveram que “obedecer” aos adultos e um

³⁸ Episódio registado em nota de campo em 12 de Fevereiro de 2010

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

pouco aborrecidas lá se juntaram ao comboio, para atravessarem a rua ordeiramente, pois todos têm a noção que apenas o devem fazer se o sinal verde estiver verde para os peões.

O desfile teve um impacto positivo nos transeuntes, pois pudemos ouvir e observar alguns dos comentários que iam fazendo, à medida que as crianças iam desfilando pelas ruas do centro da cidade.

Uma das preocupações da Unisol é a de alertar os cidadãos para questões importantes e pertinentes, daí que quando faz o convite às Instituições associadas, é que estas tenham a preocupação para além de sensibilizarem as crianças para algum assunto importante, também o promovam junto da comunidade.

O desfile também foi alvo de notícia, como podemos ler no Correio do Minho.

“Centenas de crianças oriundas de onze instituições de solidariedade social do concelho protagonizaram ontem momentos de alegria e diversão nas principais ruas do centro da cidade.

O desfile de Carnaval da Uni-Sol primou, uma vez mais, pela criatividade e qualidade dos trabalhos e disfarces apresentados pelos mais novos. Os trabalhos demonstraram também a sensibilidade das instituições para temas da actualidade, como o ambiente, as expressões a multiculturalidade e a arte.

Através deste desfile, as crianças procuram ainda transmitir várias mensagens sobre a temática em que trabalharam.

Os ‘mimos’ do Centro Social da Paróquia de Ferreiros deram a conhecer uma das facetas da Expressão Dramática, tema escolhido pela referida instituição para este desfile. A concentração da pequenada teve lugar na Praça do Município. De seguida, e em desfile, os mais novos percorreram o centro da cidade em direcção à Avenida Central, onde decorreu a festa recheada de música, dança, foguetes.

Este foi um momento oportuno para os bracarenses apreciarem o excelente trabalho levado a cabo pelas várias instituições que levaram semanas a preparar os seus trabalhos. O resultado esteve, uma vez mais, à vista.” (Maia, 2010).

Como podemos ver, a participação das crianças foi também alvo de notícia pelos órgãos de comunicação social local. Mesmo com alguns obstáculos, como já referenciamos, as instituições educativas devem fazer por salvaguardar toda e qualquer intervenção infantil nas cidades, ainda que através do espectáculo ou do humor e até mesmo da fantasia, pois estas para além de serem características intrínsecas à condição infantil são também reconhecidas pelo adulto e muitas vezes utilizadas como sátiras aos organismos públicos. Ou seja, cabe também e

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania sobretudo às instituições educativas zelar pelo cumprimento dos direitos da criança, sobretudo os que dizem respeito à sua participação e intervenção no domínio público das cidades e convívio colectivo.

6.2. A Cidade proporcionadora de cultura e lazer para os mais novos?

Uma das preocupações dos poderes públicos em diversos países, e Portugal não é excepção, é a de promover acções que visassem a democratização da cultura e que o seu acesso fosse acessível a todos. Contudo, como grande parte da população não tem muitas vezes, acesso à fruição cultural, estando limitados por múltiplas variáveis (económicas, falta de tempo, entre outros), esta realidade nem sempre se observa. E isso verifica-se nas famílias das crianças da Instituição, que, na sua maioria, não frequentam ou raramente assistem a eventos culturais.

“Por algum tempo, acreditou-se que o essencial era construir centros de cultura ou incentivar a frequência a museus ou teatros, desenvolver políticas de facilitação de acesso à cultura que trariam, quase que automaticamente, uma resposta positiva da população antes excluída deste terreno. A experiência mostrou que isto não bastava, e que uma mudança fundamental de paradigma era necessária: não se trata mais de se falar em democratização cultural, que foi o objectivo central da maioria das políticas culturais pelo mundo afora. Trata-se sim, de aceitar a diversidade de padrões de cultura e, considerado o conjunto do que é produzido e colocado à disposição”(Botelho, s/d)

O Teatro é uma maneira de aumentar a confiança da criança e promover a interacção social, além de fomentar a valorização para as artes dramáticas. É importante que os jardins-de-infância criem paixão por esta arte nas crianças, dando-lhes a conhecer valores e mostrar a importância do trabalho em grupo são alguns dos resultados práticos que se pode obter com este hábito.

Apesar de vivermos numa cidade atractiva cheia de cultura e tradições, onde a história e a religião vivem lado a lado com a indústria tecnológica, Braga não é uma cidade que aposte muito em eventos culturais para crianças em horário escolar.

Já são vários os anos que a instituição tenta levar as crianças a diversos espectáculos de Teatro, sejam de marionetas, Teatro infantil, entre outras modalidades e apenas nos recordamos de assistir no Theatro Circo a um espectáculo adaptado às crianças, em horário lectivo.

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania

Daí nos deslocarmos pelo menos duas vezes no ano ao Porto, para assistirmos a algum evento cultural adaptado às crianças e em horário escolar. Neste dia, fomos ao Porto ao Teatro de Marionetas.

A maior parte, se não a totalidade do grupo, apenas foi assistir a este tipo de eventos connosco e nunca com os pais. E, isto porque alguns pais, antes de assinarem a autorização, vieram falar connosco acerca de alguns receios que os seus filhos demonstraram em relação à ida ao Teatro. Acham uma actividade muito útil para o seu desenvolvimento cultural, mas raramente têm algum tempo para acompanhar os seus filhos a estes eventos e, segundo a opinião de alguns, Braga não *“Incentiva muito este tipo de eventos...”* Por um lado, são quase sempre à noite e os preços nem sempre são acessíveis a todas as carteiras.”

Se folhearmos a agenda cultural da cidade, podemos ver que raramente o Theatro Circo proporciona algum espectáculo para crianças em horário lectivo, excepto, talvez na época natalícia. Inclusive ao domingo está fechado.

A biblioteca Lúcio Craveiro ainda proporciona alguns eventos, mais ligados aos livros, histórias ou a algum tema actual. Daí procurarmos outras alternativas e o Porto é uma dessas alternativas a este tipo de eventos culturais, na medida em que se trata de uma cidade que proporciona e oferece uma panóplia de eventos culturais infantis ao longo de todo o ano.

6.3. Síntese e conclusão

É, raro o poder político, que não inclua na sua agenda as crianças, manifestando interesse na preservação da infância, falando por elas e em nome delas. Contudo, as crianças continuam a não ser ouvidas na sociedade. São os adultos que tomam as decisões consideradas mais convenientes por elas, aduzindo que, estão a tomar as atitudes e decisões mais assertivas para o desenvolvimento da sua cidadania enquanto membros de uma sociedade e cultura.

Promovem a democracia e a cidadania mas quando as crianças são incentivadas a participar nem sempre são ouvidas e tidas em consideração. As crianças continuam a ser, de certa forma, invisíveis para muitos decisores políticos.

Os saberes da infância, as produções infantis e a movimentação que a criança faz na cultura e na produção de conhecimento são pouco estimuladas e reconhecidas nas dinâmicas sociais das cidades

É através das interações sociais que se desenvolvem na cidade que a criança começa a compreender-se a si mesmo e aos seus outros enquanto sujeito social, histórico e produtor de

A cidade também é nossa: Jardim-de-infância, espaço urbano e educação para a cidadania cultura, dando-se a oportunidade de construção da base inicial para uma vivência efectiva da cidadania. Como cidadãos, as crianças deveriam ter o dever cívico de, participar, contribuir, cooperar e incentivar os nossos governantes para que criassem mais condições propícias que as levassem a intervir de forma mais activa na sociedade.

Deste ponto de vista, era importante que a cidade de Braga, adoptasse e implementasse mais projectos e programas culturais, que visassem a promoção de uma cultura, especialmente direccionada para as crianças. Enquanto espaço de socialização e de cultura, a cidade de Braga, deveria constituir-se como foco privilegiado de actividades que permitisse às pessoas, incluindo as crianças, posicionarem-se face ao mundo.

Não basta criar espaços públicos para se estar/desfrutar é necessário que esses espaços estejam adaptados a todos os cidadãos.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos esta dissertação, surge primeiramente a necessidade de referir o extraordinário prazer que sentimos ao trabalhar ao longo de todo este tempo com crianças e conjugar o nosso campo de actuação profissional com esta investigação que se revelou deveras enriquecedora do ponto de vista prático e teórico.

Não é por acaso que Sarmiento (2004), refere que as crianças constituem-se como intérpretes culturais. Ao longo da investigação apercebemo-nos que as crianças são sujeitos sociais plenos, dotados de capacidade de acção, participação e ressignificação, capazes de produzir cultura em suas relações sociais (Borba, 2005). Reconhecemos que devem ser entendidas e compreendidas como sujeitos sociais de direitos que podem e devem opinar e participar acerca das decisões que influenciam as suas vidas.

Após a revisão da literatura, concluímos que as modificações sociais no modo de viver e sentir da nossa sociedade têm grande impacto na forma de viver e estar na infância. Referimo-nos, por exemplo, a aspectos como a institucionalização infantil em massa, onde as crianças passam mais tempo nas instituições educativas que nas cidades, na rua ou até mesmo nas casas onde vivem, sendo privadas de usufruir daqueles contextos que também lhes pertencem, sendo impedidas de crescerem e se desenvolverem como seres sociais conscientes e ao invés, de serem mais integrados numa cultura cada vez mais adultocêntrica e virtual. Deste modo, os Jardins-de-infância acabam por representar e significar uma espécie de sistema de socialização quase de primeira instância, pois cabe cada vez mais a estas instituições garantir a propagação de representações sociais ajustadas à uma mudança de mentalidades que se pretende ver conquistada no futuro. Desejamos, com este tipo de trabalho empírico e de intervenção de campo, que crianças que actualmente são excluídas do processo de participação social das escolhas e planeamento urbano, sejam um dia os rostos de uma política e gestão urbanas mais alargadas a todos os seus cidadãos, independentemente da sua idade, credo, ou classe social. Contudo, e porque sabemos das dificuldades e obstáculos inerentes a esta mudança de mentalidades, pretende-se com este tipo de abordagem, chamar à atenção para a possibilidade de participação e escolha das crianças na organização e reestruturação dos espaços urbanos, através da valorização dos significados, acções e representações sociais das crianças.

As actividades que foram levadas a cabo ao longo deste trabalho demonstram vivamente que as crianças são capazes de perspectivar e projectar um ambiente social e urbano não só

ajustado à sua realidade e necessidades, como também estão conscientes da complexidade das condições de co-existências da diversidade vivida e observada nos dias de hoje. Conscientes da perigosidade que assombra as ruas da nossa cidade, adoptando as mesmas representações sociais que os seus progenitores, as crianças nos desenhos que precederam a construção da maquete da “Nossa Cidade”, não ousaram projectar actores sociais à sua imagem e semelhança. Representaram espaços urbanos degradados, reconhecendo o real estado daqueles espaços que deveriam servir de palco para o seu desenvolvimento social e pessoal de excelência. Contudo, após as saídas ao exterior, as conversas orientadas para a mudança, apesar das dificuldades, reconheceram o seu lugar numa cidade de contexto urbano que hoje sabem que também lhes pertence. Neste sentido, e porque esta é a grande conclusão que retiramos deste trabalho, dada as modificações sociais que não pretendemos ignorar (e.g. famílias nucleares e cada vez mais monoparentais; proliferação de subculturas virtuais; ritmos de vida frenéticos e diversidade de consumismos), cabe às instituições educativas ocupar conscientemente o seu lugar na ressignificação social de uma infância promissora e capaz, saindo de trás das cortinas feitas nos teares do negativismo e sátiras gratuitas e ocupem o seu lugar na carruagem da mudança. De que modo? Oferecendo às crianças um meio através do qual essas possam cada vez mais interagir nos espaços urbanos da cidade onde vivem, e facilitar a sua mobilidade na mesma, reduzindo assim o fosso entre o desejável e real. Acreditamos que para que a criança adquira independência de mobilidade / autonomia ela precisa de viver e ver a cidade, precisa de habitar os espaços públicos com segurança e autonomia, precisa de participar na vida da cidade. A imagem ambiental contribui “positivamente” para o crescimento da pessoa como um organizador de conhecimento, um auxiliar importante para a integração social, para a capacidade de desenvolver actividades. Se a criança está capaz de mencionar a legibilidade dos seus ambientes físicos de vida, ela está capaz de realizar uma organização simbólica da paisagem, o que contribui para diminuir o medo de estabelecer uma relação emocionalmente segura entre ela e o meio ambiente, mais próximo ou mais longínquo (Malho, Neto s/d: 1)

É a partir das brincadeiras lúdicas, aliás, característica das culturas infantis, que as crianças apreendem e alicerçam os valores necessários para a sua formação enquanto indivíduos, capazes de num futuro próximo, levá-lo a agir de forma interventiva, participativa, crítica e justa, na sociedade.

Aliás como Sarmiento nos sugere que é importante:

“Articular o imaginário com o conhecimento e incorporar as culturas das infâncias na referenciação das condições e possibilidades das aprendizagens (...) pode ser também o modo de construir novos espaços educativos que reinventem a escola pública como a casa das crianças, reencontrando a sua vocação primordial, isto é, o lugar onde as crianças se constituem, pela acção cultural, em seres dotados do direito de participação cidadã no espaço colectivo.” (Sarmiento, 2003c: 16).

E ainda, porque conforme nos diz Paulo Freire:

“Foi a capacidade de olhar curiosamente, indagadoramente, o mundo em volta, contemplá-lo, assustar-nos, com o que preparávamos para mais tarde nos “espantar” diante dele, atuar sobre ele e perceber coisas ao actuar, ao olhar, ao contemplar. Aprender coisas sobre elas porque fazendo-as, ao mudar o mundo em torno. É a este processo de mudar, de transformar o mundo natural de que emergimos, de que decorre a criação do mundo da cultura e da história que feito por nós, nos faz e refaz, que venho chamando *escrever* o mundo antes mesmo de dizermos a palavra e muito antes ainda de escrevê-la.” (Freire 1991: 111)

Temos que dar voz activa às nossas crianças, pois elas poderão alterar muito o modo de vida futura das nossas cidades. Temos também que deixar de as ver como seres que nada têm a ensinar sobre estas questões sociais.

Muitas questões ficam ainda em aberto, questões essas acerca das quais iremos indagar num futuro próximo, mas consideramos este trabalho, um ponto de partida para uma viagem que ainda agora começou.

E concluímos assim o nosso trabalho com um parágrafo de Tonucci (2005), que acho particularmente elucidativo.

“Talvez os índios do mundo sejam justamente as crianças, indígenas de suas próprias famílias, de suas próprias escolas, de suas próprias cidades, porque as exigências delas não se modificaram com a mudança da política do consumo, nem com a globalização económica. Um grande potencial revolucionário que, no entanto, os adultos precisarão ter a coragem de desencadear, de contrário continuarão negligenciando-o e sufocando-o.” (Tonucci, 2005: 210).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A

AUCOUTURIER, Bernard (s/d). “Corpo, Identidade, Cidadania”. In IIIº Fórum de Projectos Educativos do Vale de Campanhã, *Identidade e Cidadania*. Santa Maria da Feira: Fundação para o desenvolvimento do Vale de Campanhã, pp. 13-29.

ARAÚJO, Maria de Fátima C. Galharda (2002). “Educação e Cidadania”. Texto policopiado, 5 páginas.

B

BARBALET, J. M. (1989). *A Cidadania*. Lisboa: Editorial Estampa.

BARRACHO, Carlos (2001). *Psicologia Social, Ambientes e Espaço*. Lisboa: Instituto Piaget.

BAUMAN, Zygmunt (2006). *Confiança e Medo na Cidade*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

BOGDAN, R.; BIKLEN (1994). S. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Editora.

C

CASTRO, Lucia Rabello de (1999). “A cidade, a Criança e o Jovem: Des-mapeamento Cognitivo ou Desarticulação Social?”. In CASTRO, Lucia Rabello de (org.), *Infância e Adolescência na Cultura de Consumo*. Rio de Janeiro: Nau Editora, pp. 141-160.

CASTRO, Lucia Rabello de (2001). “Crianças, Jovens e cidades: Vicissitudes da Convivência, Destinos da Cidadania”. In CASTRO, Lucia Rabello de (org.), *Subjectividade e Cidadania. Um estudo com Crianças e Jovens em Três Cidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, pp. 141-160.

CHRISTENSEN, Pia; O'BRIEN, Margaret (2003). “Childrens in the City. Introducing new Perspectives”. In CHRISTENSEN, Pia; O'BRIEN, and Margaret (ed.), *Childrens in the City, Home, Neighbourhood and Community*. London: Routledge/Falmer, pp. 1-12.

CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (2005). *Investigações com crianças: perspectivas e práticas*. Porto: Ediliber.

CHRISTENSEN, Pia, O'BRIEN, Margaret (2003). *Childrens in the City – Home Neighbourhood and Community*. London: Routledge.

CORSARO, W.A. (1997). *The Sociology of Childhood*. Thousand Oaks: Pine Forge Press.

D

DANIC, Isabelle; DELALANDE, Julie; RAYOU Patrick (2006). «Le monde enfantin en photos», in *Enquêter auprès d'enfants et de jeunes. Objets, méthodes, et terrains de recherche en sciences sociales*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 162-188.

DURKHEIM, Émile (2006). *L'éducation morale*. Paris: Éditions Fabert.

DEB (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico Novas Áreas Curriculares*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

DEBORTOLI, José Alfredo O.; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (org.) (2008). *Infâncias na Metrópole*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

F

FERNANDES, Natália (2002), *Infância e Direitos: notas para a construção da imagem da criança como sujeito de direitos*. Braga. Instituto de Estudos da Criança. (texto policopiado 25 páginas)

FIGUEIREDO, Ilda (1999). *Educar para a cidadania*. Porto: Edições Asa.

FORTUNA, Carlos (org.) (2001). *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Edições.

FONSECA, Aurora; PERDIGÃO, Ana (1999). *Guia dos Direitos da Criança*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.

FREIRE, Paulo (1999). *A educação na cidade*. Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel. São Paulo: Cortez Editora.

G

GOMES, Ana M. R., GOUVEA, Maria C.S. (2008). *A Infância na Metrópole*. Belo Horizonte: UFMG.

GONÇALVES, Jorge Manuel (2006). *Os espaços Públicos na Reconfiguração Física e Social da Cidade*. Lisboa: Universidade Lusitana.

GUERREIRO, Evandro Prestes (2006). *Cidade Digital, Infoclusão social e tecnológica em rede*. São Paulo: Editora Senac.

GRAUE, M. Elizabeth, WALSH, Daniel (2003). *Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

H

HUMMEL, Cornelia; REY, Jean-Charles; LALIVE D'EPINEY, Christian (1995). "Children's drawings of grandparents. A quantitative analysis of images". In Mike Featherstone e Wernick Andrew (ed.), *Images of Aging. Cultural Representations of Later Life*. Routledge: Londres e Nova York, pp 149 – 170)

J

JÚNIOR, Luiz Carlos Pinto da Costa (2006). *A linguagem na formação do Self e na socialização em Mead e Habermas*. Pernambuco: Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação e Sociologia.

L

LABORIT, Henri (1971). *O homem e a cidade*. Lisboa: Europa América.

LAMY, Brigitte (s/d). "Sociología urbana o uma sociologia de lo urbano". In *Estudios demográficos y urbanos*, vol. 21, 1 (61): pp. 211-225.

LEITE, Carlinda; RODRIGUES, M^a de Lurdes (2001). *Jogos e Contos numa Educação para a Cidadania*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional, Ministério de Educação.

LOPES, João Teixeira (2002). *Novas questões de sociologia urbana. Conteúdos e orientações*. Porto: Edições Afrontamento.

M

MELLOR, J.R. (1984). *Sociologia Urbana*. Porto: Rés.

N

NETO, Carlos (1999). *O jogo e tempo livre nas rotinas de vida quotidiana de crianças e jovens*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Acção Social.

NETO, Carlos (2003). *O jogo e desenvolvimento da criança*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana, Serviço de Edições.

NETO Carlos; MALHO Maria João (2004). *Espaço urbano e a independência de mobilidade na infância*. Boletim do IAC. 73, Julho/Setembro.

NOSCHIS, Kaj (1994). *Signification affective du quartier*. Paris: Librairie des Méridiens.

P

PAQUOT, Thierry (2005). "Les Enfants dans la ville". In *Ville École Intégration Diversité*. Poitiers: Scérén, n° 141, pp. 59-64.

PIRES, António Geraldo M.G (2006). "A rua como lugar de formação de cidadania, prazer e felicidade". In Carvalho J. E. (org.). *Lazer no espaço urbano: Transversalidade e Novas Tecnologias*. Curitiba: Champagnant, pp. 63 – 69.

R

ROCHA, Cristina, FERREIRA, Manuela, VILARINHO, M^a Emilia (2000). "Para uma sociologia da infância ao serviço de uma cidadania participativa das crianças". Actas do IV Congresso Português de Sociologia. *Sociedade portuguesa: Passados recentes, Futuros próximos*. Universidade de Coimbra, 17-19. Abril 2000, APS Publicações.

S

- SARMENTO, Manuel Jacinto, PINTO, Manuel (1997). "As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o espaço". In M. Pinto e M. J. Sarmento (org.). *As crianças: Contextos e Identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, pp. 7-30.
- SARMENTO, Manuel Jacinto (2002), *Imaginários e Culturas da Infância*. Braga: Universidade do Minho, IEC.
- SARMENTO, Manuel Jacinto (2003), "As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade". In *M. J. Sarmento e A. B. Cerisara* (org.). *Crianças e Miúdos. Perspectivas Sócio-Pedagógicas da Infância e Educação*. Porto: Asa, pp. 1- 22.
- SARMENTO M.J (2007), *Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produção simbólicas*. "Lição de Síntese Provas de Agregação". Braga: Universidade do Minho (policopiado).
- SARMENTO, Manuel J., FERNANDES, Natália, TOMÁS, Catarina (2007), Políticas Públicas e Participação Infantil. *Educação, Sociedade e Cultura* nº 25: 183-206. Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho
- SARMENTO, Manuel Jacinto (org.) (2008). *3C – Crianças, Cidades, Cidadania*. Braga: Universidade do Minho, IEC (policopiado).
- SARMENTO, Manuel Jacinto (2009). *Notas sobre a infância e a cidade*. Braga: Universidade do Minho, IEC (policopiado).
- SCHNAPPER, Dominique (2007). *Qu'est-ce que l'intégration?*. Paris: Gallimard.
- SIMMEL, Georg (1979), «Métropoles et Mentalité». In GRAFMEYER, Yves; JOSEFH, Isaac (org.), *L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris : Editions du Champ Urbain, pp. 61-77.
- SOARES, Natália Fernandes (2006). "A investigação participativa no grupo da infância". *Currículo sem fronteiras*, 6 (1): pp. 25-40.

T

THOMSON, Pat (2008). *Doing visual Research with Children and Young People*. Londres e Neva York: Routledge

TONUCCI, Francesco (2005). *Quando as crianças dizem: Agora chega*. Porto Alegre: Artmed.

TOURAINÉ, Alain (2005). *Un nouveau paradigme. Pour comprendre le monde aujourd'hui*, Paris, Fayard.

W

WALZER, Michael (1998). *Traité sur la tolerance*. Paris: Gallimard.

WEBGRAFIA

B

BOTELHO, Isaura. “Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para gestão pública Espaço e Debates”. *Revista de Estudos regionais e urbanos*. Nº 43/44. Consultado a 15 de Abril de 2010 em <http://www.economiacriativa.sp.gov.br/videoDocumento/documentos/São%20Paulo%20-%20equipamentos%20culturais.pdf>

C

Convenção dos Direitos da Criança (2004). Consultado a 17 de Julho de 2009 em http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

D

Direitos Humanos. Consultado a 07 de Março de 2009 em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-declaracao-dc.html>

F

FURTADO Alexandre (s/d). *Culturas da Infância*. Consultado a 29 de Julho de 2009 http://www2.dce.ua.pt/funcionarios/gomes/documentos/Culturas_da_Inf%C3%A2ncia.pdf

G

GADDOTI, Moacir (2001). “Dimensão política do projecto pedagógico”. *Escola, Participação e Cidadania*. Consultado a 26 de Abril de 2009 em <http://www.webartigos.com/articles/1188/1/escola-participacao-e-cidadania/pagina1.html>.

M

MAIA, Paula (12/02/2010), Crianças mostram criatividade nas ruas da cidade, correio do Minho. Consultado a 14 de Fevereiro de 2010 em <http://www.correiodominho.com/noticias.php?id=23044>

MALHO, Maria João (2003). “A criança e a cidade. Independência de mobilidade e representações sobre o espaço urbano”. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: *Reflexividade e Acção Atelier: Modernidade, Incerteza e Risco*. Consultado a 27 de Julho de 2009 em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628ed529c42d_1.pdf

MARTINS, Heloisa Helena T. de S.(2004). *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300. Consultado a 3 de Abril de 2010 em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

P

PACHECO, José (2006). Educar na cidadania. Escola da Ponte, Vila das Aves, nº155, Ano 15. Consultado a 12 de Abril de 2010 em <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=155&doc=11471&mid=2>

PINTO, Vítor F. e MEDEIROS, Octávio (s/d). “ Família - Sociedade - Estado”. *Congresso da Cidadania Activa*. Consultado a 29 de Março de 2009 em http://www.congressodacidadania.com/con_2_intfpinto.html

PLAISANCE, Eric (2004). *Sociologia da Pequena Infância Educ. Soc.* Campinas, vol. 25, n. 86, p. 221-241. Consultado a 16 de Junho de 2010 em <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n86/v25n86a11.pdf>

PROFICE, Christiana C., AMIM Valérie(s/d). *As representações sociais do meio ambiente: infância e ecossistema nas sociedades tradicionais*. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Consultado a 29 de Junho 2010 em http://www.uesc.br/viverbrincando/as_representacoes_sociais_do_mei.htm

T

TOLEDO, Francisco Soledó (2007). Consultado a 12 de Abril de 2010 em <http://pt.shvoong.com/social-sciences/1702455-ser-cidadão-hoje/>

ANEXOS

Anexo 1 – Declaração das crianças

DECLARAÇÃO

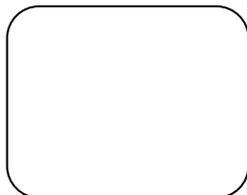
A



está a fazer um trabalho para a



E eu



estou no



Quero



(verde) participar neste trabalho, fazer



e tirar



Não quero



(vermelho) participar neste trabalho porque

Assinatura _____

Anexo 2 – Autorização dos pais

Autorização

Eu _____ encarregado de educação do aluno
_____ declaro que tomei conhecimento do teor
do trabalho de investigação “A cidade também é nossa” a desenvolver na sala dos quatro anos, do Jardim de
Infância do Centro Social da Paróquia de Ferreiros e que autorizo/não autorizo que o meu filho(a) participe na
realização do mesmo. (riscar o que não interessa)

Mais informo que autorizo, eventualmente, que o(a) mesmo(a) seja Fotografiado(a), salvaguardando sempre a
sua identidade, comprometendo-se a educadora a mostrar as Fotografias aos encarregados de educação antes da
publicação na investigação.

Braga, ____ de Dezembro de 2009

O encarregado de Educação,

Anexo 3 – Pedido de autorização para realização de investigação

Pedido de Autorização para realização de Investigação

No âmbito dos trabalhos de mestrado que estou a realizar, necessito de proceder, durante o ano lectivo de 2009/2010, a uma investigação de campo no Centro Social da Paróquia de Ferreiros, mais concretamente na valência Jardim de Infância, para qual venho solicitar a V. Ex.^a a necessária autorização.

O mestrado é realizado na Universidade do Minho, em Sociologia da Infância e o projecto tem o título provisório de *A Cidade também é nossa*, ou seja, pretende - se estabelecer uma relação entre as práticas de educação para a cidadania no Jardim de Infância e a visão das crianças sobre a cidade.

Os objectivos desta investigação são pois, compreender as representações e práticas que as crianças tem acerca da cidade, promoção de comportamentos e práticas sobre a cidade, desenvolver expositivos e competências de participação das crianças na cidade – cidadania participativa, envolvendo o colectivo adulto.

Para levar a efeito a nossa investigação temos como questões de investigação:

- Qual a relação das crianças do Jardim de Infância com a cidade? Que representações tem elas da cidade?
- Que tipo de actividades pode o Jardim de Infância promover para desenvolver a consciência urbana e a participação das crianças na cidade?
- Qual a rotina diária das crianças na cidade? Como se deslocam?
- Que espaços oferece a cidade às crianças em idade pré-escolar? E em que tipos de espaços urbanos se movem as crianças?
- Como é que as crianças interagem na cidade?

Elegemos experimentar nesta investigação um método que envolvesse trabalho colaborativo entre crianças, educadora/investigadora, pais, equipa educativa e comunidade em geral. Terá por isso uma abordagem qualitativa, pois é o que melhor se adequa a uma reflexão em profundidade e multifacetada, pelo diálogo ao longo da pesquisa, pela avaliação formativa de processos e pelas altercações que forem fazendo no decurso da investigação.

Relativamente ao método a ser utilizado nesta investigação e porque pretendemos agir sobre um problema da vida real e contribuir para o conhecimento e compreensão de

experiências práticas em contexto natural de sala de actividades e espaços urbanos, facilitando a colaboração e o retorno com os restantes participantes será a investigação/acção.

Na medida em que a investigação/acção pressupõe e constitui-se numa forma de questionamento reflexivo e colectivo realizado pelos participantes no processo.

Este método permite alcançar os objectivos traçados, isto, é, conhecer, analisar, esquematizar e generalizar alguns aspectos do processo de construção de novos conhecimentos e de novas práticas de cidadania e de pôr a descoberto espaços e mecanismos, assim como as dificuldades diversas a questões reais e pertinentes que eventualmente irão surgir ao longo do projecto.

Como instrumentos de recolha de informação teremos como suporte do projecto uma pesquisa e análise bibliográfica que contribuirá para a construção teórica do estudo, bem como a observação participante como técnica principal que permite apreender a realidade de forma intensiva acerca do tema.

Para uma observação ainda mais rigorosa serão feitos registos Fotografiográficos e áudio das crianças nas suas actividades diárias, salvaguardando sempre a identidade e privacidade das mesmas. Os desenhos das crianças, bem como todos os registos orais fornecidos pelas mesmas serão utilizados também como suporte da investigação,

Serão também realizadas entrevistas não estruturadas aos pais e equipa educativa (educadoras e auxiliares) denominadas de focus group.

A análise dos dados será efectuada através da análise de conteúdos da informação das notas de campo e reflexões nas várias fases das observações, dos registos escritos ao longo da intervenção, dos desenhos, das entrevistas focus group, das Fotografias.

É pois, para a realização desta investigação que, contando com a vossa colaboração, lhes solicito a competente autorização. Para um completo esclarecimento do projecto permito-me apresentar juntamente, as bases de colaboração.

Bases de colaboração

A Instituição envolvida disponibiliza-se:

- 1 – Permitir que durante o ano lectivo de 2009/2010 a investigadora possa fazer a sua investigação em contexto de sala, com as crianças que estão à sua responsabilidade.
- 2 – Favorecer a realização de entrevistas focus group à equipa educativa e encarregados de educação;
- 3 – Aceitar a gravação áudio e/ou vídeo, bem como registos Fotografiográficos das actividades escolares, sempre que seja conveniente.
- 4 – Contribuir, na medida das suas possibilidades, para o êxito da investigação.

A investigadora/educadora compromete-se a:

- 1 – Assegurar desde já as necessárias autorizações dos pais para a recolha dos desenhos, Fotografias, salvaguardando sempre a criança, registos orais das crianças, para a realização da investigação;
- 2 – Salvaguardar o anonimato da Instituição, se isso for solicitado, designadamente através do recurso a pseudónimo no relatório final;
- 3 – Fornecer uma cópia do manuscrito do relatório final, na parte respeitante à Instituição, aceitando discutir a totalidade do seu conteúdo e, em caso de discordância, incorporar a posição oposta na versão final.
- 4 – Contribuir para o bom êxito das actividades educativas, tendo sempre em atenção o Projecto Educativo, Projecto Pedagógico, as perspectivas das crianças, cumprindo sempre com as normas gerais da Instituição.

Braga, 01 de Dezembro de 2009

Anabela Soares de Sousa Loureiro



Centro Social da Paróquia de Ferreiros
NIF 503 151 351

Declaração

Na qualidade de Directora Pedagógica do Centro Social da Paróquia de Ferreiros, valência Jardim-de-Infância, declaro que autorizo a Ed. Anabela Loureiro a realizar a investigação em contexto de sala denominada "A cidade também é nossa", segundo o estabelecido no pedido de autorização.

Braga, 7 de Janeiro de 2010

Centro Social
A Directora Pedagógica

/Cecília Silva, Dr^a/

Anexo 4 – Guião de entrevista

Guião de entrevista

“Nas cidades as crianças devem poder partilhar espaços comuns onde se sintam em segurança. Espaços educativos, de lazer, de passeio. É nesses espaços que as crianças fazem a experiência da sua cidadania, da sua participação activa na cidade. Para isso é necessário perspectivar a cidade através dos olhos das crianças.

Certamente muitos de nós já nos questionamos acerca do que é feito dos espaços públicos, onde, outrora, brincávamos sem nos preocuparmos com os perigos.

Quanto de nós recordamos a nossa infância em que prevalecia a criatividade na apropriação do espaço urbano nas suas mais variadas formas de brincar, onde a rua, era o espaço de excelência dessas brincadeiras!...”

1 – Falem deste excerto.

2 – Digam se, hoje em dia, os vossos filhos (educandos) usufruem desses espaços públicos da mesma forma que outrora.

3 – os espaços urbanos actuais facilitam as relações sociais entre as crianças.

4 – As cidades estão concebidas para as crianças e contribuem para a aprendizagem da cidadania.

5 – Os pais e educadores devem ter um papel activo na promoção da consciência cidadã das crianças e ajudar-lhes a tornarem-se plenamente membros da comunidade.

Anexo 5 – Opinião dos pais encarregados de educação acerca dos parques infantis da cidade de Braga

TEMA: PARQUES INFANTIS DA CIDADE DE BRAGA

NA CIDADE DE BRAGA FORAM CONSTRUÍDOS NOS ÚLTIMOS ANOS, VÁRIOS PARQUES DESTINADOS ÀS NOSSAS CRIANÇAS. NO CENTRO DA CIDADE FORAM RECUPERADOS OS POUCOS PARQUES QUE EXISTIAM E QUE NESTE MOMENTO APRESENTAM BOAS CONDIÇÕES, QUER A NÍVEL DE SEGURANÇA COMO DE MANUTENÇÃO.

NAS FREGUESIAS PRÓXIMAS DA CIDADE FORAM CONSTRUÍDOS NOVOS PARQUES DE RAIZ, E ESTES APESAR DE SEREM NOVOS, APRESENTAM UMA MAIOR DETERIORIZAÇÃO DEVIDO AO MAU USO E À MÁ MANUTENÇÃO. ULGUNS DELES PECAM POR SE SITUAR NAS PROXIMIDADES DE RUAS/ESTRADAS COM MUITO MOVIMENTO, SEM QUE HAJA MUITA SEGURANÇA PARA AS CRIANÇAS.

NA NOSSA OPINIÃO O MUNICÍPIO DE BRAGA DEVERIA CRIAR MAIS E MELHORES CONDIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DE ACTIVIDADES AO AR LIVRE PARA AS CRIANÇAS. UM BOM EXEMPLO É A RECUPERAÇÃO DO PARQUE DA PONTE.

Ferreiros, 7 de Março 2010

OS PAIS DA ANA FILIPA, SALA DOS 4 ANOS

ANAFILIPA

Os parques de nossa cidade.

Para o bem estar dos cidadãos da nossa cidade os parques para crianças e adultos são cada vez mais frequentes.

A ideia de colocar parques infantis junto de zonas de exercício para adultos foi acolhida com muito bom agrado penso que por todos nós.

Mas infelizmente o que nisto mais me desagrada é o facto de as pessoas que frequentam estes parques nem sempre têm cuidados básicos com os mesmos, como o lixo e os dejetos dos animais.

Sem dúvida que uma vigilância constante em certos parques como por ex: parque das famílias, é estritamente necessária, também pelo facto de este ter acesso ao parque de ponte, recentemente recuperado e para que não volte ao que anteriormente o degradou. Sendo este para mim um dos parques mais belos de nossa cidade.

Note: Existe também uma falha grave, visto que recuperaram o parque de ponte e têm construído o parque das esmélias e têm-se esquecido completamente do acesso entre um parque e o outro, que continua extremamente degradado.

Olgas Rachado
da Atenção:

Parques Infantis em Braga

Como lazer é coisa séria, é pertinente falar de parques infantis e alertar para os perigos que eles podem esconder.

No que diz respeito aos parques infantis existentes na cidade de Braga, na minha opinião, estão mal equipados, não têm recomendações/directrizes sobre a prevenção de acidentes e apresentam algum estado de degradação.

Não basta fazer, é necessário cuidar deles e também não sei se posso lhes chamar “parques infantis” pois têm pouca diversidade de divertimentos, achava mais correcto dizer-se “mini - parques”. Ou será que um escorrega pequeno e dois cavalinhos é um parque!? Perto da minha casa existe um assim!

É verdade também que, as normas de segurança são pouco respeitadas ou até mesmo desconhecidas por grande parte da comunidade. Por isso, cabe às autarquias alertar para a prevenção de acidentes. Acidentes estes que podem ser graves, alguns deles até podem levar à morte da criança.

Os parques da nossa cidade, apresentam um aspecto pouco cuidado e penso que são alvo de pouca manutenção. Tenho a certeza que se houvesse mais fiscalização alguns ficariam interditos.

Mais vale poucos e bons do que muitos e fracos.

Assim, considero relevante destacar resumidamente algumas recomendações para a segurança dos parques infantis:

1- Designar a idade apropriada para uso de cada brinquedo do parque infantil. O brinquedo deve possuir identificações que determinem a qual faixa etária é destinado.

2- Instalar superfícies apropriadas em baixo e ao redor dos brinquedos. Essas superfícies devem absorver o impacto e não causar abrasão ou laceração da pele (borracha, produtos de cortiça e de madeira, areia e cascalho fino).

3- Recomendar supervisão adequada para crianças nos parques infantis. As crianças devem ser sempre supervisionadas, principalmente quando estão subindo, balançando e escorregando nos brinquedos.

4- Realizar adequada manutenção dos parques infantis. Inspeção certificada que deverá ser realizada por profissionais especializados.

Pois, qualidade produz brincadeiras seguras!!

Pais da Maria Francisca Lopes Bizarro – Sala 4 anos

REFLEXÃO CRÍTICA RELATIVA À DEGRADAÇÃO DOS PARQUES INFANTIS

A degradação dos parques infantis é uma cruel realidade que cada vez mais tem vindo a sofrer um acréscimo substancial em todo o país. É a olhos vistos, que se pode constatar que Braga é um dos Distritos que mais padece desta atroz deterioração, visto que, sofre constantes ataques de vandalismo e também devido à má manutenção e utilização dada pelos utentes que deles usufruem. Como é de conhecimento de todos os parques infantis constituem uma parte crucial da infância duma criança, na medida em que, permitem o desenvolvimento físico e intelectual, duas componentes importantíssimas da evolução e crescimento das mesmas.

Na minha opinião enquanto Encarregada de Educação de uma criança de 4 anos de idade, verifico frequentemente nas idas aos diversos parques infantis em Braga com a minha educanda que estes encontram-se muito deteriorados, com poucos acessos e condições rudimentares no que diz respeito ao piso (piso de borracha adoptado que provoca sistematicamente queimaduras nas crianças quando caem), ausência de árvores nestes espaços, tábuas partidas, pregos saídos, correntes soltas, falta de higiene, equipamentos danificados e/ou mal instalados e ainda falta de segurança nos mesmos, tudo situações que mais tarde ou mais cedo acabam por levar pais e filhos ao hospital com traumatismos ou lesões consideráveis. Contudo, de todos estes problemas salientados há um que particularmente me inquieta mais que é precisamente a falta de segurança nos parques infantis derivada da má localização dos mesmos ou da falta de cercas que os envolvam impedindo assim, que as crianças possam sair destes evitando os tão frequentes atropelamentos e “fugas” das crianças o

que muitas vezes causam os sustos e o alvoroço dos pais. Ao contrário do que muita gente pensa, efectivamente estas situações são frequentes e muito graves e principalmente, condicionam as idas aos parques o que por consequente condiciona os momentos de alegria das crianças despertados pelos parques. Aquilo que constato regularmente quando me dirijo a uma parque infantil com a minha educanda é que realmente a maioria dos que se encontram instalados nas freguesias situem-se muito próximo das estradas o que demonstra o perigo eminente ao qual as crianças estão sujeitas.

Em suma, penso que existe uma elevada necessidade das pessoas particularmente os pais e também jovens de preservarem e contribuírem para a adopção de hábitos cívicos tais como, a preservação das estruturas e o apelo essencial que deverá ser feito à Câmara Municipal para rectificar os erros implementados outrora na construção de alguns parques infantis em Braga e adoptarem desde já certas normas de segurança na construção de futuros parques.



Trabalho elaborado por:

Sofia Pinto

Anexo 6 – Ofício da Câmara Municipal de Braga



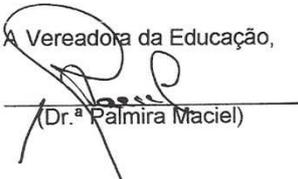
Ex.^{mo} (a) Senhor (a) Director
Centro Social da Paróquia de Ferreiros
R. Centro Social e Paroquial de Ferreiros
4705-335 Ferreiros – Braga

Sua referência	Sua data	Nossa referência	Nossa data
		Of. N.º S/91/DED/2010	19-04-2010
		050407 - Apoio a organizações particulares de ensino	

Assunto: Necessidades nos Equipamentos Infantis da Cidade de Braga.

Relativamente ao ofício da Sala do Teatro de Sombras (Sala dos 4 anos), datado de 01 de Março de 2010, a apresentar algumas sugestões de melhorias nos Equipamentos Urbanos da Cidade, nomeadamente no Parque Infantil do Campo da Vinha e na Avenida Central, informamos que as mesmas são sempre bem-vindas uma vez que o objectivo da Câmara Municipal de Braga é proporcionar boas condições de vida aos seus munícipes, independentemente da idade e permitir que os mesmos desfrutem com qualidade, dos equipamentos lúdicos disponibilizados. Desta forma, as sugestões apresentadas foram reencaminhadas para os Serviços competentes, aguardando-se o seu tratamento.

Com os melhores cumprimentos,

A Vereadora da Educação,

(Dr.ª Palmira Maciel)

Anexo 7 – Cartaz “A minha rua” elaborado pelas crianças

Cartaz a minha rua



Fotografia nº 1 – Cartaz afixado no painel da entrada da sala de actividades, intitulado a Rua
Autor: Anabela (educadora)

Anexo 8 – Fases de construção da maquete “A cidade dos meninos”

Fase 1 - Os Prédios e as casas da maquete da cidade



Fotografia n° 1 – Prédios para a maquete
Autor: Anabela (educadora)

Os prédios para a elaboração da cidade foram construídos com materiais de desperdício, tintas, pincéis, tesouras e papel autocolante de diversas cores.

Fase 2 - A Rua da Maquete



Fotografia n° 2



Fotografia n° 3



Fotografia n° 4



Fotografia n°5

Fotografia nº 2, 3, 4 e 5- Crianças em pequeno grupo a fazerem colagens para a construção da rua para a maquete da cidade.

Os materiais utilizados para a sua construção foram recortes de revistas velhas e coladas à posterior em papel de cenário.

Fase 3 - Os meios de transporte para a maquete



Fotografia nº 6
Autor: Filipa 5 anos



Fotografia nº 7
Autor: Filipa 5 anos

Fotografia nº6 e 7 Crianças em pequeno grupo a construírem os carros para colocar nas ruas da maquete da cidade. Os materiais utilizados são materiais de desperdício, caixas, tampas de garrafas, tintas, botões.



Fotografia nº 8
Autor : Francisca 4 anos



Fotografia nº 9
Autor: Francisca 4 anos

Fotografia nº 8 e 9 – Pormenor dos carros na rua da cidade da maquete – “Um autocarro, uma camioneta para levar “coisas” à loja, um carro para os meninos passear”.

Fase 4 - As pessoas e os animais para a maquete

4.1 – Modelando as pessoas



Fotografia nº 10

Autor: Anabela (educadora)



Fotografia nº 11

Autor: Anabela (educadora)

Crianças em situação de pequeno grupo a modelarem com plasticina pequenos “bonecos” onde se auto – retrataram a si mesmo. Fotografia nº 10 – “ Este sou eu para ir passear na cidade de carro”. Fotografia nº 11 “Quero fazer a minha mana para brincar comigo na cidade”.

4.2 – Elaboração dos animais para a maquete



Fotografia nº 12

Autor: Anabela



Fotografia nº 13

Autor: Anabela



Fotografia nº 14

Autor: Anabela

Crianças em pequenos grupos a decidirem quais os animais que gostariam de fazer para colocar na maquete da cidade.

Uns optaram por fazer cavalos e cães. Outros como o caso da menina da Fotografia nº que optou por fazer uma minhoca grande e colorida. A menina da Fotografia nº optou por fazer uma galinha. As penas tinham que ser coloridas.

Pormenores da maquete “A cidade dos meninos” exposta na sala parque da Instituição



Fotografia nº 15

A cidade construída pelas crianças (visão panorâmica)



Fotografia nº 16

Pormenor de uma “família a brincar com os filhos no jardim do prédio” (Filipa)



Fotografia nº 17

“Os meninos a brincar com os animais e a ver os peixes no rio” (Diogo)



Fotografia nº 18

O escorrega, as árvores e o baloço do parque infantil da cidade (David)



Fotografia nº 19

“Os peixes a nadar no rio azul que passa na cidade” (Ema)



Fotografia nº 20

“Os patinhos a subir a escada para nadarem no lago” (Daniela)

